

**CONFERÊNCIAS E
SERMÕES**

Conferências e Sermões

Do Pe. Manuel Nunes Formigão

A IMACULADA CONCEIÇÃO.

(Conferência nº. 1)

No dia de hoje celebra-se, em todo o orbe cristão, com as pompas solenes e os esplendores deslumbrantes e magníficos da Liturgia, uma das festas mais caras ao coração de todo o português que se preza simultaneamente de católico e patriota.

É a festividade da Imaculada Conceição de Maria, proclamada pelas Cortes Gerais da Nação, pouco depois do feito glorioso da reconquista da independência, em 1640, Padroeira de Portugal, com homenagem sentida de reconhecimento e amor para com a excelsa Mãe de Deus.

Neste dia de honra e de glória, o crente sobe, em espírito, através dos séculos e entra no recinto maravilhoso do Paraíso terreal. Aos progenitores do género humano, depois da queda e do merecido castigo, Deus, na sua misericórdia infinita, aponta o doce conforto de uma radiosa visão e anuncia a vinda de Cristo Redentor, na plenitude dos tempos.

Eva, cedendo à tentação da serpente maldita, arrastou Adão a desobedecer ao Criador; mas outra mulher, a segunda Eva, restabelecerá a justiça e a paz entre o homem e Deus, dando à humanidade o Messias prometido, o Salvador do mundo.

Os hagiógrafos do Antigo Testamento contemplam-na enquanto, segundo a expressão do vivo e imaginoso estilo oriental, avança como a aurora que surge radiosa no horizonte, bela como a lua, eleita como o sol.

Essa mulher sublime e incomparável, esperada e ansiosamente desejada pelos Profetas, por todos os justos da Lei Antiga, é a Virgem Santíssima. Na grande solenidade de tão fausto dia, os fiéis, com a alma a trasbordar do mais intenso júbilo e do mais vivo e ardente entusiasmo, unem-se à Igreja, sua Mãe, e repetem, cantando, em hinos de triunfo e de glória: *“Tu és formosa, ó Maria, e em Ti não existe a mácula original! Tu és a glória de Jerusalém, a alegria de Israel, a honra do nosso povo!”*.

Refere a História contemporânea que, quando à ditosa vidente das aparições de Lourdes, Santa Bernadete Soubirous, ainda há poucos anos elevada pela canonização às honras supremas dos altares, apresentavam quadros, estampas e estátuas, em que se pretendia figurar a maravilhosa Aparição das margens do Gave, ela abanava a cabeça e dizia melancolicamente: *“Oh, não era assim a linda Senhora que vi em Massabielle!... Não é Ela... Eu nunca vi uma senhora tão formosa como aquela”*.

Na verdade, não há, nem pode haver criatura mais excelsa, mais nobre e mais santa, do que a Virgem Santíssima. Obra prima saída das mãos da divindade, destinada a ser a Mãe do próprio Filho de Deus feito homem, Ela excede em grandeza e dignidade todos os Santos, todos os Mártires, todas as Virgens, todos os Confessores, os Profetas, os Apóstolos e até os próprios Anjos.

Maria é Imaculada!

É este o mistério inefável e altamente consolador que a Igreja soleniza todos os anos, desde 1854, neste dia, em todo o orbe católico.

Maria Santíssima, a gloriosa Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, foi preservada da culpa original, desde o primeiro instante da sua Conceição. A sua alma puríssima, logo que saiu das mãos de Deus, foi cheia de graça, santificada pelo Espírito Santo, na previsão dos méritos infinitos do Salvador.

Entre todos os homens, só S. João Baptista nasceu santificado, posto que não imaculado desde a sua conceição. Mas só a Virgem Santíssima, em virtude de um privilégio singularíssimo, foi sem mancha no acto da sua Conceição, milagre assombroso da omnisciência e da bondade onnipotente do Altíssimo.

Ela mesma, inspirada pelo Espírito Santo, o proclamou, num transporte indizível de gratidão, sobre a verde colina do Hébron, no cântico sublime e incomparável do *Magnificat*: *“O Omnipotente operou em mim grandes maravilhas e por isso bendito seja o Seu nome!”*.

À santidade, à majestade de Jesus, não convinha de modo nenhum que a Virgem destinada a ser sua Mãe tivesse sofrido, ainda que por um só momento, o jugo do demónio. E repugna que tenha havido um tempo, por mais limitado que fosse, em que

Deus não amasse aquela em cujo seio virginal havia de assumir a natureza humana o seu Filho Unigénito.

Tudo nos leva a considerar a Virgem por excelência formosa como a lua, eleita como o sol, uma lua sem sombras e um sol sem manchas. Os Santos, em todas as épocas, desde os primeiros séculos da era cristã, admiraram-na como uma cópia perfeita de Jesus e, por esse motivo, não puderam admitir Nela sequer uma só mácula, embora fosse a mácula comum de origem.

Exaltada pela sua excelsa e incomparável dignidade sobre todas as criaturas, devia elevar-se igualmente acima da condição de todos os outros filhos de Adão. E a Igreja, recolhendo a crença universal, os testemunhos dos Padres e Doutores e o desejo dos Santos e iluminada pelas luzes do Espírito Santo, na plenitude do seu magistério infalível, sancionou, finalmente, de modo mais solene, como dogma de fé, a Imaculada Conceição de Maria, no dia 8 de Dezembro de 1854, pela boca do Papa Pio XI, com o aplauso de todo o orbe católico.

Quatro anos mais tarde, a própria Virgem, aparecendo em Lourdes a uma humilde e inocente pastorinha, confirmava a definição dogmática do Pontífice Supremo com milagres portentosos e, ao perguntar-lhe a Vidente quem era e como se chamava, respondia, com voz maviosa e dulcíssima, numa atitude celestial, divinamente bela: *“Eu sou a Imaculada Conceição”*.

De altíssima transcendência, quer religiosa, quer nacional, foi, indubitavelmente, a alocução que Sua Santidade o Papa Pio XII, felizmente reinante, dirigiu a Portugal, em língua portuguesa, no dia 31 de Outubro último, por motivo do encerramento do Ano Jubilar das aparições de Nossa Senhora na Fátima.

A voz do Vigário de Cristo na terra, que todos os bons portugueses, a quem isso foi possível ouvirem com respeito, emoção e reconhecimento, confirmam a grandeza religiosa dos sucessos maravilhosos desenrolados há vinte e cinco anos, na Cova da Iria, e consagrou a repercussão internacional da mensagem de oração e penitência confiada pela Virgem Santíssima aos humildes videntes de Aljustrel.

Ouvida em todos os continentes, é documento sem precedentes na História que deve encher-nos de justa alegria e de profunda gratidão para com o Pai comum dos fiéis.

Mas de tudo quanto o Santo Padre disse, permiti-me que destaque neste momento a consagração que ele fez de Portugal e do mundo ao Imaculado Coração de Maria, a pedido do nosso venerando Episcopado.

É a segunda vez, em menos de cinquenta anos, que por intermédio do nosso país, a humanidade inteira beneficia de graças do Céu, insignes e especialíssimas.

TUDO SE ALCANÇA COM O AUXÍLIO DE MARIA

(Conferência nº. 2)

“Deus, que por Ela já salvou o mundo, parece querer, por meio dela ainda, salvá-lo de novo”.

Era assim que, no meado do século XIX, um dos maiores gigantes do pensamento e da pena, Luís Venillot, em genial visão de profeta, descobria e sintetizava os misericordiosos desígnios do Senhor sobre a pobre humanidade inquieta e revolta, sequiosa de verdade e de justiça e melancolicamente sentada à sombra do erro e da morte.

Já então de divisavam, embora vagos e imprecisos, os sinais portentosos que forneciam ao ilustre escritor e jornalista francês, a base imprescindível para estereotipar, em frase tão singela como admirável, o seu belo e dulcíssimo vaticínio. Mas, nos últimos tempos, esses sinais têm-se renovado em tão grande número e o brilho que deles irradia é tão vivo e tão intenso que não sofre dúvida que se aproxima rapidamente o ditoso momento da sua perfeita e cabal realização.

Na verdade, segundo o plano adorável da Providência, Maria, a Corredentora do género humano pela sua imolação dolorosíssima, posto que incruenta, em união com a

Vítima Divina do Calvário, está investida na missão sublime de Medianeira de todas as graças para conduzir Jesus às almas e as almas a Jesus.

Per Mariam ad Jesum!

Nas crises mais angustiosas que a história do mundo assinala, a augusta Rainha dos Anjos aparece sempre, como Mãe solícita e carinhosa, trazendo o bálsamo do conforto e da resignação para as dores físicas e morais dos indivíduos e dos povos, efeitos do pecado, necessários para satisfazer as exigências da justiça divina ofendida, e recordando que as obras de penitência e de reparação são as únicas que têm o condão de aplacar a cólera do Altíssimo e que nos habilitam a conseguir os nossos destinos eternos.

De Maria ununquam satis!

“*De Maria não se falará nunca bastante!*”. Deste modo se exprimia um dos doutores mais eloquentes e um dos apóstolos mais fervorosos da Santíssima Virgem.

E como é realmente agradável e consolador, ao mesmo tempo que justo e necessário, falar de Nossa Senhora, enaltecendo a sua altíssima e incomparável dignidade, *Ela é a Mãe de Deus*, frisando seu assombroso poder, *Ela é a Onnipotência* suplicante, evocando as suas acrisoladas virtudes, *Ela é a mais formosa e a mais santa de todas as simples criaturas*, meditando os seus admiráveis exemplos, *Ela é o modelo mais acabado de todas as perfeições depois de seu Divino Filho*, pondo em relevo a sua extrema bondade e a sua compaixão imensa pelas nossas misérias, *Ela é a Mãe de misericórdia que nos foi legada junto à Cruz, no alto do Calvário*, em testamento selado com o sangue preciosíssimo de Jesus, e, finalmente, fazendo ver quanto é preciso e quanto é eficaz recorrer com confiança à sua valiosíssima protecção, porque *Ela, Advogada nossa, Refúgio dos pecadores e Consolação dos aflitos*, pode e quer ouvir as nossas súplicas que Lhe dirigimos; pode e quer socorrer-nos nas nossas necessidades; pode e quer facultar-nos com profusão as graças preciosas e inesgotáveis dos tesouros celeste, de que *Ela é a prudente e generosa Despenseira!*

É a própria Santa Igreja que nos dá o exemplo deste recurso incessante à poderosa intercessão da Rainha do Céu, ela que, no decorrer do ano litúrgico, quis multiplicar as festas em honra da Mãe de Deus.

Precedidas das vigílias que as preparam e prolongadas pelas oitavas que as seguem, essas festividades, constituindo, em certo modo, à glória de Maria, uma homenagem e uma oração ininterrupta, são para todos nós outros tantos convites da nossa Mãe espiritual da terra a cantar, com entusiasmo e fervor, os louvores da nossa querida Mãe do Céu, a invocá-La, a amá-La e a servi-La, seguindo os seus exemplos, imitando as suas virtudes e cumprindo todos os nossos deveres de cristãos.

Uma das formas tradicionais, mais antigas e mais solenes, de honrar a Santíssima Virgem são, incontestavelmente, as peregrinações ou romarias, isto é, as visitas a Santuários colocados sob alguma das suas múltiplas invocações, onde Ela se digna atender mais pronta e favoravelmente as nossas preces e dispensar auxílios extraordinários.

As peregrinações já se usavam entre o povo eleito: todos os filhos de Israel deviam ir cada ano a Jerusalém, onde se erguia o grandioso templo de Salomão, nas três festas: da Páscoa, do Pentecostes e dos Tabernáculos, e Jesus Menino, como refere o Sagrado Evangelho (Lc. 2,41) também lá foi, na idade de doze anos, acompanhado de Nossa Senhora e de S. José, em cumprimento do que determinava a lei.

Não é nosso intuito falar aqui das peregrinações aos Lugares Santos e das peregrinações em honra dos Apóstolos, a Roma e a S. Tiago de Compostela, consagradas pela sua antiguidade e pela piedade dos fiéis de todo o mundo. Queremos ocupar-nos tão somente das peregrinações em honra da Santíssima Virgem.

A devoção para com a Mãe de Deus é, por assim dizer, inata na alma do cristão que a adquire, como adquire a fé, com o leite materno.

No lar verdadeiramente cristão, ela cresce e desenvolve-se cada vez mais, tornando-se para tantos, neste vale de lágrimas, que é a terra em que vivemos, um farol que ilumina, uma bússola que aponta a rota a seguir, um bálsamo que cicatriza e cura as feridas da alma e uma força invencível que ampara, conforta e impulsiona.

É nessa devoção, de individual tornada também colectiva, que têm a sua origem as festas dedicadas a Nossa Senhora. Foi Ela que fez erigir as modestas ermidas no cume dos montes e os templos espaçosos nas cidades e vilas e até nalgumas bem humildes aldeias. Graças a essa devoção, surgiram por toda a parte as basílicas

sumptuosas, as catedrais magníficas e imponentes e as grandes igrejas, criações estupendas da fé e da piedade dos crentes e símbolos encantadores da oração fervorosa que parece quererem elevar para as alturas nas cruzes dos seus campanários e nos flechas dos seus coruchéus.

E que dizer da devoção viva, enternecida e perene, dos portugueses para com a Virgem Santíssima?!

A nossa nacionalidade nasceu, como o demonstra a história, à sombra da Cruz e sob o manto maternal de Maria.

O culto de Nossa Senhora é contemporâneo das primeiras horas da nossa existência de povo livre e autónomo. D. Afonso Henriques, em seu nome pessoal e em nome da nação que representava, *por consentimento e aceitação comum de meus vassallos*, conforme a sua própria expressão, consagrou por voto Portugal à Mãe de Deus, de sorte que, na frase dum dos nossos mais notáveis escritores, “*o Portugal nascente foi colocado sob a protecção da Virgem, como criança débil que precisa dos favores do Céu para crescer e medrar e os olhos do povo português, desde a fundação da monarquia, se ergueram para Ela como para a estrela da manhã, Stella matutina, núncio duma nova nacionalidade*”.

Uma das manifestações mais características da devoção para com a Santíssima Virgem, em todas as épocas da fé viva, foram, como dissemos, as peregrinações aos seus Santuários mais importantes. Esses Santuários são justamente chamados lugares de graças. É ali que Ela ouve mais depressa as nossas súplicas. É ali que Ela costuma distribuir mercês extraordinárias. Eles são como que salas especiais do palácio do universo, de que é Rainha, onde habita dum modo particular e dá audiência a quem pretende receber as dádivas da sua munificência em paga dos sacrifícios que fez para poder comparecer na sua presença.

Quantas almas aflitas com a perspectiva de desgraças iminentes, quantas consciências torturadas pelo acúleo cruciante do remorso, quantos doentes proclamados pela ciência médica humanamente incuráveis procuram ansiosamente esses cantinhos do Céu existentes, de onde em onde, sobre a face da terra, para conjurar os perigos que ao ameaçam, a elas ou aos outros que lhes são mais caros, para obter o perdão das suas

culpas ou para deparar a cura das suas enfermidades! É o que provam os numerosos ex-votos pendentes das paredes e dos tectos dos templos dessas instâncias privilegiadas de oração.

As peregrinações aos Santuários e, designadamente, as peregrinações aos Santuários Marianos, foram sempre aprovadas, abençoadas e até promovidas pela Santa Igreja, nossa Mãe, que com o maior desvelo se interessa por tudo o que, nalguma medida, concorre para o bem espiritual ou temporal de seus filhos. É que os efeitos dessas manifestações religiosas, quando realizadas com o espírito de fé e piedade que as deve animar e que todas tiveram nos seus princípios, são salutareis e copiosos, contribuindo em larga escala para avivar a crença, afervorar a devoção, santificar e salvar as almas.

O peregrino põe de parte e esquece momentaneamente aos seus interesses materiais e as preocupações absorventes da sua vida quotidiana para cuidar com mais solicitude do seu bem espiritual, para orar mais e com maior atenção e devoção e para se aproximar com melhores disposições dos mananciais da graça que são os santos sacramentos da Penitência e da Eucaristia e, por conseguinte, com esperança segura de frutos óptimos e abundantes.

O peregrino, no Santuário que visita, tem ensejo de abrir a sua alma com mais sinceridade a um sacerdote que não conhece, reparando, não raro, confissões nulas e sacrílegas por falta de integridade ou de contrição e propósito firme e eficaz de emenda.

O peregrino, mercê dos grandes incómodos a que se sujeita e das despesas avultadas a que se obriga, pratica uma excelente obra de penitência que, propiciando Deus em seu favor, o torna mais dócil às inspirações do Divino Espírito Santo e lhe alcança benefícios especiais.

O peregrino com a sua piedosa romagem faz uma profissão pública de fé e dá testemunho de profundas convicções religiosas, realizando assim uma apreciável obra de caridade, porque, pelo seu exemplo, concorre para o avigoramento da fé de muitos cristãos e por ventura para a conversão doutros. Mas, como nas diversas instituições humanas se introduzem muitas vezes com o decorrer do tempo abusos e corruptelas que as fazem degenerar, o mesmo tem sucedido com as peregrinações. À medida que a fé

esmorecia e a piedade esfriava e se desnaturava na alma dos fiéis, as peregrinações iam perdendo pouco a pouco o seu carácter primitivo acentuadamente cristão, até de converterem em divertimentos profanos que são para muitas pessoas ocasião de se dissiparem e de pecarem mais livremente.

As peregrinações feitas nestas condições não contribuem de modo nenhum para a glória de Deus e para honra dos Santos, nem para edificação e santificação dos fiéis. Deus, portanto, não as aprova nem abençoa, antes as condena, e a Santa Igreja não pode deixar de verificar com profunda dor e indizível amargura que a maior parte delas, inteiramente desvirtuadas pela malícia e corrupção dos homens, são a causa da ruína e perdição de tantas almas.

Importa, pois, absolutamente e sem demora, promover a recristianização das romarias. É essa a vontade de Deus. É essa a vontade da Santa Igreja. E a augusta Rainha dos Anjos, descendo da mansão dos justos a esta pobre e pecadora terra de Portugal, bem mostrou aos humildes e inocentes pastorinhos, a quem se dignou aparecer seis vezes na Cova da Iria, a sua tristeza e a sua mágoa pela profanação das festas religiosas e quis dar-nos nas piedosíssimas romagens que há quase dezoito anos se realizam ao nosso maior Santuário nacional, o modelo das peregrinações que o povo português deve fazer a todos os seus Santuários. Em Fátima, aonde acorrem de todos os pontos do país e até do estrangeiro dezenas e às vezes centenas de milhar de peregrinos de todas as idades, classes e condições sociais, para prestarem as suas homenagens de veneração e amor à Rainha e Padroeira de Portugal, não há diversões, não se efectuam bailes que são, no dizer dos Santos, invenções do demónio para perder as almas, não se ouvem descantes, não estralejam foguetes e não tocam bandas de música.

Ali, os fiéis passam o seu tempo, de dia e de noite, em oração contínua e fervorosa, na meditação das verdades eternas, em exercícios de penitência e na assistência a actos religiosos, em manifestações individuais ou colectivas.

E é por isso que a Santíssima Virgem faz descer, naquela estância bendita do local das aparições sobre a numerosa multidão dos crentes, torrentes de graças e bênçãos celestes, convertendo os pecadores, afervorando os tíbios, consolando os

aflitos, curando os enfermos, levando a todas as almas de boa vontade a luz da graça, o conforto na tribulação, lenitivo e remédio para todos os males.

Urge, pois, restituir às romarias o seu espírito primitivo. Urge despojá-las de todas as superfetações profanas de que foram revestidas em épocas de pouca fé e de costumes relaxados. Urge torná-las autênticas e genuínas manifestações de fé e piedade cristã.

No primeiro ano do nosso Episcopado tivemos a indizível consolação de renovar solenemente a consagração da nossa querida diocese ao Sagrado Coração de Jesus. Todos se lembram ainda decerto do esplendor que revestiram as diversas festas que, com esse fim, o zelo dos reverendos párocos e a devoção dos fiéis promoveram por toda a parte, com grande edificação e proveito das almas.

Resta consagrar a diocese à Santíssima Virgem.

É uma dívida sagrada, dívida de amor e gratidão, que está ainda em aberto nos nossos corações para com Aquela que, sendo a Mãe de Deus, é também nossa Mãe e é, dum modo especial, Rainha e Mãe dos portugueses.

Que em toda a extensão da nossa diocese, de Bragança ao Tua, de Valpaços a Miranda, se levantem todos, pastores e fiéis, impulsionados pela força incoercível do mesmo pensamento e do mesmo sentimento, para, numa manifestação de fé e piedade, colossal e imponente, consagremos a diocese e com ela as nossas pessoas, as nossas almas e os nossos corações, à glória da Rainha dos Anjos!

É nosso intuito aproveitar, para a realização desse acto, um dos mais caros ao nosso coração de Bispo, a oportunidade que nos oferece a festa, tão cristã e tão portuguesa, da Assunção de Nossa Senhora. É nesse dia, 15 do próximo mês de Agosto, que costuma efectivar-se uma peregrinação, das mais célebres e concorridas de Portugal, ao venerando Santuário de Nossa Senhora da Assunção, de Vilas Boas.

Graças ao zelo dos seus párocos e ao espírito cristão e boa vontade dos fiéis, essa peregrinação acha-se já, graças a Deus, verdadeiramente recristianizada.

Ainda o ano passado nos foi dado o prazer de assistir ao espectáculo encantador que apresentava aquela mole imensa de romeiros, procedentes de todos os pontos da diocese, que, pondo de parte bailes e descantes, renunciando a todas as diversões

profanas, passaram o dia e a noite a orar e a cantar os louvores da Virgem bendita ou a preparar-se para receber condignamente os santos sacramentos da Confissão e da Comunhão.

Foi uma verdadeira apoteose à Rainha dos Anjos que redundou em honra dos habitantes daquela freguesia e que não pode deixar de atrair sobre eles os maiores favores do Alto.

Esta consagração que todos, pastores e fiéis, vão fazer connosco nesse dia, que há-de ficar gravado para sempre em letras de ouro nas festas da nossa muito amada diocese, será mais um laço de amor a prender os corações dos filhos ao Coração da Mãe do Céu; será um protesto bem veemente e bem solene da alma cristã contra as romarias paganizadas; será o renovar e o reviver da fé e da confiança na protecção da Santíssima Virgem, prestando-lhe o culto que Ela deseja e pede e esperando as graças de que precisamos e que a sua caridade imensa não nos poderá recusar.

Vamos todos, pois, todos os que pudermos, nobres e plebeus, ricos e pobres, jovens e anciãos, embora isso nos acarrete algum incómodo físico e algum sacrifício pecuniário apreciável, em piedosa romagem, ao monte sagrado da Virgem, onde se levanta o augusto Santuário de Nossa Senhora da Assunção, de Vilas Boas, a fim de depormos aos pés da gloriosa Rainha dos Anjos a homenagem da nossa veneração, o tributo da nossa confiança e o preito do nosso filial amor!

Que naquele dia abençoado a população de toda a diocese, prostrada junto do trono da Mãe de Deus, formando, digamo-lo assim, uma só alma e um só coração, *cor unum et anima una*, se dedique e consagre para sempre Àquela que é o Refúgio dos pecadores, a consolação dos aflitos e a Mãe de misericórdia!

É nosso veemente desejo que, em todas as freguesias da diocese, onde isso seja possível, os reverendos párocos promovam, no dia 15 de Agosto, uma numerosa e fervorosa Comunhão geral, em união com os peregrinos de Vilas Boas, preparada nos três dias anteriores com instruções e exercícios religiosos apropriados.

O dia 15 de Agosto em que se comemora um dos mais belos privilégios da Santíssima Virgem, deve assinalar o início duma nova era na vida religiosa desta diocese, de tão profundas e arreigadas tradições cristãs.

De futuro, seja banido das festividades religiosas tudo quanto concorra para converter em injúria de Deus e ruína dos bons costumes o que deve servir para prestar culto a Deus e aos Santos e a santificar as almas, enlevando-as nos gozos sobrenaturais do espírito.

Só assim é que essas festas serão o que por sua natureza e instituição devem ser: poderoso incentivo de virtudes e alta escola de amor puro, sobrenatural e divino.

Exortamos com toda a veemência da nossa alma as pessoas que acorrerem ao Santuário de Vilas Boas para festejar a gloriosa Assunção de Maria Santíssima a que se disponham a passar a noite de vigília o mais santamente possível, à semelhança do que se pratica em Fátima, rezando o Rosário, cantando em honra da Virgem e ouvindo instruções e exortações adaptadas à ocasião, longe de todos os (...)¹

APRESENTAÇÃO DO CONFERENCISTA

Dr. Carlos da Silva Tarouca

(Conferência nº. 3)

Ex.mo e Rev.mo Senhor,

¹ Conferência incompleta.

Meus Senhores,

Caros Seminaristas,

O Sr. Dr. Carlos da Silva Tarouca, a convite do Seminário, de que é hóspede ilustre, vai fazer uma conferência sobre S. Cirilo de Alexandria, cuja festa litúrgica se celebra no próximo Domingo.

Do ilustre Padre da Igreja que foi um dos maiores luminares da sua época e de todos os tempos, falará o distinto conferencista.

Eu limito-me tão somente a apresentar este nalgumas poucas palavras a fim de observar a praxe estabelecida, porque Sua Reverência sobejamente conhecido nosso e no mundo culto, rigorosamente não carece de apresentação.

Oriundo do ramo dos Condes de Tarouca que ficaram na Áustria no tempo de D. João V, o Sr. Dr. Silva Tarouca nasceu na Boémia em 18 de Março de 1883, formou-se em filosofia na Universidade de Insbruch especializou-se em História Eclesiástica, fez parte da redacção da revista *Civiltá Catolica* em Roma, foi nomeado conservador da Biblioteca Vaticana onde trabalhou com o respectivo prefeito, o sábio Cardeal Erhle e foi também professor de história eclesiástica, pelo espaço de 13 anos, isto é, desde 1926 a 1939, na Universidade Gregoriana.

Especializou-se em estudos acerca de S. Leão Magno, sobre cujo estado peculiar fez notáveis descobertas e publicou "*Fontes Histórias Eclesiásticas*", além de outros numerosos trabalhos em várias revistas.

Desde 1914, em que foi para Roma, logo depois de ordenado sacerdote, consagrou a sua especial atenção à história dos Papas dos primeiros séculos, de tal maneira que a crítica alemã o considera como a maior autoridade contemporânea nesta matéria.

O primeiro trabalho desta índole que deu à estampa, contém a mais antiga descrição da missa papal e foi publicado nas Actas Pontificias A. da Arqueologia, em 1923.

Em 1932 publicou (...)²

² Palavra imperceptível.

Publicou nos anos seguintes vários trabalhos de crítica sobre cartas dos Papas desde o século IV até ao século VIII.

Um dos mais relevantes serviços que Sua Reverência prestou à Ciência é incontestavelmente a grande edição das cartas dogmáticas de S. Leão Magno, segundo o melhor manuscrito que já não existe, por ter sido destruído na Biblioteca de Munique em consequência de um bombardeamento da aviação das Nações Unidas.

Por ordem de sua Santidade o Papa Pio XI, de saudosa memória, e de sociedade com o Dr. Erdmamm, muito conhecido no nosso país por causa das suas investigações nos arquivos portugueses sobre as cartas dos Papas, publicou em fac-símile as mais antigas dessas cartas, que existem no original.

No arquivo Tarouca, em Lisboa, descobriu o cancioneiro chamado de D. Maria Henriques, mas que de facto é a obra poética de seu pai D. Francisco da Costa, cujo túmulo se encontra no museu desta cidade de Évora, como o do seu avô. Essa recente descoberta, de um documento de apreciável valor literário e histórico, despertou, como era natural, o maior interesse entre o escol intelectual, não só de Portugal, mas também do estrangeiro.

D. Francisco da Costa fora nomeado nosso Embaixador em Marrocos depois da batalha da Alcácer-Kibir. A sua missão principal consistia em promover o resgate dos cativos. Pouco antes do seu falecimento, em 1589, conseguiu enviar à filha a sua obra poética, toda ou quase toda feita durante o cativeiro. Foi o próprio autógrafa que o Sr. Dr. Silva Tarouca descobriu.

O malogrado Embaixador, de ânimo generoso e cavalheiresco, obteve de alguns árabes ricos quantias avultadas para resgatar fidalgos cativos, ficando ele como refém, mas, com a perda da independência nacional e com o abandono a que o votou El-rei D. Filipe, não foi possível obter em Portugal a soma precisa para o pagamento da dívida contraída e o desditoso fidalgo morreu no exílio, longe da família estremecida, ralado de saudades da pátria e chorando a dura escravidão em que ele caíra.

Tais são, a largos traços, as notas biográficas e bibliográficas do Reverendo Dr. Carlos da Silva Tarouca, lustre da benemérita Companhia de Jesus, honra da sua pátria e glória das letras e da ciência.

A CRIANÇAS DA 1ª COMUNHÃO

(Conferência nº. 4)

Cartaxo, 15 de Junho de 1917.

Minhas meninas e meus meninos:

Aproxima-se o momento em que pela vez primeira Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, se vai unir sacramentalmente convosco. Momento solene há tanto tempo esperado, e tão ardentemente desejado!... O Deus do céu, descido sobre o altar, vai passar do altar para os vossos corações!...

Que deveis fazer? Que deveis dizer?

1º. *Fazei em primeiro lugar um acto de fé.* O Senhor está aqui. Ele vos diz: “*Sou eu, aquele Jesus a quem vós chamais, por quem vós suspirais*”. Dizei-lhe do íntimo de vossas almas; eu creio, Senhor; eu creio na Vossa palavra, eu creio na Vossa presença. Vinde em auxílio da minha crença, fortificai a minha fé. Os meus olhos não vêem aqui senão humildes aparências. Mas vós dissestes, Senhor, que são felizes aqueles que não viram e que acreditaram: *Beati Qui non viderunt et crediderunt*.

2º. *A este acto de fé juntai um acto de humildade.* Este Deus do céu, tão grande, tão puro, tão santo, perfeição infinita, a quem vem unir-se? A uma pobre criancinha, débil e frágil, já pecadora, já manchada pela culpa. Ah! Com mais razão do que Santa Isabel, exclamai: “*Donde me vem tão grande honra que o meu Deus, e não só a mãe do meu Deus, se digne visitar-me?*”. E com mais razão do que S. Pedro, dizei: “*Pois quê, Senhor, Vós Vos abateis até quererdes não somente lavar-me os pés, mas descer até ao mais íntimo do meu ser!*”. Com mais razão do que o centurião do Evangelho, protestai: “*Senhor, eu não sou digno de que entreis na miserável casa da minha alma*”. Como o centurião vós deveis bater também no peito e pronunciar com um coração humilde e contrito as mesmas palavras.

3º. Eu disse: ***com um coração humilde e contrito.*** A contrição vós a sentistes durante os dias abençoados da vossa preparação. O exame da vossa vida, à vista das vossas faltas, fizeram-na nascer nos vossos corações. Compreendestes o que é o pecado,

que injúria ele é para Deus, que mal faz à alma, que sofrimentos custou a Jesus. E vós vos arrependestes dele. E vós o detestastes. Neste momento, minhas meninas e meus meninos, detestai mais uma vez aqueles pecados que cometestes. Eles foram perdoados, é verdade, no acto da confissão, por meio da absolvição sacramental, mas dissei como rei penitente: *“O meu pecado está sempre presente ao meu espírito.”* Como ele, dissei ainda: *“Lavai-me, Senhor, purificai-me mais”*; ó Deus de pureza, criai em mim um coração puro que não tenha nada de comum com as impurezas do pecado.

4º. Jesus dizia aos Seus apóstolos no momento em que ia instituir o adorável Sacramento da Eucaristia: *“Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco”*. Nesta hora, vinte séculos depois, Ele repete, Ele nos dirige as mesmas palavras. Vós sois felizes como o foi o maior general dos tempos modernos que conservou sempre a lembrança do dia da sua primeira comunhão.

Napoleão I encontrava-se uma vez no meio dos chefes do seu exército e cada um deles recordava qual tinha sido para si a mais bela época da sua vida. O Imperador escutava-os silencioso.

“Senhores, disse ele de repente, sabeis qual é para mim o mais belo dia da minha vida?”.

- *Marengo*, responderam uns.
- *Austerlitz*, acrescentavam outros.
- *As Pirâmides*, exclamavam estes.
- *O dia da sagração!* Ponderavam aqueles.

O Imperador deixava-os dizer.

- *“Não adivinhais, observou ele por fim: o mais belo dia da minha vida foi o dia da minha primeira comunhão”*. Um sorriso discreto acolheu estas palavras. Só o general Dronot pareceu convencido.

- *“Muito bem, Dronot, muito bem, consola-me imenso que tu me hajas compreendido”*.

Comungai, pois, minhas meninas e meus meninos, e comungai com todo o fervor. Comungai por vós, em primeiro lugar: para obterdes vitória sobre os vossos

defeitos, sobre os vossos maus hábitos, para praticardes a virtude e para conhecerdes a vossa vocação e serdes fiéis a ela.

Comungai por vossos pais. Vós lhes deveis amor e reconhecimento; e que melhor maneira de pagar a vossa dívida para com eles do que solicitar de Deus as graças que lhes são necessárias? Graças de conservação da sua saúde e da sua vida; graças de conversão para os membros da vossa família que vivem longe de Deus e desprezam os seus deveres de cristãos; graças de resignação nas provações a que apraz a Deus submeter pessoas que vos são mais caras.

Pedi sobretudo que vossos pais vos dêem a santa liberdade de praticar o bem, que vos recomendem sempre o cumprimento da lei de Deus e dos mandamentos da Igreja, que vos recomendem a prática da virtude, que vos facultem a frequência dos sacramentos sem a qual não podemos viver cristãmente nem caminhar com segurança para o céu, nossa pátria querida.

Comungar por vossos mestres e por vossos condiscípulos, comungar pela Santa Igreja e por seu augusto chefe, o Sumo Pontífice Bento XV, pelos pastores das dioceses e pelos pastores das almas. Pedi para todos luz, sabedoria, prudência, firmeza, zelo e santidade.

Comungar pelo recrutamento do clero, para glória de Deus e salvação das almas, para que o Evangelho seja anunciado até aos confins do mundo, os pecadores se convertam e os justos se santifiquem.

Comungar por Portugal, pela nossa pátria terrena. Vós amais a vossa pátria e por ela, embora ainda tão novos, estareis prontos a derramar o vosso sangue, a dar a vossa vida. Mas há mais a fazer pela pátria. Há a solicitar para ela o indispensável auxílio de Deus, a fim de que possa resistir aos inúmeros e poderosos inimigos que conspiram contra a sua fé, as suas tradições e a vida católica: perigo mais temível do que o da violação das fronteiras nacionais e da invasão do território. Pois bem! Quando Deus vier ao íntimo do vosso peito, oferecei-lhe as súplicas ardentes dum coração dedicado aos verdadeiros interesses da sua pátria.

Comungar por aqueles que não são já deste mundo, pelas almas dos vossos pais, de vossos parentes, de vossos amigos, daqueles que vos foram caros por qualquer título;

essas almas esperam talvez da vossa caridade a esmola libertadora dumã comunhão que lhes abrirá as portas do paraíso.

Finalmente, dir-vos-ei ainda, comungai por Jesus Cristo. Sabeis o que é comungar por Jesus Cristo? É comungar para O compensar da frieza e esquecimento de tantos cristãos indiferentes e ingratos para com o seu Senhor e Redentor e que vivendo à maneira de animais, sem ideal e sem princípios, se entregam à satisfação das suas paixões, fazendo do prazer a regra única da sua actividade. É comungar para reparar os ultrajes de todas as espécies de que Jesus é a silenciosa vítima no Sacramento do seu amor. É comungar para reparar as ofensas e a cegueira daquelas almas resgatadas pelo sangue de um Deus e que, na sua insensatez, blasfemam contra o Senhor, como se um dia, talvez muito breve, não houvessem de morrer e de dar contas rigorosas de todos os seus actos ao Juiz Supremo dos vivos e dos mortos.

Tendo formulado a vossa intenção ou as vossas intenções particulares da comunhão, vinde, aproximai-vos da mesa santa. Vinde apesar das vossas misérias espirituais: defeitos, imperfeições, faltas veniais. Vinde, precisamente por causa dessas misérias, dessas imperfeições e dessas faltas, sabendo bem que a Eucaristia não é para o Céu mas para a terra; não é para os Anjos mas para os homens; não é a recompensa do mérito e da santidade, mas o meio de a conseguir. Vinde à sagrada comunhão, como o fraco procura protecção e amparo, o enfermo o remédio, o indigente a esmola, aquele que tem fome o alimento de que precisa. Vinde com uma fé viva, um puro amor ardente, com uma humildade profunda. Vinde e que Jesus, na sua infinita bondade e misericórdia, derrame a flux sobre as vossas almas cândidas de inocência os tesouros imensos das suas graças mais escolhidas e das suas bênçãos mais preciosas.

ANIVERSÁRIO DA MADRE LUÍSA

ANDALUZ

(Conferência nº. 5)

Minhas Senhoras,

Meus Senhores,

Meninas:

O dia que hoje passa é, como sabeis, um dia de festa, e de festa de grande gala, para duas prestimosas e florescentes instituições desta cidade: O Colégio de Nossa Senhora dos Inocentes e o Pensionato Andaluz.

É hoje com efeito que elas celebram à compita, em veementes explosões de sincero e intenso júbilo, em transportes irreprimíveis de franca e ruidosa alegria, mais um aniversário natalício da sua ilustre Fundadora e Directora, a Ex.ma Senhora D. Luísa Maria do Vadre de Mesquita e Melo Santa Marta, nobre filha dos Viscondes de Andaluz.

Dama preclaríssima, exornada de excelsas e peregrinas virtudes, constelada de méritos refulgentes, enriquecida com os mais formosos, com os mais extraordinários dotes de inteligência e coração, a sua vida, fonte, manancial perene e inesgotável de benemerências, assemelha-se à majestosa trajectória dum astro fulgurante, de benéfico e

salutar influxo, que bafeja, que vivifica um pequeno mundo de almas, derramando amorosamente sobre elas, sobre todas elas, torrentes, caudais fecundantes de luz e calor.

E se por ventura minguassem outros títulos, outras provas, outros testamentos da elevação, da nobreza do seu espírito gentilíssimo, do seu espírito essencialmente superior, que sem cessar se desentranha em santas e arrojadas iniciativas, a existência destes dois modelares estabelecimentos de educação e ensino, aqui representados pela quase totalidade do seu pessoal docente e discente, bastaria, só por si, para alcandorar essa pergaminhada fidalga, essa veneranda aristocrata num pedestal de glória, de glória (?)³ formado por milhares de corações agradecidos.

O seu preciosíssimo diadema, a sua riquíssima coroa de benemerência é entretecida com as mais belas flores da caridade cristã, são as lágrimas, lágrimas de gratidão das viúvas, são os sorrisos, sorrisos inocentes da orfandade, da infância desvalida, é a reabilitação, o amparo de tantas vítimas duma sociedade sem Deus pervertida, duma sociedade sem Deus e sem moral, ferozmente egoísta e descarável, é o consolo de muitas tristezas, o lenitivo de muitas dores, o doce conforto dum sem número de mágoas e desditas.

E, se a senda gloriosa da sua vida, gasta a mitigar penas e a enxugar prantos, é, de espaço a espaço, atapetada, matizada de flores, de flores mimosas, de flores rescendentes de reconhecimento e amor, quantas vezes, ai quantas vezes, ai quantas vezes pungentes espinhos lhe magoam, lhe traspassam os pés, rasgando as carnes, e, o que é pior, ferem impiedosamente o seu coração, fazendo-o sangrar!

Mas, minhas senhoras e meus senhores, o intento que me propus ao erguer a minha débil e descolorida voz nesta ocasião, não foi propriamente enaltecer a figura prestigiosa daquela que é objecto da festa de hoje, não é destacar, pôr em relevo as facetas mais salientes da sua personalidade moral, não é, numa palavra, posto que em largos traços, a sua biografia, que todos já conhecem e que para todos é exemplo e lição.

Venho aqui, no desempenho dum gratíssimo encargo, que me foi confiado na qualidade de capelão desta casa, interpretar tão somente os sentimentos de satisfação e

³ Palavra imperceptível.

de júbilo que nos vão na alma pela honra altíssima com que Sua Santidade o Papa Pio XI acaba de agraciar a Ex.ma Senhora D. Luísa.

Reconhecendo as virtudes singulares que a exornam e a impõem ao respeito, admiração e estima de todos os portugueses praticantes e crentes, de todos os portugueses dignos deste nome, os seus relevantes serviços prestados à santa causa da Igreja e os prodígios da sua caridade assombrosa e inexaurível, o glorioso Pontífice, felizmente reinante, dignou-se distingui-la com a comenda *Pro Ecclesia et Pontífice*, uma das mais elevadas, uma das mais honrosas condecorações que a Santa Sé costuma conceder.

Minhas senhoras e meus senhores:

Congratulando-nos vivamente com o justo galardão que o Vigário de Cristo na terra conferiu à grande benemérita de Santarém, honra e lustre da sua terra natal, lídima glória duma Pátria que a conta no número das suas filhas mais prestimosas, neste dia em que se celebram dois aniversários faustíssimos, duplamente gratos para os nossos corações de católicos e de habitantes desta cidade o aniversário da coroação do Sumo Pontífice e o aniversário natalício da Senhora D. Luísa, traduzamos o nosso regozijo e a nossa gratidão soltando dois vivas calorosos e entusiásticos: *VIVA O SANTO PADRE PIO XI! VIVA A EX^a SENHORA D. LUISA!*

E agora resta-me pedir ao Ex.mo Senhor Cónego Felix, Digníssimo Reitor do Seminário Patriarcal e Vigário Geral de Santarém, que mercê do alto cargo que ocupa na hierarquia eclesiástica e que as suas virtudes e os seus méritos tanto realçam, é a pessoa naturalmente indicada para esse fim, haja por bem apor com as suas mãos venerandas ao peito da Senhora D. Luísa a (?)⁴ que o Supremo (?)⁵ da Igreja, na sua munificência lhe outorgou, com honra ao mérito e preito à virtude.

⁴ Palavra imperceptível.

⁵ Palavra imperceptível.

QUESTÕES SOCIAIS

(Conferência nº. 6)

Meus Senhores,

A situação de miséria imerecida em que, como dizia Leão XIII na sua encíclica *Rerum Novarum* sobre a magna questão social, se encontrava e se encontra ainda em muitos países a grande maioria da classe operária, é, todos o reconhecem, a consequência lógica dos erros doutrinários do Liberalismo.

O Liberalismo, assim como o Socialismo vê no homem apenas um indivíduo.

E o que é o indivíduo?

É o homem isolado, independente de tudo e de todos e tendo como fim unicamente a satisfação dos seus interesses e dos seus apetites desregrados, mesmo com prejuízo dos seus semelhantes.

Nestas condições, o homem liberto de todos os laços que o prendem a Deus, à família e à sociedade, converte-se num ente sem escrúpulos que nada respeita, pior que as feras e mais de temer do que elas, por ser dotado de inteligência da qual se serve para praticar o mal com requintes de perversidade ignorados dos próprios animais.

O individualismo preside à organização do Estado, tomando para base de toda a sua actividade este conceito erróneo do homem que acabo de expor. O objecto dessa organização é, não o bem comum do qual resulta o bem de cada um dos cidadãos, mas apenas o bem individual no seu aspecto exclusivamente terreno.

Por isso, o Liberalismo só considera duas realidades: o indivíduo e o *Estado*:

O *indivíduo* que tem direito sem limites ao gozo egoísta.

O *Estado* cuja missão se reduz a facultar-lhe o acesso a esse gozo.

Tudo o mais, família e sociedade intermédias, são quantidades de somenos importância, quase desprezíveis.

O Liberalismo e o Socialismo, sob todas as suas formas, propõem-se assegurar ao homem esse ambicionado gozo privativo.

Reclamando para o indivíduo a máxima liberdade, o Liberalismo subverteu a organização social anterior ao seu advento.

Daí resultou, num sem número de casos, a exploração do operário pelo patrão. Os explorados justamente se indignaram; mas, mal orientados por meneurs sem escrúpulos, lançaram-se na luta de classes e alguns deles trataram por sua vez de explorar os patrões na medida do possível.

E, na verdade, se houve patrões que não remuneravam equitativamente os seus operários, também não faltavam operários que de propósito não produziam trabalho merecedor do salário ajustado.

Este deplorável estado de coisas, esta exploração recíproca, envenenou a luta entre patrões e operários, embora nem todos os patrões fossem descarosáveis e muitos operários se prezassem de ser conscienciosos.

Os operários tinham-se entretanto agremiado em associações de classe, porque, como os legisladores imbuídos dos princípios da escola liberal reconhecessem o

desamparo dos operários, não se opuseram a que se procurasse remediá-lo por meio das associações de classe.

Os factos, porém, bem depressa desmentiram estrondosamente a esperança que se tinha posto nessas agremiações profissionais. Elas foram quase sempre transformadas em outras tantas agências da revolução ou involuntariamente por visionários de vistas curtas ou voluntariamente por ambiciosos mal intencionados.

Por sua vez, o Socialismo, adoptando processo oposto ao Liberalismo, suprime a liberdade individual nas relações sociais e diviniza o Estado que passa a reger multidões de escravos. E chega-se assim ao extremo de ver na Rússia de Staline o chefe duma pequena família operária que precisa de gastar de pão diariamente de 5 a 6 rublos, pouco mais ou menos de 5 a 6 escudos, ganhar cerca de metade do que ganham os trabalhadores rurais do Minho, que são dos mais mal pagos de Portugal, onde o custo de vida, sobretudo no vestir e no calçar, é incomparavelmente mais barato, isto é, ganhar apenas três rublos e meio diários, o que o condena e aos seus a morrerem lentamente de fome. E há no paraíso bolchevista milhões de operários que nem tanto recebem pelo fruto do seu trabalho!

Em resumo, o Liberalismo e o Socialismo têm em mira apenas o gozo pessoal, egoísta e material do indivíduo. O primeiro sistema confere ao indivíduo plena liberdade para alcançar esse gozo, embora para isso tenha de prejudicar os outros que, como é natural, hão-de reagir, dando assim origem, no seio da sociedade, a conflitos e lutas de toda a espécie.

O segundo priva de toda a liberdade os indivíduos que o Estado se propõe tornar felizes... à força. Ora, se o conceito de indivíduo leva à desordem, sempre condenável, ou à escravidão, não menos condenável, tal conceito deve rejeitar-se, como devem ser rejeitados os sistemas que se baseiam nesse conceito.

O Corporativismo cristão do Estado Novo, como todos os sistemas espiritualistas, vê no homem mais que um indivíduo, porque vê nele a pessoa. A adopção deste conceito, diametralmente oposto ao conceito de morte preconizada pelo Liberalismo e pelo Socialismo, conduz a resultados completamente diferentes.

Por pessoa entende-se o homem criado por Deus à sua imagem e semelhança para partilhar da sua glória eterna no Céu, depois do período de provação a que tem de ser submetido sobre a terra.

E, desde logo, perante este conceito nobilitante, o horizonte da felicidade humana alarga-se sem medida, transpõe os confins do espaço e atinge os páramos do infinito: ultrapassa os limites do tempo e abisma-se na eternidade.

Mas o homem, considerado como pessoa, não pode desinteressar-se da sua felicidade na vida presente para tratar apenas da sua felicidade de além túmulo.

Afirmá-lo seria erro gravíssimo, porque a nossa felicidade neste mundo consiste precisamente em bem prepararmos a nossa felicidade no outro.

Mas, para que se possa alcançar tal *desideratum*, é preciso que o Estado intervenha com a sua acção prudente e criteriosa, não anulando a actividade dos cidadãos, senão orientando-a, coordenando-a e auxiliando-a.

A encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, como a *Quadragesimo Anno* de Pio XI, recorda com grande energia essa intervenção indispensável do Estado na solução do problema social. Ao Estado compete ser o defensor do bem comum.

E que é o bem comum?

É a defesa dos interesses do corpo social, do conjunto da nação e em particular dos que na nação são os menos privilegiados e os menos defendidos, e, ao mesmo tempo, a protecção absoluta da liberdade de cada um dos cidadãos. É esta a verdadeira e legítima compreensão do papel do Estado. É esta a missão que o Estado Português adoptou e está seguindo, furtando-se, por um lado, ao contágio do Marxismo e, por outro lado, à influência dos regímenes totalitários, onde a liberdade humana, a liberdade das pessoas e das consciências, também corre perigo.

O Estado Português, com o seu regímen corporativista, não se torna, como alguns supõem, e seria realmente abusivo, o centro de todas as actividades do nosso país, mas é, e não pode deixar de ser, porque isso é perfeitamente normal e absolutamente necessário, fiscal, regulador e árbitro, da vida económica e social.

E assim ele aceita a concepção cristã do trabalho, do valor e da consciência profissional. Ele quer que o salário não seja uma esmola, um auxílio, um subsídio, mas

o fruto do trabalho prestado, fruto devido em estrito rigor de justiça. Ele quer que o salário seja justo e pelo menos suficiente para a subsistência do operário sóbrio e honesto. Ele não quer uma revolução violenta e sanguinária para destruir o regímen capitalista, mas trabalha, com não menos energia e mais eficácia ainda, na transformação gradual e, por isso necessariamente lenta, desse regímen. Ele quer que se faça, sob a doce influência da moral cristã, uma grande revolução nas inteligências, nos corações e nos costumes pervertidos por quase um século de Liberalismo religioso, político e económico. Ele quer que triunfem as reivindicações numerosas, justas e legítimas, do operário. Ele quer que o sindicato não seja jamais instrumento de luta de classes, mas, pelo contrário, de colaboração inteligente, fecunda, livremente consentida, entre elas. Ele quer assegurar o operário contra as consequências do desemprego forçado, contra as doenças, contra os desastres no trabalho, contra a usura, contra a velhice e a invalidez. Ele quer finalmente, que o sindicato seja uma associação estável de operários, unidos sob a direcção de chefes escolhidos, para estudar, promover e defender os seus interesses comuns, quer profissionais, quer morais, familiares e religiosos, na determinação das condições de trabalho.

E só assim, executando integralmente as directivas e os objectivos do Estado Novo, no campo económico-social, a paz, a ordem e a prosperidade poderão reinar na sociedade portuguesa, sem que haja motivo para temer que os tristes acontecimentos de Espanha se repitam amanhã, com todo o seu cortejo de horrores, na nossa querida Pátria.

Para fechar com chave de ouro o meu pobre e descolorido discurso, permiti-me que, em reforço das afirmações que fiz, recorde neste momento algumas palavras dum dos mais belos e substanciosos discursos que se tem ouvido ao Sr. Dr. Oliveira Salazar e que ele, acentuando o primado do espírito na obra do resgate e da salvação de Portugal, dirigiu à luzida e categorizada Embaixada que trouxe ao Chefe do Estado e ao Governo o entusiástico aplauso e solidariedade da nossa colónia no Brasil, pela maneira digna e eminentemente patriótica como tem sabido dirigir a causa pública.

“Não nos seduz nem satisfaz a riqueza nem o luxo da técnica, nem a aparelhagem que diminua o homem, nem o delírio do mecânico, nem o colossal, o

imenso, o único, a força bruta, se a asa do espírito os não toca e submete ao serviço de uma vida cada vez mais bela, mais elevada e nobre. Sem nos distrair da actividade que a todos proporciona maior soma de bens e com eles mais conforto material, o ideal é fugir ao materialismo do tempo: levar a ser mais fecundo o campo, sem emudecer nele as alegres canções das raparigas, tecer o algodão ou a lã no mais moderno tear, sem entrelaçar no fio do ódio de classes nem expulsar da oficina ou da fábrica o nosso velho espírito patriarcal. Duma civilização que regressa cientemente à selva separa-nos, sem remissão, o espiritualismo, fonte, vida, alma da nossa História. Fugimos a alimentar os pobres de ilusões, mas queremos a todo o transe preservar da onda que cresce no mundo a simplicidade de vida, a pureza dos costumes, a doçura dos sentimentos, o equilíbrio das relações sociais, esse ar familiar, modesto mas digno da vida portuguesa e, através dessas conquistas ou reconquistas das nossas tradições, a paz social”.

Tenho dito.

APELO ÀS MÃES DE FAMÍLIA DE SANTARÉM

(Conferência nº. 7)

Internada num dos quartos particulares do Hospital de Santarém encontra-se uma artista da Companhia Italiana que ultimamente esteve entre nós, nas circunstâncias bastante lamentáveis que todos conhecem.

Essa senhora tinha sofrido havia três dias as dores da maternidade, quando sucedeu o incêndio no Hospital. Na ocasião em que procuravam fazê-la descer por uma janela, deu uma queda que a magoou bastante, agravando o seu já precário estado de saúde. A pobre senhora, acha-se privada de recursos e na impossibilidade de regressar à sua pátria.

Às caridosas mães de família desta cidade recomendo aqui esta desditosa filha da Itália, na certeza de que elas acudirão com a sua tradicional solicitude à mãe enferma e à filhinha recém nascida, privadas pela adversidade, proporcionando-lhes tudo o que precisam. A senhora D. Adelaide Braancamp de Mello Breyner (Sobral), presidente da Liga das Damas de Caridade, moradora na Travessa de S. Brás, que desde a primeira hora tem valido à pobre enferma, encarrega-se obsequiosamente de fazer chegar às suas mãos todos os donativos, em dinheiro e roupas, que lhe queiram enviar para esse fim.

É de todo o ponto justo que se retribua de alguma sorte na pessoa daquela estrangeira, nossa hóspede de alguns dias, a generosidade fidalga e cavalheiresca que outros estrangeiros da Companhia Luptman, tiveram para com três instituições de beneficência desta cidade: o Hospital de Jesus Cristo, a benemérita Corporação dos bombeiros voluntários e a Creche de Nossa Senhora dos Inocentes. Senhoras de Santarém, sobretudo, vós, dignas mães de família, de alma bondosa e de coração compassivo, valei àquela que, longe da sua pátria e dos seus, curte, em triste e mísero desterro, as dores da maternidade e as angústias da pobreza!

SAUDAÇÃO AO MINISTRO DO INTERIOR

(Conferência nº. 8)

Ex.mo Senhor Ministro do Interior,

Ex.mo Senhor Governador Civil do Distrito de Vila Real,

Ex.mo Senhor Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal,

Ex.mos Senhores,

Sinto profundamente que imperiosos motivos de saúde inibam de estar presente, aqui neste momento, aquele que tenho a imerecida honra de representar, o Senhor Vigário Capitular da diocese de Bragança e Miranda.

Com o saber e a eloquência que o tornam um dos nossos mais notáveis oradores sagrados, melhor do que eu, ele prestaria a homenagem devida a V. Ex.cia, pondo em destaque as altas e raras qualidades que exornam a sua eminente personalidade e que fazem de V. Ex.cia *the right man in the right place*.

Melhor do que eu, ele indicaria em que larga medida V. Ex.cia incarna o espírito renovador do Estado Novo.

Melhor do que eu, ele frisaria como V. Ex.cia se põe em contacto com o povo e se lhe dirige leal e nobremente, como os grandes portugueses de antanho, em nome do belo princípio de Salazar: Tudo pela Nação. Nada contra a Nação.

Melhor do que eu, ele focaria a acção de V. Ex.cia como Ministro de Estado, especialmente a sua acção no campo social, tão fecunda em benefícios, quer de ordem material quer de ordem moral, para os que trabalham e para os que sofrem.

Melhor do que eu, ele focaria como V. Ex.cia, sem se preocupar com as justas exigências da sua saúde, percorrendo o país de lés a lés numa cruzada redentora, inédita nos fastos da governação pública, se esforça com a clarividência dum estadista moderno cónscio das suas responsabilidades, por que sejam integrados nas Juntas de Freguesia, como aliás em todas as outras autarquias locais, os valores culturais e espirituais que constituem a maior riqueza dum nacionalidade e que nem sempre têm sido devidamente apreciados e aproveitados.

Melhor do que eu, ele mostraria como o Governo Nacional, de que V. Ex.cia é um dos mais ilustres membros, sabe manter sem violências a ordem e a paz num país que parecia condenado a ser eterna presa de desordens, promover o progresso e a

prosperidade da nação e zelar a honra e a independência de Portugal, cercando-o carinhosamente de prestígio e elevando-o cada vez mais no conceito dos povos cultos.

Melhor do que eu, finalmente, ele diria, reproduzindo uma das directivas dadas há tempos em nota oficiosa da Junta Central da Acção Católica, que os católicos faltariam a um grande dever, se não se interessassem, na medida das suas forças, pelas questões políticas da sua terra.

E, na verdade, Senhor Ministro, aos católicos cabe um papel importante no actual momento em que os altos poderes do Estado procuram com tão grande elevação de vistas consubstanciar, por assim dizer, os salutareos princípios do Estado Novo com a vida do país, remodelando os costumes políticos e operando de cima para baixo a necessária revolução social antes que ela se opere debaixo para cima e produza tremendas catástrofes, como na Rússia e em parte da vizinha Espanha.

Como afirmava há poucos dias um notável pensador e um dos talentos mais brilhantes da moderna geração, importa que as novas eleições das Juntas de Freguesia sejam sobretudo novas.

Novas no espírito que as anima de escolher, não os melhores ou os mais audaciosos de um partido, mas os melhores e mais competentes de toda a comunidade; novas pela preocupação de entregar o governo da coisa pública aos “*homens bons*” de cada localidade; novas ainda pelo ambiente de serena isenção em que tudo deve decorrer.

Para que isso se possa conseguir, é indispensável que os eleitores correspondam aos elevados intuitos patrióticos do Governo e ponham em prática os ensinamentos que V. Ex.cia está empenhado em levar a todos os recantos do país, ponderando bem a gravidade do acto eleitoral e realizando-o com a consciência plena das responsabilidades que são chamados a assumir.

E, pelo que diz respeito especialmente aos católicos que são afinal a grande maioria dos portugueses, segundo a carta de Sua Santidade o Papa Pio XI ao Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa, “*é até um dever de caridade para com a Pátria interessar-se pelos negócios públicos a participar nos seus cargos, por isso que*

qualquer cidadão deve, conforme as suas possibilidades, atender ao bem da própria Nação”.

E não vá alguém julgar que a Igreja, que por sua natureza paira acima dos partidos e das lutas políticas, como eterna mensageira de paz entre os homens, pelos seus altos dirigentes ou pelos seus membros mais humildes, aspira, no cumprimento deste dever, a outra coisa que não seja a prosperidade dos povos e o bem da Pátria.

EU O COMULAREI DE DELÍCIAS NA MINHA CASA DE ORAÇÃO *(Isaias).*

(Conferência nº. 9)

Se o profeta Isaias tivesse entrevisto o grande milagre do amor do Coração de Jesus que é a Sagrada Mesa, o Sacrário, o Santíssimo Sacramento, dir-nos-ia com mais razão do que ao povo escolhido: *“a vossa alma será mergulhada nas delícias da abundância divina”*.

E de facto o que seria preciso para encher os nossos corações de gozo inefável, de inebriantes doçuras? Bastaria correr diante dos nossos olhos o véu que oculta a presença de Jesus e manifestar às nossas adorações a realidade divina escondida sob as aparências do pão eucarístico.

O Sacrário é um Céu, porque nele habita um Deus de Majestade infinita; mas é um Céu coberto de nuvens. Contudo, se a glória divina não se revela nele, que secreta doçura, que deliciosa novidade nos penetra junto do Santuário! Sente-se a aproximação da própria fonte da felicidade. Sente-se, dum modo indefinível, a posse do Bem Supremo, e essa impressão extingue, ou pelo menos diminui os atractivos da criatura. O nosso Deus, mesmo invisível, começa a arrebatá-lo os olhares humildes e respeitosos que se detêm à porta do Sacrário; e a alma penetrando, atravessando-a, adora, ama e antegoza a eterna ocupação do Céu.

Santo Agostinho observa que o prazer é o atractivo mais vivo, mais forte, mais poderoso, para nos decidir a fazer muitas vezes a mesma coisa.

É por isso que Jesus nos deixa às vezes sentir uma alegria sensível da sua presença, a fim de nos levar com frequência aos pés do Sacrário.

Que seria de nós entre os sofrimentos e os sacrifícios da vida cristã, se não tivéssemos encontrado nenhuma novidade nas nossas relações com Deus? O atractivo dos bens terrenos ter-nos-ia a breve trecho subjugado. Mas aos prazeres perigosos do mundo, Jesus substituiu as alegrias superiores da Eucaristia.

Quem é que vai aos pés do Sacrário, sem voltar justificado, consolado, segundo a promessa que Jesus fez aos seus apóstolos: *“Vós sereis contristados, mas a vossa tristeza mudar-se-á em alegria”*.

Quanto mais numerosos são para nós as coisas de aflição, tanto mais viva é a nossa alegria interior em presença de Jesus; e quanto mais força nos é necessária para suportar a dor, tanto mais abundante é a graça comunicada por Jesus Hóstia.

Sob a forma que assumiu na Eucaristia, Jesus está presente em toda a parte e sempre. Ele estava presente no Sacrário antes do nosso nascimento, Ele não o deixa em nenhum instante da nossa vida, Ele lá estava ainda para abençoar a vossa hora derradeira, o último momento da vossa vida sobre a terra. A santa hóstia faz de algum modo em relação à imensidade de Deus o que a Incarnação fez em relação à sua invisibilidade. Que abatimento infinito em que o amor mergulha em Deus!

E que nos diz Deus lá do fundo da sua voluntária prisão de amor?

Jesus fala às nossas almas.

Prestemos um ouvido atento à voz de Jesus-Hóstia; Ele quer comunicar-nos os segredos do seu Coração. Mas tenhamos caridade com a maneira como nós escutamos; não prestemos apenas uma meia atenção às palavras de Jesus. Se, enquanto Ele nos fala, o nosso espírito se deixa distrair, Jesus terá debalde elevado a voz para nos iluminar, para nos instruir, para nos repreender ou para nos consolar. Digamos respeitosa e humildemente com o profeta Samuel: *“Senhor, falai, que o vosso servo escuta”*. É no mais íntimo do coração que Jesus fala. E quando nos ocorre o pensamento de mortificar uma inclinação defeituosa, de sacrificar a uma boa obra um prazer inocente, de evitar uma ocasião de prazer, de praticar um acto de virtude, sejamos dóceis à voz de Jesus, que se faz ouvir em recompensa da nossa atenção à sua presença.

Amemos o silêncio do Sacrário.

É preciso aos pés de Jesus fazer calar essas vozes interiores da natureza que perturbam o recolhimento, essas vozes do mundo que fascinam e estonteiam às vezes o espírito. Recolhamo-nos para ouvir Jesus dizer-nos: *“Pensai em Mim... Amai-Me... Rezai-Me...”*. Ele nos dará alguma norma importante para a nossa santificação. Sejamos dóceis, não O obriguemos a reiterar os seus avisos, as suas admoestações. De bom grado, Ele ouve a alma humilde, em que tudo é, como Nele, oração, amor e sacrifício. Ele não se cansa jamais de nos ouvir e os nossos próprios pecados não O impedem de acolher as nossas súplicas.

Eu Vos escuto, Senhor, dignai-Vos encher-me de atenção e de respeito pela vossa palavra. Eis a minha alma pronta a ouvir-Vos, abri-a fielmente aos vossos ensinamentos...

Eu amei as lisonjas do mundo, fazei que eu lhes prefira a austera linguagem da verdade.

HOMENAGEM A D. LUÍS, BISPO DE BRAGANÇA

(Conferência nº. 10

Ex.mo e Rev.mo Senhor,

Vimos hoje, o pessoal docente e discente do Seminário Maior de S. José de Bragança, apresentar a V. Ex.cia Rev.ma respeitosa e cordiais felicitações por motivo da passagem do aniversário natalício do nosso venerando e amado Pastor e Pai.

Era amanhã e não hoje o dia mais próprio para cumprir este dever de súbditos e filhos afectuosamente dedicados.

A conveniência, porém, de aproveitar esse dia para a realização do grande passeio anual imposto pelas tradições do Seminário obriga-nos a antecipar o cumprimento desse dever. Nem por isso os nossos (?)⁶ são menos sinceros, nem por isso são menos veementes os votos de fazemos ao Céu pela saúde e pelas prosperidades espirituais e temporais de V. Ex.cia Rev.ma.

Permita-se, Ex.mo e Rev.mo Senhor, que aproveite o ensejo para lhe testemunhar, em nome de todos quantos estão aqui presentes, o nosso profundo reconhecimento pelo interesse e carinho que V. Ex.cia Rev.ma tem dedicado ao Seminário de S. José de Bragança. Apesar de ser o mais velho dos dois irmãos, parece

⁶ Palavra imperceptível.

ser ele o Benjamim. Não quer isso dizer que V. Ex.cia Rev.ma não tenha no seu coração o mesmo enternecido affecto por ambos os Seminários, o de Bragança e o de Vinhais.

Mas o nosso tem a ventura de estar mais perto da veneranda Pessoa de V. Ex.cia Rev.ma, não sendo, pois, de admirar que receba mais abundantemente ou pelo menos com mais frequência as efusões do seu amor paternal.

Muito e muito obrigado, Ex.mo e Rev.mo Senhor.

E, mais que tudo, queremos agradecer, de modo especial, a organização, por assim dizer, técnica em matéria disciplinar que julgou conveniente dar à comunidade do Seminário. Embora esse sistema, que não é novo, seja recomendado pelos mais notáveis pedagogistas modernos e esteja já consagrado pelos frutos duma já longa experiência, o certo é que não se achava ainda estabelecido nesta diocese.

Por essa razão, mesmo que os espíritos ponderados que sabem que a Igreja, embora progressiva, é profundamente conservadora, a nova organização tornava-se suspeita, como se tornam em geral todas as inovações radicais e afigurava-se a alguns condenada a um inêxito total.

Mercê de Deus, essas previsões não se verificaram. Mas não é esse o caso, porque os méritos são do sistema e não nossos.

O contacto mais assíduo e mais íntimo entre os alunos e os prefeitos da disciplina, a vigilância mais coordenada e mais eficaz, sem deixar de ser paternal, a melhor compreensão por parte dos seminaristas da necessidade de observarem o regulamento, impulsionados por motivos de ordem sobrenatural e tudo isto conjugado com a acção do benemérito Director Espiritual, que não se poupa a esforços para o cabal desempenho do seu tão delicado quão importante cargo, permitiram um rendimento mais elevado do trabalho de formação intelectual e da educação moral e religiosa dos futuros ministros do Santuário.

Assim é que, Ex.mo e Rev.mo Senhor, ousou afirmar que os seminaristas que este ano concluem o seu curso, recebendo a ordenação sacerdotal, nos dão a bem fundada esperança de serem sempre todos sacerdotes segundo o Coração de Deus, cheios de zelo pela sua glória e pela salvação das almas que lhes forem confiadas. Entre eles, esperamos da misericórdia do Senhor, jamais haverá um Judas.

É esta sem dúvida a mais rica prenda de anos que neste dia posso oferecer a V. Ex.cia Rev.ma e escusado é frisar o júbilo imenso com que o faço.

Honra seja aos outros superiores, dos quais dois estão aqui connosco, o Sr. P. Jerónimo e o Sr. P. Carneiro, e de modo particular ao antigo reitor, o Sr. Dr. (?)⁷

Dir-se-á que a obra realizada é perfeita e que estamos plenamente satisfeitos com o resultado dos nossos esforços?

Seria insensatez fazer semelhante asserto. O ideal da perfeição paira tão alto, tão longe, que por mais que caminhemos nunca poderemos atingi-lo neste mundo.

De resto, sem a auxílio da graça, baldado seria o nosso labor, e, depois dele, na boa vontade dos alunos, na oração das almas boas e no amparo e protecção de V. Ex.cia Rev.ma.

Para terminar, resta-me pedir ao Altíssimo que se digne coroar de ótimos frutos o zelo pastoral e os trabalhos apostólicos do venerando Pastor bragançano, precioso dom concedido a esta querida diocese, para que ela venha a ser a breve trecho o brinco das dioceses de Portugal e a coroa de glória do seu preclaro Antístite.

Ad multos anos

⁷ Palavra imperceptível.

PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO DA JUVENTUDE CATÓLICA FEMININA

(Conferência nº. 11)

Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Bragança e Miranda,

Ex.mo Senhor Governador Civil do Distrito e demais Ex.mas Autoridades,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Vozes amigas, embora por ventura um pouquinho impertinentes, fizeram-me saber que, na minha qualidade de assistente eclesiástico da Juventude Católica Feminina de Bragança, tinha de proferir algumas palavras de apresentação da mesma Juventude antes de começar a récita anunciada para esta noite.

Aqui venho, pois, deixai-me dizer assim, no cumprimento dum indeclinável dever profissional, título de sobra para ter jus a que me perdoeis o ousio de vos roubar cinco minutos, não mais, de generosa atenção.

Mas que hei-de eu dizer neste lugar e nesta hora de solene e ansiosa e decerto benévola expectativa?

Que ides ver um espectáculo cheio daquela vida, daquela graça e daquele encanto incomparável que só a mocidade sabe imprimir às suas festas e destinado a beneficiar o cofre da associação da Juventude Católica Feminina, cofre tão minguado, que, segundo me consta, se acha neste momento completamente vazio? Que gozareis o inefável prazer espiritual de assistir à representação dalgumas lindas e interessantes comédias de costumes?

Que ouvireis com imenso agrado alguns trechos escolhidos de música e alguns números apreciados de canto?

Que encantareis os ouvidos com a audição de mimosas poesias repassadas de sentimento e inspiração e recitadas por lábios frescos e cândidos de inocentes crianças?

Enfim, que passareis uma noite deliciosamente ocupada em honrar com a vossa presença um modesto serão de arte, de intentos elevados e moralizadores?

Mas tudo isso, minhas Senhoras e meus Senhores, tudo isso já vós sabeis muito bem, não só pelo programa da récita, mas ainda pelas tradições nobilíssimas da benemérita e prestimosa Instituição que promove a festa de hoje.

Que me resta então dizer?

Resta-me dizer apenas *três* coisas.

A *primeira* é que vós me estais insinuando com toda a razão aliás muito cortesmente, como é próprio da vossa requintada gentileza, que não abuse por muito tempo da vossa paciência, fazendo retardar com as minhas pobres e descoloridas palavras o início do espectáculo que se vai realizar.

A *segunda* é que a Juventude Católica Feminina de Bragança não carece de apresentação, porque vós já conheceis a sua pujante vitalidade, a piedade e as virtudes dos seus membros, a união fraternal verdadeiramente edificante de que têm dado sobejas provas e as suas altíssimas benemerências assinaladas na fundação ainda recente, da Ala de Nossa Senhora de Fátima, que proporciona com o seu trabalho, vestidos e agasalhos à infância desvalida e dos dois patronatos que há meses estão dando o pão do corpo e o pão do espírito a cerca de cem crianças necessitadas de ambos os sexos desta cidade.

A *terceira*, finalmente, é que vos digneis cobrir com o largo manto da vossa indulgência os pequeninos mas inevitáveis senões inerentes e dispensar, com uma generosidade sem limites, tão ajuis(...) ⁸

(Conferência nº. 12) ⁹

ÀS MENINAS DO PENSIONATO

(Conferência nº. 13)

Na véspera da vossa partida para férias, da partida da maior parte de vós para as férias grandes, da partida de algumas para a vida após o pensionato, não ficaria bem com a minha consciência se não aproveitasse o ensejo que hoje se me oferece, hoje, último dia que passais aqui todas juntas, para vos dirigir algumas palavras a fim de vos precaver contra os perigos a que vai ficar exposta a inocência das vossas almas, a pureza dos vossos corações.

O pensionato, em que nestes últimos anos tendes vivido, pode comparar-se com um jardim de encanto e situado à margem do mundo, como um oásis delicioso que nos abriga dos ventos e das tempestades, que fora dele muitas vezes se desencadeiam furiosamente.

⁸ Conferência incompleta.

⁹ A conferência nº. 12 não foi passada em virtude do manuscrito do Pe. Formigão ser praticamente ilegível na sua totalidade.

Neste jardim, neste oásis, as vossas almas, como tenras e mimosas plantas, foram cultivadas com toda a solícitude e dedicação, para se desenvolverem, aperfeiçoarem e produzirem belas flores de virtude e frutos abundantes e sazonados de boas obras.

Aqui o Céu derramou sobre vós bênçãos a flux, ilustrando a vossa inteligência com as luzes da Fé, fortalecendo a vossa vontade com energias sobrenaturais, fazendo descer até às vossas almas, por meio dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, torrentes de graças de toda a espécie. Aqui aprendestes a conhecer melhor a Deus, a sua bondade, a sua misericórdia, a sua justiça, as suas perfeições infinitas, aqui aprendestes a amá-Lo com mais generosidade e dedicação, aqui aprendestes a sofrer com mais paciência e resignação as tribulações da vida, aqui aprendestes a resistir eficazmente a todas as tentações do mundo, do demónio e da carne.

E a par destes benefícios de ordem espiritual, que mostram claramente o amor de predilecção de Deus para convosco e que vos impõem a obrigação de serdes melhores do que as outras meninas, que por parte Dele não foram objecto de tanto carinho, quantos benefícios temporais, que também são dons do Autor e doador de todos os bens.

Ai de vós, minhas meninas, se não diligenciardes daqui em diante, durante a vossa vida, até ao último suspiro, corresponder a tamanha bondade, a favores tão numerosos e tão extraordinários!

Não deveis ir para o meio do mundo sem traçardes previamente um programa de vida, sem um plano de acção, sem fazerdes propósitos práticos e bem determinados que assegurem a vossa perseverança na prática da virtude, o cumprimento de todos os vossos deveres, a mais completa fidelidade às inspirações da graça, numa palavra, a santificação e a salvação eterna das vossas almas.

Há meninas, muitas meninas mesmo, que não têm a ventura de conhecer sequer as verdades mais elementares da nossa santa Religião. Não nasceram no seio de famílias cristãs. Nunca respiraram um ambiente religioso. Ignoram para que vieram à existência, o que lhes cumpre fazer enquanto estão sobre a terra, qual o seu destino depois da morte. Assim vivem e assim morrem, como plantas que o orvalho jamais vivificou,

numa quase inconsciência dos seus deveres e dos seus destinos imortais. Sem merecimentos da vossa parte, por pura misericórdia do Senhor, vós mergulhastes profundamente as vossas almas, até às raízes mais íntimas, numa atmosfera saturada do mais intenso e do mais extremo espírito cristão. Como deve ser grande o vosso reconhecimento para com Deus! Antes de transpordes, talvez para sempre, o limiar desta morada bendita, onde passastes alguns dos anos mais belos e mais felizes da vossa vida, prometei, jurai fidelidade às leis de Deus e aos mandamentos da sua Igreja. Ai de vós, torno a dizer, ai de vós, se esquecendo ou desprezando o que aqui ouvistes, o que aqui aprendestes, os salutarens ensinamentos que aqui vos foram ministrados, não seguides valorosamente pelo caminho do dever e atraíçoardes a vossa consciência. Sereis piores, incomparavelmente piores, do que aquelas meninas, que não lograram receber como vós uma das mais preciosas graças que o Céu pode dispensar, a graça da educação religiosa. E à hora da morte, quando estiverdes prestes a dar ao Juiz Supremo contas rigorosas de todos os vossos actos, um remorso terrível alanceará a vossa alma e só por um milagre da bondade divina não caireis então no abatimento e na desesperação.

Que haveis de fazer para que isso não suceda?

Procurai antes de mais nada adquirir uma piedade sólida. As virtudes que possuis são fracas, porque ainda não lançaram raízes bem fundas e porque ainda não foram sujeitas à provação. Fortalecei-as, lutando sem hesitações nem desfalecimentos com as tendências desregradadas da vossa natureza viciada pela culpa original. Resisti prontamente a todas as seduções do mundo, do demónio e da carne. Fugi das modas escandalosas, hoje tanto em voga, dos espectáculos imorais, das leituras perigosas, das más companhias. Vigiai e orai, como tantas vezes Nosso Senhor recomenda no Evangelho, para não cairdes em tentação.

Vigiai, isto é, evitai as ocasiões de pecado e observai atentamente o movimento das vossas paixões para o regulardes e os sentimentos que se despertam no vosso coração, para os conterdes dentro dos justos limites. Orai! Ah, se acreditais que eu amo entranhadamente as vossas almas, se acreditais que por qualquer delas eu derramaria de boa vontade o sangue das minhas veias e sacrificaria, alegre e satisfeito, a minha vida,

não desprezeis o melhor conselho que vos posso dar, não deixeis passar um só dia sem orardes e orardes bem. A oração é para a alma o que o ar é para corpo. Sem ar o corpo não pode viver, sem oração a alma estiola e morre para a vida da graça. Diz Santo Afonso que quem ora certamente se salva, quem não ora certamente se perde e quem ora bem certamente se santifica.

Guardai ciosamente a pureza de consciência, não cometendo nenhum pecado mortal. Se não estiverdes em estado de graça, nenhuma obra que pratiqueis, por melhor que ela seja, será meritória para o Céu. Se incorrerdes, pois, o que Deus não permita, na desventura de O ofender gravemente, ide fazer logo que seja possível, uma boa confissão, e não vos deiteis, não adormeçais nunca sem ter feito um acto de contrição perfeito para recuperardes imediatamente a graça.

Procurai ter sempre uma grande pureza de intenção. Fazei tudo quanto fizerdes, mesmo as acções mais insignificantes, mesmo as obras mais indiferentes em ordem à salvação, com os olhos em Deus, por seu amor, para sua glória.

É esta a maior de todas as virtudes, ou antes aquela sem a qual as outras não podem ser verdadeiras virtudes. É a alma delas. Nunca procedais por nenhum motivo puramente humano. Armai-vos de coragem para as lutas da vida. Conformai-vos em todas as circunstâncias com a santa vontade de Deus que, nos seus admiráveis desígnios, permite as doenças, os sofrimentos, todas as provações, para nossa utilidade e, com a sua onipotência sabe do mal tirar o bem. A grande lei do cristão, digno deste nome, é a cruz. É preciso que vos renunciéis, que tenhais um verdadeiro espírito de sacrifício para triunfardes das tentações e para vos submeterdes santamente a todas as contrariedades.

Recorrei com frequência, na medida do possível, aos santos sacramentos da confissão e da comunhão, que são fontes inesgotáveis de graça, sem a qual nem um só passo podeis dar no caminho da salvação. Rezai todos os dias o terço do Rosário, fazei um pouco de meditação, o exame de consciência tanto geral como particular e pedi, pedi sempre o dom da perseverança e a graça de uma boa e santa morte.

Fazendo assim, vivendo assim, eu vos asseguro neste mundo a única felicidade verdadeira que é a paz da consciência, e na outra vida, o Céu com todas as venturas por toda a eternidade.

HOMENAGEM A D. MANUEL TRINDADE SALGUEIRO, BISPO DE HELINÓPOLE

(Conferência nº. 14)

Seminário Arquidiocesano - Évora.

Caros Seminaristas

Temos hoje a grande honra e inefável consolação de vermos aqui, no meio de nós, a deliciar o nosso espírito com a sua palavra de oiro-luz e calor de uma alma formosíssima, toda inteligência e coração, o antigo Prof. no Seminário Maior e Lente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Dom Manuel Trindade Salgueiro, Bispo Titular de Helinópolis, na Palestina, que Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa escolheu para seu Auxiliar. Simples presbítero, ele era já uma das figuras mais distintas e mais prestigiosas do Clero português que soube honrar com os fulgores do seu saber e com as suas acrisoladas virtudes sacerdotais.

A sua eleição para sucessor dos Apóstolos encheu de justificado júbilo todos os amigos do venerando Antístite e todos os admiradores do seu privilegiado talento e dos seus peregrinos dotes de espírito, de carácter e de coração.

É honra singular para a Igreja em Portugal ter um no seu mais alto corpo hierárquico, alguém que deixou após si, pela sua acção espiritual prestimosíssima, um grande sulco de luz em todo o país e, sobretudo, no meio intelectual da Lusa Atenas.

O Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro, tendo nascido em Ílhavo, actual diocese de Aveiro, no dia 28 de Setembro de 1896 e tendo sido ordenado de presbítero em 1921, é o mais novo dos Prelados portugueses. Em 1929, a convite do saudoso Bispo Conde D. Manuel Luís Coelho da Silva, foi frequentar a Universidade de Estrasburgo, onde se formou em Teologia.

A sua tese de doutoramento constituiu esplêndida demonstração da sua elevada cultura literária e filosófica.

Tendo regressado à Pátria, foi encarregado de reger no Seminário de Coimbra as cadeiras de Dogmática Especial e de Sagrada Escritura. Pouco tempo depois foi nomeado Cónego da Sé da mesma cidade.

Em 1934 tomou conta da Reitoria da Capela da Universidade. No ano seguinte é chamado a exercer o cargo de Assistente Eclesiástico do Centro Académico da

Democracia Cristã. Por fim é escolhido pelo Corpo Docente da Universidade para Lente da Cadeira de Filosofia Medieval e Moral, da Faculdade de Letras.

Orador de eloquência profunda e comunicativa, polemista calmo e seguro, jornalista e escritor de largos recursos, é notável a sua obra literária em que aos dotes do pensador se alia uma delicada sensibilidade de artista.

Entre os seus numerosos trabalhos, seja-me lícito destacar:

Papel da vontade na Educação, que alcançou depressa três edições e está traduzido em várias línguas e

Pureza e Sensualidade.

No *Correio de Coimbra* escreveu o ilustre Prelado todas as semanas, durante anos consecutivos, os artigos de fundo, verdadeiras obras primas de doutrina teológica e filosófica e de cultura religiosa e social.

Nas revistas *Estudos* e *Natal* publicou importantes trabalhos, entre os quais um estudo sobre a *Eloquência de Vieira* e uma série de artigos destinados a serem mais tarde reunidos em volume com o título de *A dor humana à luz da razão e da Fé*.

No Congresso de História da Actividade Científica Portuguesa, realizado durante o ano das comemorações do duplo Centenário e em que tomou parte, apresentou uma interessante e valiosa comunicação sobre Frei João de S. Tomás.

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra conferiu-lhe recentemente o grau de doutor *Honoris Causa*, em Ciências Filosóficas. Quis assim prestar homenagem a um dos seus mais distintos Professores cuja influência na formação não só intelectual mas também moral das últimas gerações académicas, foi bastante notável sob muitos aspectos.

O ilustre Professor universitário fez do púlpito da Sé Nova, uma cátedra notabilíssima em torno da qual se reúne a escol intelectual da cidade dos doutores, reformando a sua mentalidade e, o que mais é, rectificando a sua vida à luz dos princípios evangélicos expostos com frequência e com um ardor de comunicação que empolgava as almas.

A dignidade episcopal, conjuntamente com o anúncio do cargo de Assistente Geral da Acção Católica em Portugal deu ensejo a uma projecção maior da personalidade eminente do venerando Prelado.

A sua figura franzina, afável, insinuante, que prende e encanta, a sua alma nobre e generosa que irradia constantemente bondade e simpatia, a sua virtude e piedade eminentes que lhe granjeiam o respeito e a admiração geral e, enfim, o seu zelo de dedicação pela causa de Deus e da Igreja cativam as inteligências e conquistam os corações.

Termino com as palavras de um distinto escritor: *“Pérola arrancada ao mar de Aveiro, que, em furiosa revindicta lhe arrebatou, ainda infante, a vida paterna, Deus colheu-a e recolheu-a na sua mão direita para regalo dos seus olhos e enlevo e delícia própria”*.

A Sua Ex.cia Rev.ma o Seminário Arquiepiscopal de Évora tem a honra de apresentar a homenagem do seu respeitoso e cordial afecto e faz os votos mais ardentes por que Deus cumule de graças e de bênçãos o exercício do seu múnus episcopal!

A PROPÓSITO DA FESTA DE DESPEDIDA DOS QUARTANISTAS DE TEOLOGIA

(Conferência nº. 15)

Num dos últimos dias, estando casualmente próximo de dois finalistas, ouvi um diálogo que a certa altura se estabeleceu entre eles e que por vezes se tornava acalorado.

Para não os nomear, o que não é preciso, designá-los-ei simplesmente por Pedro e Paulo.

Pedro - Não sabes que o Sr. Reitor, segundo consta, vai também este ano, por ocasião da festa de despedida, traçar os perfis dos quartanistas?

Paulo - Já ouvi dizer isso, já, mas, francamente, preferia que o não fizesse.

Pedro - Então que inconveniente há em que nos entretenha durante alguns momentos com uma coisa tão inofensiva e que nos interessa e causa tanto agrado?

Paulo - Que dizes tu, meu amigo?

Paulo - Inofensiva? Que nos interessa? Que nos causa tanto agrado? Explica-te por favor, que não consigo compreender-te.

Pedro - Pois é muito simples e muito fácil. O Sr. Reitor, que é nosso amigo e quer o nosso bem, aproveita a excelente ocasião que se lhe oferece de chamar a nossa atenção para algumas boas qualidades e alguns defeitos nossos, umas e outros de toda a gente conhecidos, a fim de nos animar a intensificar aquelas e corrigir estes, para glória de Deus, para nossa felicidade e para a salvação das almas que nos forem confiadas.

Paulo - Plenamente de acordo. Mas, com franqueza, dizer coisas que nos desagradam, que nos magoam, que quase nos vexam, diante do corpo docente e discente do Seminário, é forte de mais. Que as dissesse só diante dos quartanistas, vá lá, porque não custava tanto, mas assim em público, meu caro, hás-de concordar em que não é nada, mesmo nada, agradável.

Pedro - Decerto que muito agradável não é. Ninguém gosta de ouvir o que não lisonjeia o amor próprio. Mas não é verdade que o que arde cura? Não é verdade que

quem me avisa meu amigo é? Não é verdade que o poeta latino dizia que *ridendo castigat mores*?

Paulo - Tu falas assim, porque, como todos nós reconhecemos, fazendo-te só justiça, tens sido sempre um seminarista exemplar e edificante, sem defeitos que se te possam apontar. Não tens medo, como eu, desse ajuste de contas. Não é que eu não me tenha esforçado por proceder bem, cumprindo os meus deveres de estado, mas às vezes, por fragilidade e a meu pesar, lá caio numa falta, numa imperfeição, quebrando o silêncio na sala de estudos e nos corredores, adormecendo na carteira, murmurando uma vez ou outra nos recreios, queixando-me da comida, cabulando um pouquinho, etc., etc. Deus me perdoe e, com o auxílio da graça da ordenação e esforçando-me por corresponder fielmente ao dom incomparável do sacerdócio que vou receber, hei-de procurar ser melhor como padre do que fui como seminarista.

Pedro - São louváveis esses teus sentimentos e essas tuas boas disposições e propósitos. Mas diz-me cá! Não achas que quem peca deve fazer penitência dos seus pecados? Pois a melhor penitência que podes fazer pelas tuas faltas passadas, de que estás vivamente arrependido, é ofereceres a Deus a pequena humilhação que resulta para ti de serem apresentadas em público numa festa, por assim dizer, e numa assembleia onde todos estão unidos em Cristo pelos vínculos da caridade fraterna.

Paulo - Chamas tu a isso pequena humilhação!

Pedro - E com certeza que é! Não te lembras da maneira tão suave com que o Sr. Reitor traçou os perfis? Via-se com clareza que não queria vexar nem sequer magoar, ainda que levemente, nenhum dos quartanistas. Fazia avultar as virtudes e boas qualidades e mal tocava em certos pequeninos senões de temperamento e carácter que mais pareciam virtudes que defeitos, tão paternais e delicadas eram as expressões com que os focava.

Paulo - Lá isso é verdade, concordo!

Pedro - E depois nota bem! A surpresa dos perfis, o ano passado, foi surpresa só para nós e por isso talvez não a apreciámos como a devíamos apreciar nem a agradecemos como devíamos agradecer.

Paulo - Agradecer não, porque éramos terceiranistas. As carapuças não foram talvez para nós e por isso não as enfiámos na nossa cabeça.

Pedro - Tens razão. Mas não era isso que eu queria dizer. Referia-me aos finalistas. Estou certo de que nenhum deles foi agradecer ao Sr. Reitor a carapuça que ele lhe ofereceu... de graça. Talvez por acanhamento. De resto, como ia dizendo, a surpresa foi só para nós. Porque lá fora, no estrangeiro, essa prática está bastante generalizada, é mesmo uma tradição que ninguém estranha nem leva a mal e que, pelo contrário, é até sobremodo apreciada. Os visados acham graça, riem e são os primeiros a aplaudir. E, numa festa de alegria e numa festa de família, nem se compreendia que assim não fosse.

Paulo - Foi bom que tivéssemos esta conversa, Já vejo as coisas por outro prisma. Na verdade estava com os olhos completamente fechados. Foste tu que os abriste. Bem hajas!

Pedro - Então queres ir comigo pedir ao Sr. Reitor que trace também este ano os perfis dos finalistas?

Paulo - Olha, este ano é melhor que não; mas peçamos-lhe que os trace no próximo ano, valeu?

Pedro - Ah, grande maroto; o que tu não queres é que te ponham a calva à mostra, sujeitando-a à irrisão do próximo. Que falta de humildade! Que amor próprio tão fino e tão subtil!

Paulo - Infelizmente assim é, como já te disse; mas quero emendar-me e com a graça de Deus e a protecção de Nossa Senhora hei-de consegui-lo. Mas ao presente ainda não me sinto capaz de tamanho sacrificio que julgo superior às minhas forças.

Pedro - Que homem tão pouco generoso que tu és! Sem sacrificio, sem espírito de sacrificio, não há, não pode haver virtude sólida.

Paulo - Tens razão. Reza por mim e não te desedifiques com a minha fraqueza e miséria. Se eu tivesse sabido aproveitar tantas luzes e tantas graças que Deus, na sua bondade e misericórdia, me concedeu durante o tempo que frequentei o Seminário, talvez já fosse um Santo. Ouvi tantas práticas, fiz tantas meditações e leituras espirituais, tantas e tantas vezes tive exercícios e retiros, os superiores deram-me tantos

conselhos, avisos e admoestações, presenciei tantos exemplos bons e, a final, tenho tão pouca piedade, sinto-me tão pouco fervoroso!

Pedro - Sabes, meu caro Paulo, que tudo isso é efeito da infidelidade e resistência à graça? Tens de mudar de vida e de mudar radicalmente. De contrário não poderás ser um sacerdote exemplar e edificante. Não poderás ser, como é tua obrigação, o sal da terra e a luz do mundo. Correrás risco de cair na tibieza e te tornares um sacerdote mau ou relaxado. Que infeliz, que desgraçado tu serias! Serias o opróbrio do Clero, a vergonha da Santa Igreja, o padre de escândalo dos fiéis. Todos, até os maus, te desprezariam, no seu íntimo, ainda quando por ventura te adulassem ou lisonjeassem. Perante Deus e perante os homens, apareceria como um Judas, como um vil traidor. Mais valera que não tivesses nascido. Passarias uma vida horrível, de sacrilégio em sacrilégio, de abominação em abominação e, depois de uma morte mais horrível ainda, a morte dos réprobos, virias a sofrer uma eternidade de tormentos.

Paulo - Ó Pedro, acaso não exageras traçando esse quadro com cores tão negras e tão pavorosas?

Pedro - Não exagero, não, podes crer. Para o sacerdote, não há meio termo. Ou será bom a valer, piedoso, fervoroso, zeloso, vivendo para o exercício da sua sublime missão ou, na alternativa, não pode deixar de ser um miserável, um infame. Não basta uma piedade superficial, não basta uma virtude medíocre para poder cumprir os seus deveres, que são tantos e tão graves. Se não for um apóstolo, pelo seu amor de Deus, pelo empenho em santificar-se segundo o seu estado, subindo cada vez mais alto no caminho da perfeição sacerdotal, será fatalmente um demónio vivo. Repito: não há meio termo. E como é possível que um seminarista, que, durante a sua estada no Seminário, não foi o que lhe cumpria ser, se transforme de repente num sacerdote segundo o Coração de Deus? Para isso seria necessário um milagre.

Paulo - Pois esse milagre espero-o da misericórdia divina pela intercessão de Nossa Senhora e de S. José, aliás estaria irremediavelmente perdido e perdido para sempre. Se assim não fora, antes não me ordenasse de presbítero, antes, como dizia o ano passado um companheiro nosso, antes pedir esmola de porta em porta para viver.

Pedro - E olha, Paulo, que estamos actualmente numa viragem da história da humanidade. Temos de contribuir todos para a organização da nova ordem. E aos sacerdotes cabe o maior quinhão nessa gigantesca tarefa. Mas, para que a possam realizar, no seu esforço tenaz e persistente, embora obscuro, de cada dia que passa, é indispensável que sejam homens de fé viva, de zelo ardente, de coragem heróica, de olhos postos no ideal mais nobre, mais belo e mais sublime, o ideal do sacerdócio: glorificar a Deus e salvar o mundo santificando as almas. Têm de praticar a abnegação de si mesmos, têm de aprender a renunciar-se, têm de se desprender das coisas da terra para se elevarem às coisas do Céu. Como diria Psichari, o neto de Rénan, modelo das gerações novas, caído no campo de honra em defesa da Pátria: *“Nada prepara melhor uma alma a receber e viver o seu Deus como esvaziá-la de todo o prazer sensível”*.

Paulo - Agradeço cordialmente a lição que me deste. Reconheço como nunca que, assim como o mau padre é o mais infeliz dos homens, o bom padre é o mais feliz. Mas diligenciarei ir mais longe: quero ser um sacerdote santo para glória de Deus, para honra da Igreja e do Clero, para bem da nossa querida Pátria.

NO CONGRESSO EUCARISTICO

(Conferência nº. 16)

Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo da diocese de Bragança e Miranda,

Senhoras,

Senhores,

Convidado para falar neste Congresso Eucarístico, não quis dar nega à chamada, apesar de os anos me terem levado os olhos e a loquela, impedindo-me de ler correntemente e de falar por forma inteligível, precisando, por isso, que outrem me substitua nestes mesteres.

É que se trata de uma afirmação solene da Fé Católica, que é também fé patriótica neste ano de 1940, em que se celebram as Festas Centenárias da Fundação de Portugal em 1139, e da sua emancipação do jugo castelhano em 1640, e quis aproveitar esta coincidência para ler com V. Ex.cias, nas pedras dos muros e castelos desta antiga cidade de Miranda, a história da Fé Cristã e patriótica, que os levantou; a história da mística espiritual indispensável à criação dos empreendimentos de relevo social.

É que, digam o que disserem os materialistas, a Fé religiosa é indispensável não só para as coisas espirituais, mas também para as temporais, de modo que, sem ela, nada

se consegue de perdurável, grandioso, nobilitante e, quando os indivíduos, as famílias, os povos, as nações a perdem abandonando as tradições, à sombra das quais nasceram e medram, essas nações esfarrapam-se, decaem, aniquilam-se, deixam de existir, ou pelo menos, de marcar no tabuleiro internacional.

Com quantos exemplos tirados da história eu podia justificar esta doutrina, mas prefiro os da nossa terra. Vedes aquela família da vossa aldeia, da vossa vila ou cidade, que abandonou as tradições religiosas em que seus pais a criaram, legando-lhe com ela uma boa casa relativamente rica para a nossa terra, como se esfrangalhou tudo rapidamente. Se procurardes a causa de tamanha decadência achá-la-eis no abandono das práticas religiosas.

Pois o mesmo sucede às nações, quer sejam monarquias, impérios ou repúblicas. E isto não é só de hoje, nem de ontem, mas sim de todos os tempos. Já Horácio dizia há dois mil anos aos Romanos corrompidos do seu tempo: *“Perdestes a crença, a fé, que levantou esses grandiosos monumentos religiosos, prodígios de beleza arquitectónica: os altares e templos dos deuses caem ao abandono e cheios de poeira, fumo e desmazelo; por isso os germanos derrotam as nossas legiões e, se não mudais de vida, brevemente tomarão conta de tudo, e o colossal império romano, assombro de todo o mundo e de todos os tempos, pelos maravilhosos triunfos que conseguiu, deixará de existir”*.

E assim foi, porque ninguém prestou atenção aos avisos do grande escritor, ainda hoje memorado com assombro pela grandeza do seu génio poético; a corrupção continuou em progressões geométricas, como intensa trovoada despegada sobre íngreme montanha, que arrancando árvores e rochedos arrasa tudo na corrente. E, em menos de três séculos os Romanos, notai bem, os Germanos, avós dos actuais alemães, estavam senhores do império romano.

Acautelemo-nos pois, se não queremos que nos suceda outro tanto.

Querem V. Ex.cias ver um exemplo da Fé religiosa que em 1640 salvou Portugal dando-lhe essa grandeza épica que lhe permitiu sacudir o jugo castelhano? Hei-los também tirados da nossa casa.

A 11 de Setembro de 1646, portanto faz hoje 294 anos, escrevia el-rei D. João IV ao Cabido da Sé de Miranda do Douro, dizendo-lhes:

“Deão, Dignidades, Cónegos e mais cabido da Sé de Miranda: Eu, El Rei, vos envio muito saudar. Pela cópia da provisão que será com esta carta, entenderéis as razões que me moveram a tomar por padroeira destes meus Reinos e Senhorios a Santíssima Virgem Nossa Senhora da Conceição; e porque conforme ao Breve do Santo Padre Papa Urbano VIII (cuja cópia vos remeto) é necessário que o povo dessa cidade, em Câmara na forma costumada, eleja por votos secretos seu padroeiro, lhe mando escrever e encomendar apertadamente, que juntando-se esse Cabido e Clero desse Bispado, haja por boa esta eleição, e a faça de novo, procureis que nesta conformidade se proceda por vossa parte que tudo se faça como muito convém, e sois obrigados, assim pelos fundamentos daquela provisão, como também por ser este o meio mais seguro de poderdes grandes vitórias de vossos inimigos e grandes prosperidades alcançar ao reino. Escrita em Lisboa a 11 de Setembro de 1646. Rei”.

Notem V. Ex.cias como neste tempo, que a falsificada história liberal nos apresenta como dominado por absolutismo intransigente, se recorre à eleição e concordância do povo, mesmo nos casos em que a sua opinião parece ser de fraco valor.

Notem ainda a Fé religiosa do Rei, dos grandes, do povo, na Virgem Maria!

É que então estava-se nas Guerras da Restauração, que duraram 28 anos, e todos, sem discrepância, sentiam, que a protecção da Virgem era *“o meio mais seguro de podermos alcançar grandes vitórias”*. E Nossa Senhora da Conceição foi unanimemente escolhida para protectora de Portugal, e a vitória veio, porque a mesma fé reinava em todos os corações, que não só do povo com exclusão dos grandes e dos pseudo-intelectuais, a revigorar as gloriosas tradições portuguesas do campo de Henrique, em que, segundo a crença, Nosso Senhor Jesus Cristo apareceu ao nosso primeiro Rei D. Afonso Henriques, prometendo-lhe a vitória; porque revigoravam as tradições de Aljubarrota objectivadas nesse mimo de graça e arte que é a Igreja da Batalha.

Desta unanimidade de vistas, por conseguinte desta fé, resultou aquela lápide de granito que está ali em baixo, a meio da parede da antiga casa da Câmara Municipal de

Miranda, agora convertida em cadeia, onde se declara Nossa Senhora da Conceição Padroeira de Portugal.

E a propósito, lembro aos Mirandeses que continuem a venerá-la como relíquia gloriosa pois são raros os monumentos deste género no nosso país. Desta unanimidade de vistas resultou aquele letreiro que está mais além metido na parede dos cabanais da Praça, depois de ter sido encontrado nas ruínas do Castelo, no qual se lê esta inscrição:

“No ano de 1661 mandou fazer esta obra de Almarem Dom Rodrigo de Castro, Conde de Misquitela, governando as armas desta província e as desta praça André Pinto Barbosa com dinheiro que deu o Rev.º Cabido para abastecimento e defensão da cidade e da fronteira”.

Resultaram várias obras nas muralhas e castelo desta cidade como tudo consta de documentos autênticos que estão a ser publicados no livro que tenho a imprimir referente às Festas Centenárias no Distrito de Bragança.

Mas não foi só na região mirandesa. O dinheiro do Cabido, ou melhor, das rendas eclesiásticas provindas de toda a diocese, contribuiu para se levantarem ou repararem as fortificações do Vimioso, Outeiro, Bragança, Vinhais, Chaves e chegou até Geromenha, no Alentejo, porque a disposição moral da gente portuguesa (...) ¹⁰ pela Fé em bloco homogéneo de “um por todos e todos por um”, usava de recursos que tinha, gastando-os onde fariam falta sem interesses nem egoísmos particularistas.

Todavia isto ainda não é tudo. Em 14 de Julho de 1643 escrevia El Rei D. João IV ao Cabido de Miranda dizendo-lhe que resolvera marchar para o Alentejo a *“dardejar as minhas armas, e porque para se conseguirem os efeitos que se pretendem, será o mais eficaz meio recorrer a Deus Nosso Senhor, encomendando-lhe muito particularmente os sucessos delas”* pede ao Cabido que mande fazer preces públicas por toda a Diocese.

Na mesma confiança e fé continuaram os reis sucessores de D. João IV; assim a Rainha regente D. Luísa de Gusmão, escrevia ao Cabido de Miranda a 16 de Maio de 1647, dizendo-lhe que os castelhanos atacaram com forte exército as praças de Olivença, no Alentejo, e Valença do Minho e, apesar de ter por certo o triunfo da nossa

¹⁰ Pontuação conforme o original dactilografado. Dá ideia que, por esquecimento, a frase está inacabada.

causa, era necessário encomendá-lo a Deus implorando a sua protecção e, por isso manda ao Cabido de Miranda que *“nessa Sé, e em todas as Igrejas da vossa jurisdição, façais encomendar muito particularmente a Deus o bom sucesso de minhas Armas com ladainhas, orações, esmolas, e todos os meios de contentar a Deus, fazendo procissões públicas”*.

A mesma Rainha, na carta de 8 de Junho de 1658, dizia ao Cabido de Miranda que as tropas estavam prestes a entrar em campanha e, por isso, *“vos encomendo muito peçais e façais pedir a Deus em orações, esmolas e outros actos de merecimento e assim na Sé, como nas Igrejas que vos são subordinadas, o bom sucesso de minhas Armas”*. De igual maneira continuou pensando seu sucessor, el-rei D. Afonso VII, como se vê da sua carta dirigida ao Cabido de Miranda a 5 de Novembro de 1667, recomendando-lhe preces e orações para obter bom despacho num caso dificultoso, por ser este o *“melhor meio, diz el-rei, de o conseguir”*.

Neste particular é interessante a carta de 25 de Novembro de 1643 de el-rei D. João IV dirigida ao Cabido de Miranda pelas disposições litúrgicas que encerra.

Diz ela: *“que tendo respeito às particulares mercês que recebi de Deus Nosso Senhor desde o dia da minha aclamação até ao presente, desejando de as reconhecer para obrigar a Deus Nosso Senhor, a que as continue em benefício destes reinos, (...)”*¹¹ *comunicando com pessoas de letras, e temor de Deus, o meio que seria mais conveniente seguir neste caso: lhes parece que se manifeste. Santíssimo Sacramento em todas as Igrejas Catedrais, Paroquiais e Conventuais destes meus reinos com as mais luzes, e maior decência que for possível, repicando-se os sinos de cada (...)”*¹² *delas com a multiplicação conveniente, assim para a ocasião da Missa, que se cantará solenemente do Corpo do Senhor, como nas mais, que no decurso do dia, (...)”*¹³. Ao encerrar o Santíssimo Sacramento se cantarão, com as solenidades que houver lugar do Hino da Festa, as palavras que começam *Ó Salutaris Hostia* até ao fim do verso, e a oração do mesmo Hino, com as comemorações do Bem-aventurado S. Jorge, Protector deste reino, a qual se continuará depois os cinco meses seguintes nas Laudes e Vésperas

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Idem.

na forma da reza romana rezando em todos os oito meses as ladainhas com grande devoção e fervor.

Assim pensavam então os reis e da mesma forma procediam seus generais, e o povo acompanhava-os contentes, porque esta era a sua tradição cívica e quem corre de contente não cansa, segundo ensina o rifão.

Querem V. Ex.cias ver um exemplo bem frisante? Hei-lo e também tirado da nossa casa. A 9 de Agosto de 1643, resolvendo D. João de Sousa da Silveira, governador de Armas da Província de Trás-os-Montes, atacar os castelhanos pelos lados de Bragança, *“mandou ajuntar todas as companhias, que na cidade e seu termo havia. Expôs-se o Santíssimo Sacramento no Colégio da Companhia de Jesus (hoje Sé de Bragança). Confessaram-se e comungaram muitos soldados e feita a oração ao Senhor marcharam ao ataque da fronteira inimiga, onde alcançaram brilhante êxito, regressando depois a Bragança, que os recebeu com mostra de grande aplauso e alegria”*, como diz o autor contemporâneo Gregório de Almeida, na sua Restauração de Portugal Prodígiosa.

Foi assim, com esta preparação espiritual, que as armas portuguesas triunfaram em Montijo, Olivença, Linhas de Elvas, Ameixial e Montes Claros, dando ao Pendão das (...) ¹⁴ glória imortal. Mas as batalhas ganham-se à força de canhões, objectarão os materialistas, e é ... ¹⁵

¹⁴ Idem.

¹⁵ Conferência incompleta.

AGRADECIMENTO

(Conferência nº 17)

Permiti-me que, antes de mais nada, vos agradeça, com todas as veras da minha alma, em nome de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Bragança e Miranda, assim como em nome das ilustres comissões de honra e de organização e direcção da Obra dos Patronatos desta cidade, cidade de gente tão boa, tão generosa e de tão nobres e elevados sentimentos, qual outra não há que mais o seja em Portugal nem talvez no mundo, a gentileza e o favor de terdes vindo assistir a este modesto espectáculo de beneficência, a este singelo serão de arte... e de caridade. A vinda de Vossas Excelências, nesta noite, ao Salão de festas da Juventude Católica Feminina,

enchendo-o de lés a lés, afigura-se-me, perdoai-me que o diga, se é hipérbole, como que um penhor da bênção de Deus e a bênção de Deus é a vida para o presente, a esperança e a fecundidade para o futuro; é, simultaneamente, a gota de orvalho que faz germinar a planta e o puríssimo raio de sol que a faz desabrochar.

Minhas Senhoras e meus Senhores: Do programa desta festa, tão simples quanto encantadora, porque nela resplandece o que há de mais belo e mais puro na face da terra, os sorrisos da infância e as graças da inocência, consta um pequenino número, assim formulado: “Duas palavras sobre Patronatos”. Longe de mim o propósito de fatigar o espírito de Vossas Excelências, na hora em que, após as lides do dia a dia, anela e busca um justo desafogo e um merecido recreio, com o estudo minucioso da natureza e das características dum Patronato ou sequer com a exposição desenvolvida da ideia-mãe da Obra dos Patronatos nesta terra.

E não leveis a mal, minhas Senhoras e meus Senhores, que eu ouse dizer “ nesta nossa terra”. É que, ao ter a dita de, pela vez primeira, pôr os pés neste rincão abençoado do extremo nordeste do país, senti logo, e não era apenas ilusão fugaz, senti logo que estava verdadeiramente na minha terra.

Ó excelsa cidade de Bragança!

Tu és grande e és bela pelas tradições gloriosas e imortais da tua história multissecular!

És grande e és bela pela religião acrisolada e virtudes ancestrais de teus filhos, pelos fulgores incomparáveis da tua selecta aristocracia intelectual, pelas qualidades de trabalho e probidade inconcussa dos teus operários e artistas, pela nobreza e fidalguia da alma das tuas matronas e pela graça recatada e modesta das tuas donzelas!

És grande e és bela pelos dons e prendas com que, de mãos dadas, a natureza e a arte, na sua munificência te enriqueceram, tornando-te donairosa e gentil entre as cidades mais gentis e mais donairosas do nosso Portugal.

Eu admiro em êxtase a pureza do teu céu azul, o esplendor vivíssimo do teu sol de oiro e púrpura, a doce suavidade das tuas noites estreladas, a imponência e o garbo da tua cidadela, a linda paisagem que te circunda como um manto aurifulgente de rainha, as linhas sóbrias e elegantes dos teus vetustos monumentos, o canto das tuas

aves, as flores dos teus jardins, os sorrisos das tuas crianças e, mais que tudo, mais que tudo, sim, a magnanimidade e a elevação de sentimentos dos teus habitantes! Bragança, palácio sacrossanto da Religião e da Pátria, escrínio precioso de memórias gloriosas, cidade encantada de mouras e de fadas, terra de graças e de primores, formosa princesa do Sabor, eu te saúdo como verdadeiro português e bragançano de coração!

Salvé, mil vezes salvé!

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Portanto, somente duas palavras sobre Patronatos, como taxativamente anuncia o programa da festa de hoje.

Um dia, o nobre e querido Prelado diocesano, honra e lustre do Episcopado português e legítimo orgulho da nossa terra, cujas altas virtudes e peregrinos dotes de carácter e de coração todos os bragançanos apreciam e veneram, passeava nas imediações desta cidade. Era em plena quadra invernososa. O frio, intenso e áspero, entorpecia os corpos, fazendo vibrar os membros inteiriçados em crispações nervosas. Dos cerros longínquos da Sanábria coava-se, através das suas gargantas polvilhadas de neve, um vento glacial que flagelava as mãos e os rostos e sacudia com violência de tempestade as copas das árvores e os tufos de giestas. Dir-se-ia que um véu de luto e de tristeza envolvia a natureza morta. Súbito, numa encruzilhada, surge, qual visão dantesca, um numeroso grupo de crianças pobrezinhas. Cobertas de farrapos que caíam aos pedaços, sujas, descalças, as faces pálidas de fome e arroxeadas pelo frio, pareciam um bando de avezinhas, implumes e sem ninho.

Perante o espectáculo tão lastimoso, o coração do bondosíssimo Prelado, émulo de Frei Bartolomeu dos Mártires, confrangeu-se de dor e a sua alma eleita, numa inspiração verdadeiramente celeste, tocou com a vara mágica da caridade na rocha sagrada do ideal e dela brotou, como torrente de água viva, a ideia piedosa e bela de proporcionar o pão do corpo e o pão do espírito às criancinhas pobres, de ambos os sexos, da capital do distrito. Da alma grande e generosa do digno sucessor dos Apóstolos, do seu coração compassivo e carinhoso, nasceu assim, minhas Senhoras e meus Senhores, a Obra dos Patronatos. E essa Obra, o venerando Antístite não quis, egoisticamente, que fosse sua, para poder ser da cidade, para ser de Vossas Excelências,

de todos os filhos de Bragança. E, enquanto isto se passava, noutra alto espírito e nobre coração afluava o mesmo pensamento de protecção à infância desvalida, de amparo às criancinhas desprovidas de alimento e conforto. Refiro-me ao ilustre Presidente da Comissão Administrativa do nosso Município, o Ex.mo Senhor Tenente-Coronel Teófilo de Moraes que, ao ter conhecimento da iniciativa do augusto Chefe diocesano, num gesto lindo, espontaneamente resolveu conjugar os seus valiosos esforços com os dele, para que houvesse um pouco mais de pão em muitos lares, menos fome em muitos estômagos e mais alegria em muitos rostos e em muitos corações.

Bem haja Sua Excelência por isso!

Minhas Senhoras e meus Senhores

Vós todos bem sabeis que, por via de regra, a pobreza costuma assentar os seus arraiais nos grandes centros de população, fazendo-se rodear dum cortejo interminável de males tanto de ordem material como de ordem moral. Num sem número de famílias, a luta pela vida, o *struggle for life* do filósofo, imobiliza, dalgum modo, os olhares em direcção à terra e não deixa coar pela estreita fresta da humilde mansarda ao menos um raio consolador de esperança e de fé. Enquanto os pais mourejam na labuta quotidiana, para granjear com o suor do rosto o seu pão e o pão de seus filhos, estes sem guia e sem esteio, faltos de alimento e de vestuário, onde é que hão-de ir, neste mundo de imoralidade e de cepticismo, para ouvir uma boa palavra adaptada às exigências da sua alma, para aprender conselhos que os defendam dos perigos a que estão expostos, para receber uma sólida formação do espírito e do coração, senão à esfera de influência da Igreja que lhes ensina os salutareos princípios da moral cristã, única moral que os nossos avós professaram e praticaram durante oito séculos da nossa história, que os espíritos cultos e desapaixonados aceitam de bom grado e que o Estado Novo justamente preconiza como base indispensável da sociedade portuguesa?

No último quartel do século passado, uma personagem importante, insuspeitíssima pelas suas ideias em matéria religiosa, dizia aos seus agentes: “*Fazei o que puderdes, mas fazei alguma coisa... A educação da juventude não está concluída aos doze anos; é então que ela começa*”. E destas palavras nasceram mutualidades, cursos de adultos, associações de antigos alunos, patronatos enfim.

É mister criar no nosso país um grande movimento nesse sentido. Os nossos melhores educadores compreendem perfeitamente e não se cansam de apregoar e encarecer esta necessidade que é reconhecida também, há muito tempo, noutros países da Europa e da América. Ainda há poucos anos uma das figuras mais eminentes da França contemporânea afirmava dum modo peremptório: *“Uma escola sem patronato não satisfaz cabalmente as exigências da formação moral das crianças”*. E podia sem temeridade formular este asserto, porque tinha a confirmá-lo o seu vasto saber feito de longa e criteriosa experiência.

E não queirais ver, minhas Senhoras e meus Senhores, numa afirmação que, à primeira vista, se afigura bastante ousada, uma pretensão descabida de crítica ou a intransigência duma tese que se deseja impor com carácter universal. Trata-se apenas de apontar um facto que em si mesmo não é susceptível de contestação, e de apelar para todas as almas nobres e para todos os corações generosos, a fim de concorrerem, na medida das suas forças, para remediar um dos males mais graves de que enfermam a infância e a juventude do nosso tempo.

Educar uma e outra não é, por ventura, a salvação no porvir? Trabalhar esses espíritos juvenis, instruí-los dum modo mais completo e em todos os seus deveres, dirigir a sua inteligência no momento em que ela começa a apreender e a discutir as ideias correntes no mundo, e orientar a sua vontade para uma acção eficaz que pode produzir resultados tão fecundos no sentido da paz social e do bem da humanidade, não é obra destinada a dar frutos imperecíveis?

Como proclamou ainda há bem poucos dias, um distinto Oficial do nosso glorioso Exército, espírito cultíssimo e orador de raça, numa alocução aos beneméritos professores de Ensino Primário, do distrito da Guarda: *“É preciso defender as consciências juvenis de extremismos perigosos que nem são portugueses nem próprios de pessoas civilizadas, é preciso educá-las no culto do respeito e da disciplina. No amor da família, no amor de Deus, no amor da Pátria, é preciso, finalmente, encaminhá-las pela senda do dever e inculcá-lhes um nacionalismo forte e sadio, baseado nas tradições cristãs da nossa terra”*.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Não cabe nos apertados (?)¹⁶ desta simples e desataviada palestra, que, diga-se de passagem, só tem o mérito, diga-se de passagem, de pôr à prova a heróica paciência de Vossas Excelências, encarar com os seus múltiplos e variados aspectos o monstruoso problema social, que não se pode resolver satisfatoriamente senão à luz das encíclicas *Rerum Novarum* de Leão XIII, o Pontífice da inteligência, e *Quadragesimo Anno*, de Pio XI, o Papa da Acção Católica. Não é este o lugar próprio, nem é este o momento oportuno de estudar assunto tão vasto como complexo. Mas o que não sofre dúvida é que todos aqueles que seguem com olhar atento o movimento actual das ideias não têm outra bandeira que não seja a de Cristo, em que se lê a palavra que encerra o segredo da solução dos magnos problemas que atormentam os espíritos do nosso tempo: “*Deixai vir a mim as criancinhas!*”. Esta divisa tem operado maravilhas desde que os lábios divinos do Redentor a pronunciaram há quase dois mil anos e operá-las-á até ao fim dos séculos. Na época presente, ela cria patronatos que mercê de Deus, se estão multiplicando um pouco por toda a parte, no nosso país e no estrangeiro. Há-os nas cidades populosas, há-os nos centros industriais, há-os nas vilas, há-os até em humildes aldeias. Existem jornais, revistas, boletins que publicam periodicamente o que pode interessar aos directores dessas instituições e que indicam todos os percursos que importa conhecer para os fundar, manter e elevar a um alto grau de prosperidade.

A sua organização é menos complicada do que em geral se supõe; um pouco de boa vontade basta para os trazer à existência, o seu orçamento é muito limitado e o bem que fazem verdadeiramente incalculável. Essas instituições, essas obras, esses Patronatos, como de ordinário se chamam, devem hoje atrair a atenção de todos os que se preocupam seriamente com a educação das gerações novas. Como já frisei, impõe-se um movimento inteligente e intenso nesse sentido. A todos incumbe cooperar nesse movimento e a ninguém é lícito desinteressar-se do que há talvez de mais importante no nosso país: a educação das crianças, que serão os homens de amanhã, desempenhando muitos deles um papel preponderante no seio da sociedade.

A prestimosa Obra dos Patronatos, na cidade de Bragança, está, a partir deste momento, nas vossas mãos. Ela será o que vós quizerdes. Tenho antecipadamente a

¹⁶ Palavra imperceptível.

certeza de que fica bem entregue. Sobre ela deixareis cair sem cessar as pétalas da flor da caridade que adorna o jardim das vossas almas e essas pétalas, vivificadas pelas bênçãos de Deus, consagradas pelas lágrimas de alegria e gratidão de muitos pais e de muitas mães e convertidas em ouro, como as rosas da Rainha Santa Isabel, levarão o pão do corpo a muitas bocas, a luz da verdade a muitas inteligências, nobres sentimentos a muitos corações, conforto a muitos lares, e contribuirão para tornar um pouquinho maior e mais belo o nosso grande e belo Portugal.

Tenho dito.

PRÁTICA-SERMÃO SOBRE O IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

(Sermão n.º. 1)

Santuário da Rocha, 10.IX.1933.

“Mater ejus conservabat omnia verba haec in corde suo”. “Maria, Mãe de Jesus, fixava todas as palavras do seu Divino Filho, meditando-as no seu coração”. (Lc 2, 51).

O Evangelista médico, o Evangelista pintor, S. Lucas, que, segundo a tradição, conheceu e tratou de perto com a divina Mãe de Jesus, é sóbrio, é quase lacónico, quando fala no seu Evangelho da augusta Rainha do Céu, de Maria Santíssima. Mas que conjunto admirável de coisas não contém esta simples reflexão que ele faz: *“A Mãe de Jesus fixava todas as palavras que Ele proferia para as meditar no seu Coração!”*. Quem será capaz de descrever a beleza, os encantos, as riquezas desse Coração que, cheio de graça desde o seu nascimento, se enriquecia cada vez mais e era como que um espelho fiel, onde iam reflectir-se todos os pensamentos, todas as palavras e todos os actos de Jesus! O Coração de Maria era a cópia, era o traslado, era a reprodução do Coração de Jesus, era verdadeiramente o Coração de Jesus...

Estudemos, pois, esse Coração tão perfeito, a fim de nos excitarmos a honrá-Lo e a imitá-Lo. Vejamos o que Ele é em Si mesmo, em relação a Deus e em relação a nós.

A) Se considerarmos o *Coração de Maria em si mesmo*.

Podemos dizer que esse Coração Santíssimo é a obra prima saída das mãos do Omnipotente, que, tendo criado a augusta Virgem para ser a Mãe do Verbo Eterno, havia-a enriquecido de toda a sorte de graças excelentes e de dons celestes, para que Ela fosse digna de ser, sobre a terra, o tabernáculo do Altíssimo, o Sacrário vivo da Divindade.

Esse Coração sagrado era dotado duma pureza sem mácula. Era mais puro que o firmamento e mais belo que o sol. Era isento do (?)¹⁷ da concupiscência e de todas essas más paixões que lançam muitas vezes a perturbação e a desordem nas almas e nos corações. Porque Maria Santíssima tinha sido concebida sem pecado original, e nunca a mais pequena falta nem a mais leve imperfeição embaciaram a candura da sua alma privilegiada.

“Tota pulchra es Maria et macula non est in te”, canta a Santa Igreja. *“Toda sois formosa, ó Maria, e em vós não há mancha alguma”*. Mercê das luzes sobrenaturais que iluminavam a sua formosura, inteligência, Maria Santíssima tinha um conhecimento bem claro da grandeza de Deus e do seu próprio nada. Por isso o seu Coração era profundamente humilde, aniquilando-se perante a Majestade Divina e referindo-Lhe tudo quanto nela havia de bom e todo o bem que podia fazer. Em virtude dessas mesmas luzes, compreendia a vaidade e o nada das coisas do mundo. Por isso o seu Coração estava absolutamente desprendido de tudo, perfeitamente livre de toda a afeição desregrada, não vendo senão Deus, não procurando senão Deus, realizando antecipadamente a palavra do Apóstolo: *“Eu estou morta, e a minha vida está escondida em Deus com Cristo”*.

B) Mas consideremos agora o *Coração de Maria em relação a Deus.*

Esse Coração, tão puro, tão belo, tão saturado de graças, era cheio de reconhecimento e estava abrasado de amor por Deus, de zelo pela sua glória, de dedicação pelos seus interesses. Maria Santíssima não pensava senão no seu Jesus, não vivia senão para Ele; cada uma das suas acções, cada um dos seus pensamentos, cada palpação do seu coração, eram outros tantos actos de amor, do amor mais perfeito e mais santo. *“Ego dormio, cor autem meum vigilat”*. *“Eu durmo, mas o meu coração vela”*. Ela era interiormente dócil e submissa em tudo à vontade de Deus, que constituía a única norma da sua conduta. O seu estribilho constante, de cada hora, de cada momento, era a resposta que dera à saudação do Anjo: *“Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum”*. *“Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra”*. Para cooperar no adorável mistério da Encarnação, como para ir a casa

¹⁷ Palavra imperceptível.

de sua prima Santa Isabel, depois a Belém, ao Egito, a Nazareth, e a todas as emergências dolorosas da sua vida, Maria Santíssima nunca se desviou um ápice sequer desta regra divina: *“Ecce ancilla Domini”*. *“Eis aqui a escrava do Senhor!”*.

O seu amor para com Deus, a sua dedicação perfeita, total, absoluta, faziam dela, em todo o tempo e a toda a hora, uma hóstia pura, santa e agradável ao Senhor. A sua imolação foi precoce, voluntária, e sem restrição nem reserva, generosa e contínua, em união com o seu Jesus.

Ela consumia-se em santos e ardentes desejos de ver Deus glorificado, de ver Jesus reconhecido e amado. Quem logrará descrever quanto esse Coração Santíssimo sofreu à vista das resistências do povo deicida, perante a ingratidão de tantos milhões de infieis e de pecadores obcecados e endurecidos! Quem será capaz de contar as suas lágrimas e os seus suspiros, as lágrimas que verteu e os suspiros que soltou, a fim de obter o êxito completo da Sagrada Obra da Redenção! Coração de Maria, Coração de Jesus!

C) Estudemos, finalmente, *o Coração de Maria em Relação a nós*.

Estando o coração de Maria tão unido com o de Jesus, e sendo sob todos os pontos de vista tão semelhante a esse Coração Divino, é evidente que era cheio de doçura, de benevolência e de caridade para com os homens. Jesus encarnou e quis dar o seu sangue por eles. Maria Santíssima, pela sua salvação, deu mais que a própria vida, deu o seu próprio Filho. Por isso, em compensação, ela recebeu-os a todos por herança, como seus filhos adoptivos, ao pé da Cruz. Seria preciso compreender o coração de sua mãe e duma tal mãe, para poder medir a extensão e o valor dum dom tão precioso como Jesus, e também só Jesus, instituindo-a nossa Mãe, pode dar-lhe um amor imenso, semelhante ao seu, por nós seus filhos.

Por isso o terno Coração de Maria não cessa de velar por todos nós, de nos proteger, de nos beneficiar. Ela gerou-nos na dor, e, quanto mais sacrifício lhe custamos, tanto mais Ela nos ama. O seu Coração vela por nós de dia e de noite, Ela está sempre pronta a ouvir-nos e atender-nos. E nós ainda não a amamos?

Quem poderá dizer o zelo de Maria Santíssima pela nossa santificação e pela nossa salvação! Ela ora por nós, ela exorta-nos, adverte-nos, instrui-nos, Ela excita-nos a fugir do mal e a praticar o bem.

O filho não vê, não suspeita sequer a acção solícita e vigilante de sua mãe, mas recolhe os frutos dessas acções.

Quantas almas devem a Maria Santíssima a sua conversão, a sua perseverança, a sua salvação eterna! Quantos milagres de amor em La Salette, em Lourdes, em Pontmain, por meio da medalha (?)¹⁸ por meio do escapulário do Carmo, e, para falar de Portugal, no cume do Sameiro e na santa montanha de Fátima. Se S. Paulo podia dizer aos fiéis do seu tempo: *“Sede meus imitadores, como eu o sou de Jesus Cristo, com mais forte razão Maria Santíssima no-lo diz a todos nós, seus filhos dilectos”*. Eu sou a Mãe do amor formoso, do temor, da ciência de Deus e da santa esperança. Vamos, pois, aprender na sua escola a humildade, a obediência, a modéstia, a doçura, a paciência, todas as virtudes.

Cristãos, honremos o puríssimo Coração de Maria. Honremo-La por causa das suas inefáveis perfeições. Depois do Coração adorável de Jesus, nada saiu tão belo, tão puro, tão excelente e perfeito das mãos do Criador como o Coração Castíssimo de Maria. Honremo-la por causa das suas relações tão íntimas com Deus. Ela é a filha predilecta do Pai Eterno, a Mãe estremecida do Filho de Deus feito homem, a Esposa única, perfeita e amada do Divino Espírito Santo. Honremo-La por causa do seu amor para connosco. Jesus pregado na cruz, agonizante, deu-no-la por Mãe e ela tem para nós um Coração de Mãe.

Honremos o Coração de Maria e testemunhemos-lhe o nosso reconhecimento e o nosso amor, saudando-a todos os dias, repetindo muitas vezes e com fervor a Saudação Angélica *Avé Maria*. É a saudação mais bela, mais nobre e mais agradável que podemos dirigir-lhe, porque vem do próprio Deus e lhe recorda todas as alegrias da Maternidade Divina. Honremo-Lo celebrando devotadamente todos os anos a festa do Imaculado Coração de Maria, confessando-nos e comungando com as devidas disposições.

¹⁸ Palavra imperceptível.

Honremo-Lo, fazendo cada dia, em honra do Coração de Maria, um acto de virtude, por exemplo, de humildade, de obediência, de mortificação, de paciência, de caridade, etc.

Honremo-Lo, manifestando-lhe uma confiança inteiramente filial, recorrendo a Ela em todas as circunstâncias, nas tentações, nas doenças, nos perigos, pedindo-lhe que nos ajude em tudo e que abençoe todos os nossos projectos e todas as nossas principais acções.

Finalmente honremo-Lo, esforçando-nos com todo o empenho por tornar o nosso coração cada vez mais semelhante ao de Maria reproduzindo em nós todas as suas virtudes. Se o nosso coração estiver cheio de orgulho, de sensualidade, de afeições desordenadas, de ódios ou de antipatias, como ousaremos chamar a Maria Santíssima nossa Mãe? Como poderá Ela aceitar as nossas homenagens e como poderemos nós merecer a sua protecção?

Cristãos, aproximemo-nos confiadamente do trono da graça, desse Coração bendito de Maria nossa Mãe do Céu. Honremo-Lo, porque é o Coração mais perfeito depois do de Jesus, é o Coração da Mãe de Deus, é o Coração da nossa boa Mãe.

Consagremos-lhe todo o nosso ser, abandonemos a essa Mãe tão terna o nosso pobre coração, rogando-lhe que o purifique, que o santifique, que o abraze no amor de Jesus, que o torna verdadeiramente digno dele e dela, para que mostrando-nos em tudo seus filhos, verdadeiros e fiéis, vivendo uma vida integralmente cristã, uma vida toda santa, pela observância dos mandamentos de Deus e da Igreja, pelo cumprimento dos nossos deveres e pela prática de todas as virtudes, mereçamos, um dia, vê-La e amá-La eternamente e ver e amar eternamente seu Divino Filho Jesus no Céu!

CHRISTUS VINCIT

(Sermão n.º. 2)

Talvez vos cause estranheza que eu empregue esta linguagem em meio de um século que se ufana da sua impiedade; e esta afirmação vos parecerá sem dúvida audaciosa quanto em torno de nós tudo se empenha em perseguir Cristo e os seus discípulos, em atacar em cheio os seus ensinamentos e as suas obras, quando uns se recusam a reconhecê-Lo por Deus e outros vivem como se nunca tivesse havido Redenção. E, contudo, eu repito com os acentos da mais íntima e profunda convicção: *Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat*, como vi escrito, ainda não há muito tempo, em letras de ouro, no célebre obelisco que domina a praça de S. Pedro de Roma, o maior obelisco e a maior praça do mundo.

E vós ides julgar se tenho ou não razão, apesar do materialismo que pretende rebaixar-nos à categoria de animais irracionais, apesar dessa seita nova cuja doutrina se resume neste ridículo cepticismo: “*Ó Deus, se porventura existes, salvai a minha alma,*

caso eu a tenha!”, apesar de todos aqueles que crêem, insensatos! ter encerrado Cristo no túmulo pela última vez.

Dizem com efeito os maus: *“Cristo já não existe, a sua Igreja morre de decrepitude, a sua doutrina envelheceu, a sua moral está fora de moda, os seus templos acham-se desertos”*.

E eu respondo: *“Christus vincit, Cristo vive, porque o ódio não persegue os mortos”*.

Dizem ainda: *“O vosso Cristo é um rei sem estados, sem exército, sem prestígio e sem poder; outrora os povos prostravam-se aos pés do Papa e dos Bispos, mas hoje o Pontífice Romano possui apenas um simulacro de domínio temporal; os Bispos comparecem como todos os cidadãos perante os tribunais, eles que antigamente faziam as leis e administravam a justiça; e os simples sacerdotes, desconsiderados, espionados, aviltados, já não terão em breve o direito de aparecer em público”*.

E todavia eu digo: *“Christus regnat, porque ninguém faz guerra a reis destronados”*.

Eles dizem finalmente: *“Houve tempo em que as nações se tinham por felizes em se abrigarem à sombra da cruz, em que um exército português em dia de batalha observava jejum rigoroso até ao pôr do sol, em que a espada recolhia espontaneamente à bainha na ocasião indicada pela Igreja, em que as multidões se levantavam e partiam à conquista dum sepulcro vazio; mas em nossos dias o Decálogo já não pertence ao número das leis em vigor; as ordens dos nossos Pontífices são letra morta e os seus decretos não têm sanção”*.

E eu respondo: *“Christus imperat, porque não cedeu a ninguém os seus direitos de Soberano e ninguém se rebela contra um senhor sem autoridade”*.

I. *Christus vivit.*

Sim, Cristo vive. *“In principio erat Verbo et Verbum erat Deus... et caro factum est”*. In princípio, isto é, antes de todos os séculos, no começo da incomensurável eternidade, o Filho de Deus existia, vivendo no seio do Pai, numa vida plena, perfeita, admirável. Nada faltava à sua felicidade, à sua glória. Mas um dia viu passar o homem

culpado, infeliz, fugindo do Éden sob a ameaça da espada de fogo, e sentiu imensa compaixão desse rei decaído. Ofereceu-Se imediatamente, vítima de amor, para aplacar a cólera celeste; inclinou-Se para o homem, tomou como ele um vestido, uma carne semelhante à dele, cobriu com essa carne a sua dignidade, para que sobre a sua pessoa pudesse cair todo o peso das vinganças divinas. E eis que o Céu se entreabre; após quarenta séculos de expectativa, eis que vem o Desejado das nações. Ó Céus, ó terra, exultai de alegria! Serafins, entoai o hino de reconciliação e de amor! Povos, tranquilizai-vos, o Salvador do mundo acaba de aparecer! Deus, em Deus!

Está oculto sob mesquinhas aparências, mas vive, *vincit*. Recebeu a vida duma mulher humilde e espera dela o seu sustento. Ó mistério! E é Ele quem dá o ser, o movimento e a vida a todas as criaturas, é Ele quem fornece o alimento às avezinhas, a presa às feras do deserto, como aos monstros do oceano. Ele vive, mau grado os Judeus que querem um Messias rico e guerreiro, mau grado Herodes que receia um rival nesse Menino envolto em paninhos, mau grado as nossas paixões que se revoltam à vista dessa nudez dessa abnegação desse aniquilamento. Vive e cresce, sujeitando, como um de nós, as mãos ao trabalho e a fonte ao suor, desconhecido, ignorado. Mas um dia eis que Se revela e que proclama que Ele próprio é o caminho, a verdade e a vida, a vida do mundo sentado até então à sombra da morte... “*Eu sou, diz Ele noutra ocasião, a ressurreição e a vida*”; e prova-o em Naím, em Jairo, em Betânia. E não basta: “*Veni ut vitam habeant*”. E eis que finalmente realiza a promessa que tinha assombrado os Judeus: “*Ego sum panis vivus...*”. “*Aquele que comer a minha carne viverá eternamente... Se não comerdes a carne do Filho do homem, não tereis a vida em vós*”. E esta vida necessária, indispensável ao homem, Ele lha concede pelo maior dos benefícios, que é ao mesmo tempo o mais sublime dos sacramentos, a Eucaristia. Agora, ó Jesus, podeis desaparecer, podeis voltar para junto do vosso Eterno Pai: o sacerdote tem o segredo inefável da vida, e tê-la-á até ao fim dos séculos. *Vivat Christus in aeternum!*

Um dia, porém, viu-se o sol negar-se a iluminar o mais horrível dos atentados: Jesus, o benfeitor por excelência, o amigo do povo, o taumaturgo aclamado tantas vezes pelas multidões reconhecidas, morria sobre um patíbulo, entre dois facínoras. Vencestes,

pois, ó Pilatos, ó Caifaz, ó fariseus pérfidos e hipócritas! Colai os vossos selos no túmulo, colocai-lhe guardas em volta e regozijai-vos! Mas não vos demoreis, porque a vossa vitória será de curta duração e pela primeira vez a morte vai recuar assombrada: *ubi est mors stimulus tus?*

Mal raiara o terceiro dia e já o Crucificado triunfante tinha saído do sepulcro e aparecia cheio de vida a sua Mãe, a Madalena, aos apóstolos: *Surrexit non est hic*. Depois, quarenta dias mais tarde, sobe de novo ao Céu, deixando aos seus discípulos penhores de vida e de imortalidade que desafiam os ímpios e os esforços conjugados do inferno e do mundo: “*Eu estou convosco até ao fim dos séculos*”. Coragem e confiança! Ele está, pois, no meio de nós, vivendo nos nossos sacrários, e de lá espalha a vida por toda a parte, inspira as boas obras, as dedicações sublimes, as mortes heróicas.

Sim, Ele está ali exuberante de vida, abrasado em amor, cheio de generosidade, ansioso por dar-se a todos. Ele vive nas almas pela sua graça; vive na família onde não há sem Ele nem paz, nem alegria, nem união; vive nas sociedades modernas que, façam o que fizerem, estão impregnadas de influência sobrenatural do Evangelho; vive na sua Igreja que há dezanove séculos, constantemente alvo de perseguições, saiu vitoriosa das catacumbas, como sobreviveu aos tiranos da revolução, como há-de sobreviver ao Hitler e ao Lenine. Assim como o roble gigantesco da floresta desafia a tempestade e as suas cóleras, assim a barca de Pedro se ri das fúrias dos seus perseguidores.

Christus non moritur. Cristo ressuscitado já não morre; viverá na sua Igreja até ao fim dos séculos. E eis que os seus templos cobrem a face da terra, os seus ministros encontram-se por toda a parte, as suas leis governam o mundo, a sua moral inspira toda a moral, a sua doutrina sobreleva a toda a doutrina. Ele tem a pretensão de ser amado por todos e mais que todos e é-o realmente. O amor é a sua vida, amá-Lo é viver e não há vida verdadeira senão aquela que Ele dá ou que Ele alimenta.

II. *Christus regnat.*

Rei imortal dos séculos, rei da eterna glória, Cristo não deixou o seu reino celeste senão para vir à terra conquistar as nossas almas. Logo que ele nasce, os Magos fazem tremer o cruel Herodes com esta pergunta: “*Onde está o rei dos Judeus?*” Muitas

vezes, no decurso da sua vida pública, as multidões entusiasmadas querem proclamá-Lo rei, mas recusa-se a isso, porque o seu reino não é deste mundo, isto é, se o mundo e as suas maravilhas Lhe pertencem, deixa ao homem o gozo efêmero delas, a fim de reservar para Si o império supremo das almas. Perante o suplício, afirma a sua realeza, *qui rex sum ego*; e os seus inimigos consideram essa afirmação como um crime digno de morte. Todavia, os seus algozes, como que mau grado seu, inscrevem na cruz: J.N.R.J., (Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus), a tal ponto a sua realeza se impunha por si mesma a todos.

Mas vede e considerai este prodígio que não tem semelhante. Essa cruz, instrumento de suplício até então detestado e amaldiçoado, torna-se precisamente o instrumento do seu triunfo e da sua glória.

Ontem esse madeiro era o patíbulo infamante do criminoso; hoje hei-lo venerado, bendito, adorado por milhões de homens. A Cruz, com efeito, vejo-a brilhar na coroa dos reis e resplandecer no cimo dos mais grandiosos monumentos, do Capitólio ao Pantheon, de Santa Sofia de Constantinopla a S. Paulo de Londres; ela está no lugar de honra no palácio dos ricos como na choupana dos pobres; saúdo-a ao feito do herói como sobre o coração da Irmã de Caridade; encontro-a no pretório do juiz e na sala do hospital; é ela que o marinheiro saúda à partida, é ela que recebe os últimos ósculos do moribundo. Eis, pois, o reinado de Cristo universalmente estabelecido e estabelecido pela Cruz: *In hec signo vinces*. E não há talvez uma região, por mais longínqua que seja, que não tenha beneficiado com a sombra deste signo da Redenção.

Abri a história e saudai todos esses vencidos de Cristo Rei: Pedro, Paulo, André, Cecília, Inês, Lourenço, Clovis, Constantino, Teodoro, Bento, António, João de Deus, Isabel, Teresa do Menino Jesus e um sem número de outros personagens, dos mais belos que o mundo tem conhecido, E, contai, se puderdes, todos os corações, em que reina como Soberano, todas as almas que Ele subjuguou e para as quais servi-lo é reinar, *servire Deo regnare est*. Depois disso, é forçoso reconhecer e confessar que Jesus é amado, como nenhum rei jamais o foi; e se contra a sua pessoa o ódio dos maus afrouxa é porque Ele incomoda sempre as paixões e é sempre Rei e Rei eternamente vencedor.

Rei libertador, quem será capaz de dizer o que o homem lhe deve em matéria de liberdade, de verdade, de legítima fraternidade? O mundo caminha de erro em erro, e Ele dissipou todos esses erros com a sua luz radiosa e deslumbrante; o mundo desmoronava-se sob o peso das suas iniquidades, apodrecendo no vício e na ignomínia, e Jesus veio pregar a virtude, a inocência, o arrependimento e libertou-nos do pecado e das suas amarguras de morte e das suas angústias, do inferno e dos seus terrores.

Rei benfeitor, quem contará os benefícios que semeou à sua passagem e que, pela sua Igreja, tem espalhado sobre a terra? Eu segui-O nas margens encantadoras do lago de Genezaré e vi a multidão entusiasmada com a sua palavra e com os seus milagres fazer-lhes magníficos cortejos; ouvi essa multidão cantar os seus hosanas sem fim oferecendo-Lhe os triunfos espontâneos duma realeza toda pacífica. Mas Jesus desaparecia do meio deles, arrancava-se às suas ovações e, retirando-se sozinho para a montanha, orava a seu Eterno Pai. A sua hora ainda não tinha chegado.

III. *Christus imperat.*

Cristo impera. Nas profundezas insondáveis da imutável eternidade, o Verbo de Deus falou e à sua voz o mundo foi instantaneamente criado: *Dixit et facta sunt*. O sol resplandeceu nas alturas do céu, a terra pôs-se a girar no espaço e os astros a seguir as suas órbitas. Tudo obedecia. Só o anjo ousou revoltar-se contra o seu Criador: a sua queda foi irremediável. O homem, a instigação dele, imitou mais tarde a sua rebelião e nós conservamos ainda, desgraçadamente, na nossa natureza as consequências funestas desta primeira falta. Mas o Homem Deus veio reparar todos estes desastres e restaurou a humanidade. Ele imperou a Satanás e Satanás cheio de terror foi obrigado a confessar-se vencido; imperou à morte, e a morte restituiu as suas vítimas; imperou à doença, ao sofrimento, e os enfermos ergueram-se subitamente curados; imperou aos ventos e ao mar e os ventos guardaram silêncio e o mar acalmou a sua cólera. *Omnis potestas data est in coelo et in terra.*

Sim, meus senhores, Cristo é o Senhor soberano do Céu e da terra; é Senhor de todos nós, pequenos e grandes, pobres e ricos, ignorantes e sábios, súbditos e príncipes; e o nosso primeiro dever é obedecer-Lhe. A sua vontade é-nos manifestada nesse código

imortal que se chama o Decálogo, lei sempre existente e que jamais cairá em desuso, lei que vence perseverará e que será logo após a nossa morte matéria do nosso juízo.

Jesus Cristo manda e é obedecido. *“Ide por toda a terra e pregai o Evangelho a todas as criaturas”*, diz Ele aos apóstolos. E os apóstolos lá vão, eles os pobres, os ignorantes, os barqueiros de ontem, lançando em todas as praias as redes misteriosas que o Mestre falava e apanhando aos milhares os peixes, como no dia da pesca milagrosa de Genezaré. *“Qui vos audit me audit, “quem vos ouve, a Mim ouve”*, diz ainda Jesus, e os povos abandonam suas superstições grosseiras para correrem em multidão a ouvir os discípulos do Crucificado e pedir-lhes o batismo. *“Deus o quer! Deus o quer!”*, bradava um dia um humilde monge de Amiens e a Europa inteira pôs-se em marcha para ir libertar o seu sepulcro glorioso que tinha caído em poder dos infiéis.

E assim por toda a parte e sempre, Cristo é obedecido. Ele ordena a essa criança de sete anos que vai fazer a sua 1ª. comunhão que corrija os seus defeitos nascentes para merecer a honra sem par de se unir a Ele e a criança torna-se mesmo paciente, dócil. Ele ordena a esse jovem rico, a essa donzela adulada que deixem tudo para o seguir e eles deixam pai e mãe, irmãos e irmãs, divertimentos e festas, família e pátria, para voar em socorro dos infiéis, para ir evangelizar os selvagens, para recolher os órfãos e os velhos, instruir os ignorantes, tratar feridos, cuidar dos enfermos.

E quem será capaz de contar de dizer o número desses voluntários de Cristo que marcham alegremente sob a sua bandeira e sem cessar repetem: *“O Meu jugo e fardo são leves”*. *“Como é suave o jugo do Senhor e leve o fardo que Ele impôs àqueles que O amam!”* E é ainda em nome desse Rei imortal que todos nós obedecemos, os filhos aos pais, os criados aos patrões, os cidadãos à autoridade civil legitimamente constituída, porque é inegável que *“O homem não tenha sobre o homem nenhum poder legítimo se não o recebe do Alto”* e se não manda em nome do próprio Deus.

E assim vede, meus Senhores, como Jesus Cristo é amado, servido, adorado, hoje como outrora. E para responder àqueles que duvidam, basta interrogar o esplendido cortejo de testemunhos irrecusáveis que O acompanham desde o primeiro Natal até aos nossos dias.

Pois bem! Depois do que expus, dissei-me, meus senhores, não tinha eu razão, mil vezes razão, para afirmar quando comecei o meu sermão: *Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat?*

Christus vincit!

Que Ele reine, portanto, sempre nos nossos corações! Deixemos-Lhe tomar posse deste reino que ambiciona mais que qualquer outra coisa. Que se instale nele, que reine nele pela sua graça; a graça é a vida da alma, como a alma é a vida do corpo. Que quer Ele senão tornar-nos felizes, fazendo-nos partilhar da sua própria vida? “*Aquele que me come, diz Jesus, vive em Mim e Eu vivo nele*”. É essa a verdadeira vida que enche a alma de alegria e de consolação; é nessa união inefável, que o homem encontra a vida eterna.

Porque o Divino Salvador proclamava bem alto: “*Aquele que comer a Minha carne e beber o Meu sangue viverá eternamente*”.

Christus regnat!

Não é esse o desejo, a aspiração que incessantemente formulamos: *Adveniat regnum tuum!*? Venha a nós o Vosso reino, sobre a terra e no Céu. É aliás uma realeza toda paternal a que nós assim anelamos. É um rei bom, generoso, pacífico e misericordioso Aquele cuja vinda desejamos. Ele nada tem tanto a peito como a felicidade dos seus súbditos; deixemo-Lo, pois, reinar no nosso espírito pela verdade, no nosso coração pelos seus benefícios, enquanto aguardamos o seu reinado sem ocaso e sem sombra do mundo de além túmulo.

Christus imperat!

Não repetimos nós também todos os dias a petição: *Fiat voluntas tua?* Fazer a vontade divina é toda a razão de ser do homem sobre a terra. Servir a Deus é viver. Obedecer a Deus, é um título de nobreza. Não há verdadeira liberdade senão aquela que se encontra no serviço de Deus. Não há uso mais legítimo e mais nobre da razão do que submetê-la à fé.

Acreditemos, pois, com toda a simplicidade na revelação, obedeçamos com a docilidade de filhos aos ensinamentos e aos preceitos da Santa Igreja e praza ao Senhor

que, após os anos de provação desta vida, deparemos na outra as infáveis recompensas prometidas aos servo bom e fiel.

SERMÃO DO SANTÍSSIMO MILAGRE

(Sermão nº. 3)

Em todas as partes do mundo e em todas as épocas da história da humanidade, quer nos transe aflitivos e angustiosos das nações a braços com os maiores flagelos, quer nas crises dos indivíduos e das famílias, presas de dores e mágoas cruciantes, os olhos do corpo e os votos do coração do rei da terra volvem-se sempre, natural e instintivamente, para as alturas, a suplicar ao Rei do Céu lenitivo para os seus sofrimentos, consolo para as suas desditas, refrigério para as suas agonias, alívio para os seus males, paz e alegria para a sua alma, sempre inquieta e sempre ansiando pelo repouso e pela felicidade que debalde procura, porque não a encontra na terra.

Essas disposições da alma humana manifestam-se, exteriorizam-se umas vezes simplesmente pela prece, sentida, fervorosa e perseverante, capaz de transportar montanhas em razão da fé que a inspira e penetra, outras vezes pela prece acompanhada de votos. O voto, cristão, é uma promessa feita a Deus de uma coisa possível e boa. É um acto do culto de latria e só a Deus se pode fazer, como só a Deus se oferece o sacrifício. E quando por ventura se faça a um santo, por mais elevada que seja a sua categoria, por mais excelentes e admiráveis que sejam as suas virtudes, por maior que seja o poder e valimento de que goza junto de Deus, essa promessa, esse voto tem por objecto honrar esse santo, mas o termo de tal acto de religião é o Criador e Senhor de todas as coisas, a quem se testemunha assim o supremo domínio que possui e exerce sobre elas.

Entre os Santuários espalhados por toda a superfície do globo há alguns que se distinguem dos outros e se tornam sobremaneira famosos, acorendo a visitá-los continuamente grande multidão de fiéis. Tais são os templos que a bondade divina assinalou com a outorga de milagres e prodígios estupendos ou de graças e benefícios excepcionais de ordem espiritual ou temporal dentro da ordem regular e normal da economia estabelecida pela Providência.

Um deles é sem dúvida esta igreja magnífica, construída pela fé viva e piedade ardente de nossos antepassados, onde um prodígio admirável e assombroso, que nela se operou, constituíra o início de uma série interminável de graças e privilégios extraordinários que foram aumentando através dos tempos, tornando-se um dos Santuários mais célebres do mundo e um grande centro de amor e devoção ao Santíssimo a Augustíssimo Sacramento da Eucaristia.

Assim se explicam os cultos solenes que todos os anos, desde há muitos séculos, se prestam nesta época ao Santíssimo Milagre. Assim se compreendem as promessas e os votos que famílias e indivíduos de longe e de perto fazem constantemente a Jesus Sacramentado na Hóstia Sacrossanta, em que se dignou manifestar-se de um modo sensível e permanente. Assim se entende porque todos os dias as almas atribuladas e os corações doloridos acorrem incessantemente a este refúgio sagrado, a esta mansão augusta, a este oásis do deserto da vida a implorar confiadamente do Supremo Doador de todos os bens as graças de que precisam, os benefícios por que suspiram, os remédios de que carecem para os males que sofrem.

Mesmo nestes tempos e nesta região com que um sopro de incredulidade e de indiferença parece ter emudecido e requeimado a flor divina da fé, são inúmeros os fiéis que de toda a parte aqui vêm agradecer os benefícios que alcançaram do Santíssimo Milagre.

Hoje cabe a vez a uma devota de Alpiarça que num momento de aflição, recorreu cheia de confiança inabalável, à Divina Eucaristia, que neste templo se adora na hóstia incorruptível do prodígio oito vezes secular.

A sua oração foi ouvida, a sua súplica foi despachada por aquele Nosso Jesus, que nas cidades e vilas da Palestina derramava, há dois mil anos, bênçãos a flux e que hoje ainda, em pleno século vinte, renova as finezas da sua bondade e do seu amor espargindo em Lourdes e em tantos outros Santuários as mesmas graças e os mesmos prodígios.

E por isso ela ali está, cheia de júbilo e de reconhecimento, a cumprir a sua promessa e a agradecer o benefício alcançado da misericórdia divina.

Felizes aqueles que crêem! A oração é a válvula da alma, nas crises angustiosas da existência, e só os que crêem sabem orar, só os que têm fé podem elevar os seus corações para o alto, a fim de receber o orvalho que desce do Céu e os refrigera e consola.

Felizes os que crêem, repito! Ditosos os que têm fé!

DOMINGO II DA QUARESMA

TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

(Sermão nº. 4)

O Evangelho do presente Domingo narra o episódio emocionante da transfiguração de Jesus no monte Tabor. O Divino Salvador tinha predito aos seus Apóstolos as humilhações espantosas e a morte ignominiosa que O esperavam. Esta predição, esta profecia terrível havia-os enchido de tristeza e de receio. Para os consolar e confirmar a fé deles na sua doutrina, Jesus quis fazer brilhar alguns raios da sua glória eterna.

Escolhe três dos discípulos, três apóstolos, *Pedro, Tiago e João* e sobe com eles ao cimo do Tabor. Nosso Senhor gostava de passar a noite em oração no cume das montanhas da Palestina. O silêncio, a solidão, a vista do céu estrelado tão belo, sobretudo no Oriente, deviam favorecer esse santo exercício. De repente Jesus transfigurou-se. O rosto resplandeceu como o sol e os seus vestidos tornaram-se brancos como a neve. É nesse estado glorioso que os anjos e os santos O vêm no céu e que ele há-de vir no fim do mundo a julgar os vivos e os mortos.

É esse mesmo estado que Ele comunica aos seus escolhidos e que há-de comunicar-nos também um dia, se quisermos servi-Lo com fidelidade.

Ao mesmo tempo apareceram Moisés e Elias que falam com Ele sobre a sua paixão e morte e sobre a redenção do género humano.

Inundados de delícias espirituais, inebriados de uma alegria inefável à vista dum espectáculo tão extraordinário, tão assombroso, os apóstolos julgavam-se transportados ao Céu. É então que S. Pedro, cheio de júbilo, receando ver desaparecer a sua felicidade, exclama: *“Senhor, como é bom estar aqui! Permite-nos que façamos três tabernáculos, um para Vós, outro para Moisés e outro para Elias”*. Assim no pensamento do príncipe dos Apóstolos, ficariam todos juntos, longe do convívio dos homens, afastados do bulício do mundo, ao abrigo das perseguições.

Tal é a humana fraqueza: ela quereria gozar sem sofrer, triunfar sem combater, ir para o Céu sem encontrar a cruz. Por isso, o Evangelista S. Marcos, acrescenta que S. Pedro não sabia o que dizia.

Entretanto uma nuvem luminosa desceu do céu e cobriu Jesus, desaparecendo Moisés e Elias. E do meio dessa nuvem uma voz majestosa se ergue de repente e faz ouvir estas palavras: *“Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todas as minhas complacências: escutai-O!”*.

Os apóstolos, ao ouvir esta voz, ficaram tão assustados que caíram por terra. Mas Jesus aproximou-se deles, tocou-lhes ao de leve com a mão e disse: *“Levantai-vos e não tenhais medo”*. Então ergueram os olhos e não viram senão Jesus na forma costumada. A visão maravilhosa tinha desaparecido.

O milagre da Transfiguração foi operado não só para os Apóstolos, mas também para nós. Jesus queria animar os seus discípulos a suportar corajosamente as tribulações da vida pela esperança da glória e da felicidade que devem ser um dia a sua recompensa. Por isso, com a sua transfiguração, deu-nos uma ideia da sua glória e como que um antegoço da felicidade que nos prepara.

Só o pensamento dessa felicidade, desses bens inefáveis faz estremecer de alegria, faz palpitar de júbilo os nossos corações, anima a nossa esperança, excita os nossos desejos, desperta a nossa ambição. Pois bem! Se nós quisermos, havemos de possuí-los um dia. Façamos o que diz Jesus Cristo, nosso Mestre e Modelo; tomemos sobre os ombros a nossa cruz, os trabalhos, doenças e sigamo-Lo; sofram as tribulações da vida com paciência, com resignação, com inteira submissão à vontade de divina.

Aquele que prometeu recompensar um copo de água dado por sua intenção, não pode deixar sem recompensa os suores, as lágrimas, o sangue derramado por seu amor. Se um rei da terra considera como um dever sagrado honrar as feridas e os actos de coragem dos seus soldados, o Rei do Céu, que é tão bom, tão justo, tão generoso, pode acaso esquecer os sacrifícios, os actos de paciência, de resignação cristã praticados com o fim de Lhe agradar?

Como a nossa fé é fraca e como nós conhecemos tão pouco o nosso divino Redentor! Ele não espera a outra vida, quando se trata de compensar os seus fiéis servos, aqueles que se dispõem a levar a sua cruz como Ele e com Ele. Já sobre a terra os (?)¹⁹ de algum modo, já nesta vida conforta, os anima, e os consola com a sua graça. Peçamos ao Divino Salvador que se digne aumentar a nossa fé e que faça de nós tudo quanto Lhe aprouver, e digamos-Lhe: Senhor Jesus, nós queremos ser vossos na tribulação como na alegria, na doença como na saúde, no infortúnio como na prosperidade; nós queremos ser vossos na vida e na morte, hoje e sempre, no tempo e na eternidade. Assim seja.

¹⁹ Palavra imperceptível.

DOMINGO III DA QUARESMA

CURA DUM POSSESSO – BEELZEBUB

(Sermão n.º. 5)

O Evangelho de hoje fala-nos muito do demónio e do papel que o demónio desempenha no mundo. Como sabeis, os demónios eram outrora anjos bons. Tendo pecado por orgulho, foram excluídos do paraíso e condenados a um suplício eterno. Vós sabeis também que os homens foram criados para ocupar os seus lugares. Daí vem que esses anjos rebeldes têm um ódio implacável a todo o género humano e procuram por todos os meios arrebatá-los a felicidade que nos espera e a que eles eram destinados.

Mas porque permite Deus que eles nos tentem? Se Deus lhes concedeu esse poder, foi só numa certa medida, que não excede jamais a das nossas forças e dá-nos sempre graças suficientes para lhes resistir. Eis agora algumas das suas razões:

Permite-o em *primeiro* lugar a fim de mostrar o poder da sua graça que faz triunfar homens fracos dum inimigo tão terrível, e os recursos da sua sabedoria, que

sabe tirar o bem do mal, quando tudo parece perdido, como o provou pelos mistérios da Encarnação e da Redenção.

Em *segundo* lugar para provar e aperfeiçoar a virtude do homem, a sua fidelidade, a sua constância, a sua obediência, a sua humildade.

Finalmente para aumentar a confusão e a vergonha do demónio que, por mais que faça não impedirá que os predestinados vão ocupar o seu lugar no Céu.

O Sagrado Evangelho começa por nos contar a cura dum pobre homem possesso do demónio que o tornava mudo. Jesus Cristo expulsa o demónio e esse homem recupera imediatamente o uso da palavra. Este milagre excitou a admiração de todo o povo. Mas os Escribas e os Fariseus, inimigos jurados de Nosso Senhor, longe de reconhecerem nesta cura miraculosa o dedo de Deus, não quiseram ver nela senão uma operação diabólica e o poder dum feiticeiro. O seu objectivo era tornar Nosso Senhor odioso ao povo e afastar assim da sua pessoa e da sua doutrina as pessoas simples e bem intencionadas. Segundo eles diziam, os demónios obedeciam a Jesus Cristo como a um amigo do seu poderoso chefe, Beelzebub. Era uma infame calúnia e uma horrível blasfémia. Conhecendo, pois, a sua malícia e sabendo quanto são perigosas, para certos espíritos fracos, estas histórias de feitiçaria, semelhantes à do moderno espiritismo, em que acreditam mais facilmente do que no Evangelho, Nosso Senhor toma a peito tranquilizar e esclareceu os ignorantes; e fá-lo com uma admirável doçura. Para melhor refutar a calúnia dos fariseus serve-se de comparações frisantes e ao alcance de todos. Depois de ter refutado as calúnias e as blasfémias dos fariseus, diante de todo o povo, Jesus empenha-se em combater a sua hipocrisia.

Por último, querendo aterrar os judeus que abusavam da graça de Deus, Jesus Cristo declara-lhes que, se não se converterem, serão muito mais culpados e mais escravos do demónio do que se nunca tivessem conhecido a verdade. Ele supõe um homem libertado do demónio e que confiando nas suas próprias forças e nas suas luzes vive na indiferença e no esquecimento dos seus deveres.

O demónio não dorme. Confundido e irritado por se ver expulso de uma alma em que se comprazia, cobra ânimo e volta a fazer um novo ataque. Como não experimenta resistência e tudo parece disposto pelo contrário para o receber, ele

apressa-se a ir buscar uma multidão de demónios tão maus como ele, de maneira que se estabeleça e fixe nessa alma mais solidamente que nunca. *“Assim sucederá, acrescenta Nosso Senhor, segundo os outros Evangelistas, a todos aqueles que me ouvem e que, em vez de abraçar a minha doutrina a fim de se subtraírem ao império do demónio, preferem, rejeitando-a, entregar-se inteiramente a um tal senhor”*.

Enquanto Jesus assim falava, uma mulher desconhecida e perdida na multidão, elevando ousadamente a voz, exclama de repente: *“Oh! Como eu desejava ser vossa mãe! Feliz a mulher que Vos trouxe no seio e Vos alimentou com o seu leite!”*. Esta mulher corajosa exprimia assim, numa linguagem duma simplicidade encantadora, como sabem fazer todas as mulheres de sentimentos delicados, a admiração de que ela estava cheia.

Nosso Senhor dignou-se responder a este grito de admiração e de inveja. Não querendo fazer em público o elogio de sua Mãe nem o seu, faz outro que se dirige a todos, porque todos podem merecê-lo: *“Mais felizes, exclamou Ele por sua vez, ainda mais felizes são aqueles que escutam a palavra de Deus e a põem em prática”*.

A última lição que nos dá o Evangelho de hoje é a que diz respeito à malícia do demónio e à sua perseverança em nos atacar. Sem cessar ocupado em nos prejudicar, continuamente nos arma laços e faz todos os seus esforços para nos arrastar ao mal. Ai de nós se contamos com as nossas próprias forças! Sucumbiremos com toda a certeza. Mas se vigiarmos, se tivermos cuidado, se recorrermos à oração e aos sacramentos, não temos nada a recear dos seus ataques. *“O demónio, diz Santo Agostinho, é como um cão que ladra contra toda a gente, mas não morde nunca senão os temerários que vão colocar-se ao alcance dos seus dentes”*.

As almas túbias que se descuidam de combater as suas más inclinações, não tardam a tornar-se seus escravos e ele acaba por dominá-las, como um guerreiro forte e bem armado, entrincheirado numa fortaleza. Assim, a alma do avaro, a alma do voluptuoso, a alma do orgulhoso estão por tal forma em seu poder que é preciso um milagre da graça para lhas arrebatá-las. Mas as almas em que ele prefere reinar, são aquelas que abusaram das graças e dos sacramentos. Essas almas infieis tornam-se, por assim dizer, como que um covil de demónios que as impelem aos últimos excessos. É um

facto de experiência quotidiana: os cristãos, que depois de terem sido favorecidos, se deixam ir até ao relaxamento, tornam-se depressa piores que os outros e procuram muitas vezes perverter todos aqueles se aproximam deles.

Praza a Deus que tiremos proveito das preciosas lições contidas no Evangelho de hoje e assim, vencedores do demónio, mereceremos o lugar que nos aguarda no Céu, no meio dos anjos bons. Assim seja.

DOMINGO IV DA QUARESMA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

(Sermão nº. 6)

O Evangelho do presente Domingo narra um belo e grande milagre operado por Jesus e conhecido pelo nome de multiplicação dos pães.

Um dia, como os Apóstolos tivessem necessidade de repouso, o Divino Mestre atravessou com eles o Lago de Tiberíades e foi procurar um local retirado e deserto

onde pudessem gozar um pouco de paz e sossego. Mas os habitantes das cidades e aldeias situadas nas margens do Lago, ao verem Jesus passar, dirigiram-se em grande número para o ponto de desembarque. Em presença desta multidão, Jesus sentiu por eles uma terna e imensa piedade e levou-a consigo para uma montanha das proximidades e sentando-Se, rodeado dos seus discípulos, pôs-se a instruí-la. Falou durante muito tempo acerca do Céu e curou todos os doentes que Lhe apresentaram.

Contudo, como o dia chegava ao seu termo, os Apóstolos aproximaram-se de Jesus e solicitaram-Lhe que despedisse o povo. Jesus não anuiu. A sua intenção era operar um novo milagre, capaz de impressionar vivamente os espíritos e de manifestar o seu poder divino. Foi por isso que não mandou o povo embora e esperou que a fome se fizesse sentir nos estômagos mais resistentes. Jesus pergunta então aos Apóstolos, que costumavam levar consigo provisões quando viajavam no campo, quantos pães tinham. André, irmão de Pedro, tomando a palavra, respondeu: *“Temos aqui cinco pães de cevada e dois peixes; mas o que é isto para tanta gente?”*. Jesus manda que lhos tragam. E ao mesmo tempo ordena aos Apóstolos que dividam a multidão em grupos de cinquenta e de cem pessoas e que as façam sentar sobre a erva verde que era abundante.

Jesus quis que a multidão fosse distribuída em grupos, para que comesse com mais tranquilidade, para facilitar o serviço da refeição e também para que se pudesse contar mais facilmente o número dos convivas. Tendo pegado nos cinco pães e nos dois peixes, volveu os olhos ao céu e benzeu-os pedindo a seu Eterno Pai que os multiplicasse; depois partiu-os e deu-os aos seus discípulos para os partirem de novo e distribuírem pelo povo. Verificou-se então um prodígio admirável. Os pães e os peixes aumentaram de volume nas mãos de Jesus; os bocados que partia aumentavam por sua vez e deviam aumentar ainda mais nas mãos dos discípulos, à medida que os partiam e os distribuíam pela multidão. O milagre era tanto mais impressionante quanto é certo que se operava de um modo sensível, à vista dos espectadores assombrados e estupefactos. Tomavam parte nesta refeição cerca de cinco mil homens, dizem os Evangelistas, sem se contar as mulheres e as crianças. Deviam ser umas dez a quinze mil pessoas a alimentar. E contudo, todos comeram quanto quiseram, dizem os Evangelistas, e ficaram satisfeitos.

Terminada a refeição, Jesus disse aos seus discípulos: *“Apanhai os bocados que sobram, para que não se percam”*. Deus dá com liberalidade, com abundância; mas não quer que se abuse dos seus bens. Recolheram, pois, os bocados que tinham ficado e encheram com eles doze cestos. Era uma quantidade de pão e de peixe muito maior do que antes da refeição, o que tornava o milagre absolutamente evidente. À vista do prodígio de que acabavam de ser testemunhas, os Judeus exclamaram: *“É este verdadeiramente o grande profeta que deve vir ao mundo, o Messias prometido a nossos pais”*. E formaram o plano de se apoderarem de Jesus e de O proclamarem Rei. Mas, Jesus, conhecendo os seus desígnios, fez embarcar os Apóstolos a toda a pressa, para que não tomassem parte na realização desses desígnios, apressou-se a despedir a multidão e fugiu para a montanha a fim de aí rezar sozinho.

Este grande e belo milagre da multiplicação dos pães era a imagem e a figura dum milagre maior e mais admirável ainda que se opera todos os dias nos nossos altares: o da multiplicação do corpo de Jesus Cristo. Apenas o segundo se opera duma maneira diferente da do primeiro. No banquete eucarístico, o corpo de Jesus Cristo multiplica-se numericamente, como uma palavra saída da nossa boca se encontra de repente nos ouvidos de todos aqueles que nos escutam.

E porque se opera este milagre quotidiano? Porque Jesus Cristo nos ama; porque Ele quer unir-se connosco para nos tornar melhores e mais felizes. A sua mesa sagrada está sempre posta para nós; mas agora, durante este santo tempo da quaresma, o tempo da desobriga, Ele nos convida para ela com maior insistência, semelhante a um bom pai que quer reunir todos os seus filhos em volta dele ao menos uma vez cada ano. E chega até a fazer-nos a ameaça de nos retirar a sua amizade e de nos privar da sua rica herança, se desprezarmos o seu convite. Todos vós, certamente, acedereis a este amoroso convite. Sim vireis todos tomar parte nesta refeição divina. Vireis todos fazer a vossa confissão e a vossa comunhão pascal. E todos cumprireis este duplo dever com as necessárias disposições. Fareis uma confissão sincera e inteira dos vossos pecados. O vosso arrependimento será verdadeiro e profundo, o vosso propósito de emenda firme e eficaz. E então Jesus Cristo vos saciará como saciou outrora os judeus que O tinham seguido no deserto. Mas o alimento que Ele vos dará, não é um alimento comum e

ordinário: Ele vos dará a sua carne sagrada e o seu sangue adorável, Ele se dará inteiramente a vós num abraço misterioso, para satisfazer todas as necessidades da vossa alma e contentar todos os desejos do vosso coração. Vinde, pois, fazer a vossa comunhão pascal, bem feita! Vinde ao banquete divino que Jesus Cristo vos prepara! É o único meio, o meio infalível de ser feliz, tanto quanto é possível sê-lo neste mundo, e feliz, verdadeiramente feliz e para sempre no outro. Assim seja.

DOMINGO DA PAIXÃO - DIÁLOGO DE NOSSO SENHOR COM OS SEUS INIMIGOS

(Sermão n.º. 7)

O Evangelho de hoje dá-nos a última parte de um longo diálogo de Jesus com os seus inimigos. Esse diálogo realiza-se no templo de Jerusalém, num dia de festa, diante de uma multidão imensa e tumultuosa, que se comprime, como de costume, para ver e ouvir o Divino Mestre. Os fariseus estão presentes em grande número, espiando as suas menores acções, desnaturando as suas palavras, malsinando as suas intenções, desacreditando a sua virtude e procurando por todos os meios torná-lo odioso ao povo.

Quando se lê este diálogo na íntegra, experimentam-se dois sentimentos opostos: um sentimento inefável de amor e de admiração pelo nosso Divino Redentor e um sentimento muito vivo de indignação e de repulsa pelos seus adversários hipócritas.

Jesus começa por desafiar os fariseus a que descubram Nele algum pecado. O que num homem ordinário seria um acto de presunção e de orgulho indesculpável, no Homem-Deus é o simples testemunho da verdade. Com efeito, por causa da sua união íntima com a segunda pessoa da Santíssima Trindade, Jesus Cristo como homem era impecável e nem sequer a sombra da mais pequena falta podia atingi-lo. Depois de ter feito esta nova profissão pública da sua divindade, Nosso Senhor dirige aos judeus uma exprobração, que mostra bem em que estado deplorável de cegueira eles tinham caído; acusa-os de não prestarem fé à palavra de Deus, de não crerem na verdade.

A verdade é o facho que Deus nos dá para iluminar o nosso espírito e para nos dirigir pela estrada do bem; a verdade é também uma força que sustenta a nossa vontade, às vezes tão débil, tão titubeante. Mas o homem não ama a verdade! É como o doente que toma os remédios que lisonjeiam o seu gosto, mas que recusa os remédios que são amargos, por pouco que o sejam. Se as verdades que lhe propõem, se os meios que lhe indicam para se tornar melhor, exigem um sacrifício da sua parte, rejeita-o e não quer ouvir falar deles. Prefere ficar com os seus vícios, com os seus maus hábitos,

prefere perder a sua alma a incomodar-se por pouco que seja, com o fim de a curar e de a salvar. Era precisamente este o caso dos maus judeus, que Nosso Senhor censurava por não crerem na sua palavra.

Era esse o caso dos maus judeus, e é também o caso dos maus cristãos. Nosso Senhor ensinava aos judeus, entre outras coisas, que Ele tinha o poder de perdoar os pecados, que daria a comer ao mundo a sua própria carne, e que aqueles que recusassem alimentar-se desta carne sagrada, não viveriam da vida divina, da vida da graça, e não gozariam da felicidade do Céu. Estas verdades, a Igreja no-las recorda duma maneira especial no tempo em que estamos, aproximar-se a Páscoa da Ressurreição. Ela convida instantemente todos os seus filhos, todos os cristãos, a vir comer a carne sagrada do Salvador na comunhão. “*Comungai pela Páscoa da Ressurreição*”, nos diz ela, a cada um de nós. E como preparação para este banquete divino, convida-nos a purificar a nossa alma no santo tribunal da Penitência por meio de uma confissão bem feita.

Que fazem os nossos cristãos? Imitam os maus judeus: desprezam as palavras de Nosso Senhor, desprezam o convite e o mandamento formal da Igreja. Alegam as razões mais insustentáveis para não obedecerem. Dizem, por exemplo, que se confessam a Deus e não aos homens; dizem ainda que foram os padres que inventaram a confissão, como se o Evangelho não fosse bem claro e explícito a este respeito com as palavras dirigidas pelo próprio Jesus Cristo aos apóstolos e aos seus sucessores: “*Os pecados serão perdoados àqueles a quem os perdoardes e serão retidos àqueles quem os retiverdes*”. O verdadeiro motivo é que eles acham mais cómodo viver segundo os seus caprichos, é que eles não querem deveres religiosos que imponham sacrifícios. Oh, como são dignos de lástima esses maus cristãos que renunciam tão facilmente à sua felicidade eterna! Eles recusam-se a todos os sacrifícios quando se trata de ganhar uma eternidade eterna e sabem faze-los, e muito grandes, para ganharem bens temporais. Os judeus não podem justificar a sua conduta e não tendo nenhuma desculpa, retorquiam com injúrias e calúnias: chamavam a Nosso Senhor samaritano e possesso. Jesus Cristo, o Filho de Deus, a própria santidade, tratado como um homem desprezível, como herege e pagão, como um possesso do demónio! Que horrível ultraje! Era assim que os fariseus, cegos pelo ódio, procuravam destruir a sua reputação e o conceito de que

gozava no espírito do povo. Este ultraje foi muito sensível a Nosso Senhor, e todavia Ele não responde senão com uma doçura e uma serenidade admirável: *“Eu não sou um possesso, mas honro meu Pai, que é Deus, e vós Me desonrais”*.

De todas as penas da vida a mais sensível, a mais difícil de suportar é sem dúvida a perda da reputação, a perda da honra. Os homens de coração verdadeiramente nobre estimam a honra mais que todos os bens do mundo, mais que a própria vida. Atacar-lhes a honra, é pois infligir-lhes o suplício mais intolerável. E quando se pensa que basta uma palavra para causar um tão grande mal, há realmente de que tremer. E são muitas vezes as pessoas mais virtuosas, mais santas, mais inocentes que têm de sofrer tão horrível suplício. Não devemos pois admirarmos de ver Nosso Senhor submetido a tão terrível provação: Ele queria animar e confortar com o seu exemplo, os seus fiéis servos. Consolai-vos, pois, almas que tendes de sofrer os ataques da maledicência e da calúnia!

Jesus apresenta-nos agora uma coroa de espinhos, coroa que Ele trouxe primeiro na cabeça; recebi-a com alegria e reconhecimento, ou pelo menos com uma grande resignação; e um dia, para nos recompensar, Ele nos oferecerá uma coroa de ouro no Paraíso.

Os maus judeus não se contentam em injuriar e de caluniar Jesus, querem além disso tirar-Lhe a vida: e por esse motivo apanharam pedras para o lapidar. Era a segunda vez que recorriam a tal acto de violência contra Ele; e é a história de todos os perseguidores. A verdade desagradá-lhes, a verdade ofende-os: é preciso sufocá-la e, nesse intuito, procuram matar todos os que a pregam. Nos primeiros tempos da Igreja, eles mataram os apóstolos, mataram os Papas, mataram milhões de cristãos. Na época da grande Revolução, em França, mataram os Bispos, mataram os padres. Entre nós mataram alguns santos sacerdotes e maltrataram, feriram e perseguiram muitos outros. E que lucraram com isso? Porventura conseguiram matar a verdade? A verdade! Ela é como a luz do sol, nada é capaz de a atingir.

Eu ignoro o que o futuro nos reserva, ignoro se havemos de ver ainda outras perseguições; mas o que sei muito bem, é que a verdade, é que a religião de Jesus Cristo, é que a Igreja triunfará de todos os obstáculos, de todos os ataques, de todas as

perseguições e não cessará de iluminar os homens até ao fim dos séculos. Afeiçoemo-nos pois cada vez mais a esta religião santa, cumpramos fielmente todos os deveres que ela impõe e seremos felizes neste mundo e no outro, no tempo e na eternidade. Assim seja.

DOMINGO XVII DEPOIS DO PENTECOSTES

DO AMOR DE DEUS E DO PRÓXIMO

(Sermão n.º. 8)

Amarás os Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito, com todas as tuas forças; este é o primeiro e o maior dos mandamentos, disse Jesus. O amor de Deus é o princípio, o fim, a perfeição da lei. Quem não tem este amor, infringe a mesma lei na sua parte mais vital, na sua própria essência. Quem não ama a Deus, existe entre as sombras da morte e as suas virtudes são nulas.

“Deus é amor; diz S. João. Quem O não ama, não O conhece”. E é só quem O não conhece, que pode persuadir-se ou da dificuldade de amá-Lo, ou de que pode haver alguma situação, alguma circunstância, algum motivo, que dispense de O amar.

Mas em que consiste, e em que se conhece o amor de Deus? A primeira coisa em que consiste, e em que se conhece, é a observância dos seus mandamentos. Ele mesmo o disse. Ele não qualifica de seu verdadeiro amigo, senão quem exactamente os cumpre. Outro sinal por onde nós podemos conhecer, que amamos a Deus, é o sofrermos de boa vontade por Ele e o sacrificarmos-Lhe tudo. Quem não está pronto a sofrer por outrem, não ama senão a si; quem não é capaz de sacrifícios, não é capaz de amor. A ternura para com Deus, uma suavidade inexprimível, mesmo as lágrimas, que algumas vezes são puros efeitos do amor divino, são outras vezes efeitos puramente naturais. Não é, pois, aí, que nós devemos ir procurar as provas incontestáveis do nosso amor para com Deus. Se este amor, apesar de toda essa suavidade, de toda essa ternura, nos não faz

preferir o nosso Deus a nós mesmos, a sua vontade à nossa vontade, a sua honra à nossa honra; nos não obriga a sofrer, a sacrificar tudo por Ele, a subir com Ele ao Calvário, e a participar da amargura das suas dores, não é senão ilusão, um vão plataforma de amor. Autor da nossa existência, de todos os bens que possuímos, de todos os que temos gozado, e havemos de gozar, e amando-nos com um amor infinito, Deus não exige muito de nós, querendo que O amemos e que O amemos com preferência a tudo.

“A medida do amor de Deus, diz S. Bernardo, consiste em amá-Lo sem medida”: e como se há-de amar de outra sorte e amabilidade infinita? Não se julgue que é difícil amar a Deus. Os que assim pensam, nunca procuraram amá-Lo, nunca tiveram um forte desejo de cumprir este sagrado dever. Quando nós temos um verdadeiro desejo de amar a Deus, diz S. Francisco de Sales, nós começamos a amá-Lo. E quanto mais o desejo cresce, mais o amor avulta.

O amor de Deus tem lugar em todos os estados; e não demanda ordinariamente nem grandes privações, nem grandes austeridades. Assim como Deus está em toda a parte, em toda a parte se pode amar a Deus. Assim como Ele permite todas as condições honestas, em todas elas pode ser servido e amado. Ser vicioso e amar a Deus, são coisas repugnantes: porém nada mais natural que ser virtuoso e amá-Lo, seja qual for o estado em que nos achamos.

O coração humano, que é tão pequeno a amar, tem necessariamente de escolher entre Deus e o mundo, entre o mais amável dos pais e mais cruel dos tiranos. A história porém não nos transmitiu um só acto de arrependimento à hora da morte de se ter amado a Deus, e os exemplos contrários são frequentíssimos. As venturas que o mundo nos promete, são aparentes, as suas promessas enganadoras e capciosas e falsos os seus sorrisos. Mas ainda que assim não fosse, quem ousaria preferir a beleza do mundo à beleza celeste, a sua amabilidade à amabilidade de Deus? Não amar a Deus é ser ingrato para com Ele. E quantos homens são culpados deste vício hediondo! Sendo toda a natureza grata ao seu Autor, ah, com quem aprenderam os homens a ser ingratos? Porque não atentam ao menos para os animais, que os servem, a fim de receberem lições de gratidão e de amizade? Porque se deixam vencer pelas próprias feras, quando se trata de receber benefícios?

No anfiteatro de Roma um leão, reconhecendo em Androculo o seu benfeitor, não só recusou devorá-lo, mas o afagou da maneira mais expressiva. Numa das expedições dos cruzados, um cavaleiro francês, encontrando outro leão, lutando para se desembaraçar duma serpente que nele se achava enroscada, correu em seu auxílio e matou a serpente. O leão agradecido, seguiu-o; não se afastava dele senão para lhe procurar a caça nos bosques; e nos combates era o seu melhor defensor. Depois da conquista de Jerusalém, embarcando o cavaleiro para a Europa, e não podendo conseguir que se recebesse o leão a bordo, este se deitou ao mar, e foi nadando sempre junto do navio, até que, falecendo-lhe as forças, se afogou.

Uma donzela da Ilha de Lestos criou uma águia, que depois constantemente a provia de caça e lhe dava repetidas provas de singular afeição. A donzela morreu; e, segundo os costumes do tempo, o seu cadáver foi lançado em uma pira; o que vendo a águia, arrojou-se ao fogo, a abraçou a sua benfeitora com as asas, como quem queria interpor-se entre ela e as chamas, que logo a devoraram. Muitos outros animais têm dado aos homens as maiores provas de gratidão e amor: e a nossa quotidiana experiência nos mostra quanto podem os benefícios em alguns, que vivem debaixo da nossa protecção e domínio.

Mas que comparação têm os benefícios que os animais, ainda os mais favorecidos, recebem dos homens, com o que os homens, ainda os que parecem menos favorecidos, recebem de Deus? A quem, senão a Ele, devemos a existência, e todas as comodidades que a fazem apreciar? De quem é o sol que nos alumia, o dia, a noite, as estrelas, os frutos da terra? De quem são as aves, os peixes, tudo o que vive ou vegeta à roda de nós? De quem é o ar que respiramos? Tudo recebemos das mãos de Deus. E não contente com dar-nos tantos bens, apesar das nossas ingratidões, Deus desceu do Céu à terra abrasado em amor pelos homens, trouxe-lhes uma moral superior a tudo quanto até então se tinha sabido ou imaginado; ensinou-nos a ser felizes pela revelação dos elementos da verdadeira felicidade, virtuosos pela excelência das suas máximas, e pelo espectáculo de todas as virtudes; e para nos admitir à herança de que estávamos privados, para nos franquear as vedadas portas do Céu, tomou sobre seus ombros o peso

enorme das nossas iniquidades, sofreu as maiores injúrias, os mais acerbos tormentos, até verter todo o seu sangue, até dar a vida por nós!

Oh, meu Deus, não pode haver uma ventura, uma dignidade, uma glória, que iguale a de vos amar. O mel mais doce, o néctar mais delicioso não se aproximam da vossa doçura; a neve e o leite mais puro não se avizinham da vossa pureza; as honras, os prazeres, o ouro, a prata, as pedras preciosas, todos os tesouros do mundo em nada se podem comparar com os vossos sublimes encantos. Assim como o veado suspira pelas águas correntes, a minha alma suspira por Vós, ó meu Deus! Quem me dera acabar de atravessar o sequioso deserto da vida, para saciar a sede de amar-Vos nas fontes copiosíssimas da Vossa augusta morada. Anjos do Céu, que tão melodiosos hinos tocais junto ao trono do Altíssimo, ah, se vós me ensinásseis um cântico, uma harmonia, um som ao menos daqueles que o Divino ardor vos inspira, com que efusão, com que alvoroço eu o repetiria, em que torrente de júbilo se não inundaria o meu peito, e que êxtases de amor me não arrebatariam?

DOMINGO XIX DEPOIS DO PENTECOSTES

(Sermão nº. 9) (Mt. 22,1-4)

As maravilhas da vida cristã não serão jamais encarecidas em excesso; e a admiração, o assombro dos Santos, é grande quando pensam que muitos cristãos as rejeitam, tornando-se indignos deles pela sua má conduta.

“Eu quisera aproximar-me dum pecador, dum infiel, diz Santo Afonso, e mostrar-lhe a sua insensatez ao recusar a graça que o Senhor lhe concede chamando-o a participar na vida cristã”. “Ah, mas estes cristãos, comentava o egrégio Bispo e Doutor da Igreja, estes cristãos hão-de ser submetidos a um terrível juízo!”

A prática da vida cristã exige sem dúvida grandes sacrifícios, mas Deus não se deixa vencer em generosidade, porque a vida cristã, só por si, encerra tesouros tão opulentos de alegrias e consolações que não os há iguais sobre a terra e tem tais riquezas de esperanças que excedem toda a satisfação e todo o gozo.

É o que vemos no Evangelho do presente Domingo. A vida cristã é o banquete do Rei, com o qual o Divino Salvador compara o reino do céu, isto é, a sua Igreja.

Era na semana que precedia a sua morte e Jesus lança anátemas aos seus inimigos, exprobrando-lhe energicamente a dureza dos seus corações cheios de ódio e de rancor.

Ele fala sob a forma duma parábola. O Rei ordena aos seus servos que chamem os convidados para o banquete, mas os convidados recusaram-se a ir.

É este o assunto das considerações de hoje: o repúdio por parte de tantos fiéis do convite que Nosso Senhor Jesus Cristo lhes faz de viverem uma vida verdadeira e integralmente cristã.

No dizer dos Santos Padres, as bodas do Filho do Rei representam todas as grandes misericórdias de Deus a favor da humanidade, primeiro dos judeus e depois do mundo inteiro. Essas bodas figuram, mais propriamente, a Encarnação do Verbo, preparada através de toda a história do povo eleito e realizada com a vinda de Cristo, o Filho de Deus, que assumiu a natureza humana, em unidade de Pessoa.

E a série dos convites à humanidade multiplica-se dum modo surpreendente, desde a vocação de Abraão a Isaac, a Jacob, à libertação do Egipto, à legislação de Moisés, aos Juizes, aos Reis, especialmente a David, e até aos Profetas...

E para nós, cristãos: a pregação do Evangelho, a acção dos Apóstolos, o sacrifício dos Mártires, o heroísmo dos Confessores, a santidade das Virgens, a missão salvadora da Igreja Católica, o regímen da sua Hierarquia, sem falar da graça dos sacramentos!

Vede, proclama S. Paulo, vede o amor de Deus para connosco permitindo que nos chamássemos e fôssemos verdadeiramente seus filhos adoptivos e entregando o seu Filho Unigénito à morte para nos salvar. Toda a Redenção é um convite da bondade Divina!

São tudo finezas do Senhor: o grande banquete, o convite à graça, a elevação ao estado sobrenatural, a riqueza do tesouro espiritual da Igreja...

E Jesus, na força da sua requisitória, diz uma só frase:

“E eles desprezaram o convite.”

Exprobração amarga, esta, que pode ser dirigida a muitos cristãos do dia de hoje, cuja vida cristã, quando não é inteiramente profanada, se reduz a um pouco de formalismo, a uma tradição doméstica, a um hábito, que pode servir para as circunstâncias mais solenes da vida.

“E foram-se embora”. Um deles partiu para a sua quinta. Aqui podemos ver a profanação dos Domingos e dias santos de guarda, em que muitos cristãos se entregam a loucos divertimentos, convertendo o dia do Senhor em dia do demónio, como observou S. João Crisóstomo. É a ânsia do gozo, é o desejo desmedido do prazer...

“Outro vai tratar dos seus negócios”. Um motivo de recusa do convite divino para viver uma vida cristã é o apego desordenado ao dinheiro, a febre do comércio e da indústria, a ambição das coisas caducas, a corrida, o assalto aos primeiros lugares, às dignidades, às honras...

Faz estremecer a morte de Filipe II. Chamou junto do seu leito de agonia o príncipe herdeiro e disse-lhe: *“Vê, meu filho, onde acabam as vaidades da terra. Já nada resta dos esplendores do trono... Agora compreendo que era melhor para mim ter passado toda a vida a salvar a minha alma, servindo humildemente o Senhor”*.

Mas, ainda quando não há uma recusa formal e desdenhosa de servir a Deus, é a indignidade da vida cristã professada apenas à flor dos lábios e não com a prática dos deveres que impõe. Diz Jesus: *“Se queres entrar na vida, se queres ir para o Céu, cumpre os mandamentos”*.

O rei condena à morte aqueles que tinham prendido e assassinado os seus servos, e Deus efectivamente destruiu o povo escolhido e dispersou-o por toda a terra; do mesmo modo procede para com os pecadores obstinados e infelizes que se entregam a uma vida dissipada e contrária ao espírito cristão. Mas, primeiro, na sua misericórdia, ordena ainda aos seus servos que vão chamar todos os que encontrarem, os bons e os maus.

E assim se encheu a sala do banquete:

Na verdade a Religião Cristã enche a terra; os nossos países são católicos. Quantas graças concedidas a estes filhos do reino! Mas também que dever rigoroso de corresponder a essas graças.

Nós somos obrigados a servir a Deus:

1º. Pela condição da nossa natureza de que Ele é o Criador e o Supremo Senhor;

2º. Pela própria excelência da nossa natureza imensamente superior a todos os seres criados;

3º. Porque Nosso Senhor Jesus Cristo nos resgatou com o seu sangue precioso e com a Sua morte de cruz;

4º. Pela grandeza da recompensa e da glória imortal que Ele promete a quem O serve.

O Rei mandou expulsar da sala do banquete o conviva que não envergasse o traje nupcial. Os que não têm a veste nupcial não podem tomar parte no banquete das bodas do Filho do Rei. E quais são eles? São os que estão sem a graça de Deus perdida com o pecado mortal; são os que nunca se resolvem a pôr em ordem as contas da sua consciência com Deus por meio duma confissão bem feita; são aqueles que admiram a pessoa de Cristo e a sua doutrina, mas não ouvem a sua palavra: *“Cumpre os mandamentos!”*.

E depois a ameaça. Mas a ameaça é ainda mais grave, que enche, porém, de temor só aqueles que sentem os remorsos da consciência pelos seus pecados e pela sua vida indigna do nome de cristãos. *“Muitos são chamados mas poucos os eleitos”*.

Porque pensas tanto nestas palavras do Salvador: se te hás-de salvar ou se te hás-de condenar? Diz S. João Crisóstomo. *“Não nos disse o Senhor que aqueles que O seguem encontram a vida...”*.

E mesmo que te persuadas de que são poucos os que se salvam, tu trata de te juntares a esses poucos e não te preocupes com mais nada: *“Vive com poucos se queres viver como esses poucos”*.

XXI DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES.

PARÁBOLA DAS CONTAS COM OS SERVOS.

PERDÃO DAS DÍVIDAS:

AMOR DOS INIMIGOS.

(Sermão nº. 10)

Quando o doutor da lei, de que nos fala o Evangelho de um dos últimos Domingos, acercando-se de Jesus Lhe perguntou, para O tentar, qual era o maior mandamento da lei, o Divino Salvador respondeu-lhe, dizendo: *“Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças”*. É este o primeiro e o maior mandamento. E logo acrescentou: *“E eis o segundo mandamento, semelhante ao primeiro: Amarás o teu próximo como a ti próprio. Nestes dois mandamentos se encerram toda a lei e as profecias”*.

Devemos, pois, amar o próximo como a nós mesmos, por amor de Deus. Ora o acto principal da caridade para com o próximo é o perdão das injúrias recebidas, o amor para com aqueles que nos fizeram mal. Este acto é sem dúvida bastante difícil de praticar, mas é também o mais digno do verdadeiro cristão, porque o torna extraordinariamente semelhante a Deus. Nada mais próprio da Bondade Divina do que perdoar os ultrajes que lhe são feitos e usar de misericórdia para com os seus ofensores.

Deus exerce a sua beneficência para com os bons e os maus, para com os justos e os injustos, fazendo brilhar sobre todos indistintamente o seu sol e fazendo descer sobre todos indistintamente a sua chuva. É precisamente esta bondade extrema do Pai Celeste em perdoar e fazer bem aos que O ofendem e a obrigação gravíssima que nós temos de imitá-Lo mesmo neste particular, o que nos mostra o Evangelho do presente Domingo na belíssima parábola que propõe à nossa consideração.

E antes de mais nada, quem é este Rei de que aqui se trata? O Rei é Nosso Senhor Jesus Cristo Ele é, na frase da Sagrada Escritura, rei de Sião, Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. E quem são os servos? Os servos são todos os homens. Eles pertencem a Jesus por direito de criação e por direito de redenção.

Portanto todos os homens estão obrigados a servir a Jesus, Rei Universal, que um dia, como o rei do Evangelho, fará contas com eles no seu tremendo tribunal. Estas contas serão dadas duas vezes. Primeiramente no juízo particular. Ali, a sós com Deus, a alma é examinada do modo mais exacto e mais minucioso. As graças de que foi objecto, as culpas em que incorreu, o bem que fez, as negligências a que se abandonou, os pecados que fez cometer, tudo isso será recordado no tribunal divino. Depois no fim do mundo, esse juízo particular de cada alma será reproduzido na presença de todas as

gerações reunidas e de todos os Anjos e Santos do Céu com um aparato solene e formidável. Lembremo-nos com frequência dos nossos novíssimos, e especialmente do juízo, lembremo-nos das contas que havemos de dar a Deus de todas as nossas acções, e não pecaremos. É o que nos diz o Divino Espírito Santo: *“Memorare novissima tua et in aeternum non peccabis”*. Ah, é necessário evitar a todo o custo o pecado, sobretudo o pecado mortal. Quereis conhecer a gravidade da ofensa que se faz a Deus com o pecado mortal? Pensai por um pouco na grandeza e bondade do ofendido, na vileza do réu, nas indignas razões que inspiram a culpa, nas circunstâncias agravantes que a acompanharam, e podereis fazer uma ideia dela. E em primeiro lugar, quem é o ofendido? É Deus, que é, antes de tudo, O maior, O mais perfeito, O mais poderoso de todos os seres e depois, em relação ao próprio pecador, O mais insigne e O mais generoso dos benfeitores. Quando um cristão trata a Deus tão iniquamente, recebeu Dele por ventura algum mal, pelo qual se considere ofendido e tenha motivo para se vingar? De modo nenhum. Pelo contrário Ele é uma criatura cheia de graças e favores assinalados, que Deus lhe concedeu. Tudo aquilo que é, tudo aquilo que tem e que pode ter, tudo é Dom de Deus, Deus o tirou do nada, Deus lhe deu a vida, Deus o conserva e o provê de tudo o que necessita. A terra que pisa, o ar que respira, os campos que lhe dão frutos, os animais que o servem, tudo é efeito da bondade e misericórdia divina. Pode dizer-se que são infinitos os benefícios que esse infeliz recebeu e recebe continuamente Deste Soberano Benfeitor, tanto na ordem natural, como na ordem sobrenatural, tanto no corpo como na alma. Deus, por amor e salvação dele, sacrificou até o seu único Filho, chamou-o, por privilégio especialíssimo à profissão da fé cristã, admitiu-o no grémio da sua Igreja, fê-lo participante dos seus sacramentos e pôs à sua disposição um sem número de meios para conseguir o Paraíso, onde preparou para ele uma glória infinita, uma felicidade eterna. E é contra este Deus, tão grande e tão bom, que se insurge o pecador! E quem é o pecador? Uma criatura miserável, que nada pode, um cego que não vê, um pobre que nada possui, um punhado de pó, um mesquinho e desprezível verme da terra. Sim, é este nada que tem o arrojo de irritar com o pecado aquele Deus, em cuja presença treme o Céu, a terra e o inferno! E por que motivo ousa ofende-Lo?

Quem comete um pecado mortal, comete-o pelas coisas mais infames e vis, que prefere a Deus. Aprecia, ama, e antepõe a Deus um bem vilíssimo em seu ser, brevíssimo na sua duração, mesquinho na satisfação que produz. E onde comete o pecador a sua culpa? Essa culpa comete-a o pecador na presença do próprio Deus, porque o Senhor enche todo o universo com a sua imensidade. E assim, onde quer que estejamos, qualquer que seja a região que habitamos, nas profundezas da terra ou na cumeada das montanhas, sempre e em toda a parte o homem está na presença de Deus. E, finalmente, de que instrumentos se serve o homem para ofender a Deus? Serve-se dos próprios bens e benefícios recebidos com tanta generosidade, convertendo-os, por assim dizer, em outras tantas setas agudíssimas com que trespassa o coração do seu próprio benfeitor. Isto é o cúmulo, o último grau da ingratidão e da perfídia. A esse excesso incrível, a esse atentado inaudito chega o pecador. Emprega a santidade, a beleza, os bens da fortuna, o talento, os olhos, a língua, as mãos, as forças ou qualquer outro bem criado, tudo dons e benefícios de Deus!

E assim o pecado tira à alma todos os tesouros e todas as riquezas que ela possui, isto é, os méritos preciosíssimos que com tanto trabalho tinha ganho com as boas obras e com o exercício das virtudes, merecendo por isso, como o servo injusto e ingrato do Evangelho, ser vendida e abandonada ao demônio, executor terrível da justiça de Deus.

Mas, por maior que seja a nossa dívida, maior ainda, infinitamente maior, é a misericórdia divina, contanto que imitemos a conduta do servo do Evangelho. Deus procede para com os pecadores como o rei do Evangelho. Antes de infligir a justa punição do crime, faz ouvir as suas terríveis ameaças, desperta no coração do pecador a voz do terror e do remorso, adverte-o dos castigos que o esperam, e assim lhe inspira o pensamento de fazer tudo o que é necessário para os evitar. E se o pecador, correspondendo às inspirações divinas, se lança arrependido aos pés de Jesus no sacramento da penitência, e sinceramente Lhe suplica que lhe perdoe, Deus move-se imediatamente à compaixão, e concede-lhe o perdão implorado. Por maiores e mais numerosos que sejam os pecados cometidos, porque ele protesta que não pode repelir um coração contrito e humilhado. *Cor contritum et humiliatum Deus non despiciet*. É o que nos mostra a S. E. em muitas das suas passagens. O profeta Jonas, da parte de Deus,

intima aos Ninivitas que, em punição das suas iniquidades, eles serão daí a pouco exterminados e a sua cidade destruída. Mas o que sucede? Aterrorizados com tais ameaças, humilham-se, choram os seus pecados, arrependem-se do fundo do coração e fazem penitência; e Deus, aplacando-se, poupa-os, usa de misericórdia, concede-lhes o perdão. Maria Madalena, a grande e generosa santa do Evangelho, era uma pecadora pública escandalosíssima. Humilhada e arrependida, lança-se aos pés de Jesus e chora amargamente as suas culpas. Jesus lê no coração dela, conhece que as suas lágrimas são sinceras, e sem demora lhe perdoa. Um dos ladrões crucificados sobre o Calvário, profundamente humilhado e contrito, recomenda-se a Jesus; e Ele, que o vê sinceramente arrependido dos seus crimes, assegura-lhe que ainda nesse mesmo dia havia de estar consigo no Paraíso.

Eis a grande misericórdia de Deus; eis o grande poder e eficácia do arrependimento! Felizes nós se chegamos a conhecê-lo no nosso coração. Ainda que tivéssemos sido os maiores pecadores do mundo, poderíamos com grande confiança esperar o perdão. Misturando as nossas orações e as lágrimas do nosso coração com o sangue adorável de Jesus, esse sangue divino é-nos aplicado e purifica-nos de todas as culpas.

Mas, se Deus é fácil em usar de misericórdia connosco, quer também que sejamos fáceis em usá-la com os outros. E impõe-nos a este respeito uma lei absoluta, com a ameaça de não nos perdoar, se não perdoarmos ao nosso próximo. Não conservemos, pois, jamais no nosso coração nenhum rancor, nenhum ressentimento contra quem nos ofendeu, mas generosamente perdoemos qualquer injúria que nos tenha sido feita, pensando que, por mais grave que ela seja, não será todavia nunca tão grave como as que temos feito a Deus. Mas, ainda mais que o temor, mova-nos a perdoar aos outros o amor e o exemplo admirável do Divino Redentor. Jesus acha-se rodeado por toda a parte de inimigos invejosos das suas glórias: alguns desacreditam os seus milagres taxando-os de prestígios diabólicos; outros caluniam-No como homem ambicioso, que aspira a ser rei, outros O perseguem com as pedras na mão, outros tentam precipitá-Lo do cimo dum monte; e contudo Jesus tudo sofre e perdoa. Trata Judas, o discípulo traidor, com um affecto inefável, no próprio acto em que o atraiçoa;

sara a orelha de Malco que veio ao seu encontro para O prender; volve um olhar de compaixão a Pedro, que O negou, e finalmente sobre a cruz pede a seu Divino Pai que perdoe aos seus algozes e desculpa-os do seu execrando excesso, dizendo: *“Pai, não sabem o que fazem”*.

Oh, se somos verdadeiros cristãos, se somos verdadeiros sequazes de Jesus Cristo, um exemplo tão admirável deve comover-nos e animar-nos a praticar exactamente a lei do perdão. Assim, pois, examinemos a nossa consciência, e se nela encontrarmos algum ressentimento, algum rancor, algum ódio, façamos imediatamente o sacrificio desses sentimentos aos pés da cruz de Jesus Cristo Resolvamos desde este momento estender mão amigável e dirigir palavras afectuosas a quem nos ofendeu. Desta sorte, já não teremos nenhum temor quando recitarmos no Pai Nosso as palavras: *“Perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”*. Antes nós as repetiremos com grande confiança e na certeza de que, tendo nós perdoado aos outros, Deus, piedoso e compassivo, nos perdoará também a nós.

“Jesus disse a seus discípulos esta parábola: O reino dos céus é comparado a um homem rei, que quis fazer contas com seus servos. Ora, quando ele começou, apresentaram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. E como ele não tivesse com que satisfazer, seu amo ordenou que o vendessem a ele, a sua mulher e a seus filhos, bem como tudo quanto tivesse, para que pagasse. Mas o servo, lançando-se a seus pés, lhe suplicou, dizendo: «Tende piedade de mim e eu vos pagarei tudo». Então o senhor deste servo, tendo piedade dele, o mandou embora, perdoando-lhe a sua dívida. Porém, o servo ao retirar-se, encontrando um de seus companheiros, que lhe devia cem dinheiros, agarrando-o, o ameaçou, dizendo-lhe: «Dá-me o que me deves». E o seu companheiro, lançando-se a seus pés, o suplicava, dizendo: «Tem piedade de mim, que eu te restituirei tudo». Porém, ele não o atendeu e retirou-se, mandando-o meter numa prisão, até que lhe pagasse a sua dívida.

Ao ver isto, os outros servos ficaram gravemente magoados, depois foram ter com o seu senhor e contaram-lhe o que se tinha passado. Então o senhor chamou-o e disse-lhe: «Servo indigno, eu perdoei-te toda a tua dívida, porque tu mo imploraste: não era preciso portanto que fizesses o mesmo ao teu companheiro, como eu tive

piedade de ti?» E o seu senhor, irritado, o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse a sua dívida. É assim que vos tratará também Meu Pai Celeste, se cada um de vós não perdoa a seu irmão do fundo do coração”. (Mt. 18,23-35).

INFRA OCT. ASC.

(Sermão nº. 11)

Nestas palavras Jesus nos ensina três coisas: que o Espírito Santo é o nosso consolador, que o Espírito Santo é Espírito de verdade e que o Espírito Santo dará testemunho da sua Pessoa. O Espírito Santo é a terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Procede do Pai e do Filho. É igual em tudo ao Pai e ao Filho, é como Eles, onipotente, eterno, de uma perfeição, de uma grandeza, de uma sabedoria infinita.

A palavra Paráclito, de origem grega, com que também se designa o Espírito Santo, significa consolador. Ele é, efectivamente, o nosso consolador. Por isso no meio das nossas tristezas, dos nossos sofrimentos e das nossas tribulações, recorramos a este Espírito Inefável consolador, que, sendo o Deus de toda a consolação, o consolador por excelência, *consolator optime*, como lhe chama a Igreja, no admirável hino “*Veni Creator Spiritus*”, tem nos tesouros da sua misericórdia, bálsamo para todas as feridas, lenitivo para todas as dores, conforto para todas as mágoas.

Jesus chama também ao Divino Espírito Santo Espírito de Verdade. O homem, para não viver numa incerteza cruciante e num desassossego contínuo, precisa de resolver antes de mais nada o grande e momentoso problema da sua existência. Onde veio? Qual é a sua missão sobre a terra? Qual será o seu destino depois desta vida mortal? Resolvido este problema, importa-lhe saber quais são as normas a que há-de subordinar a sua vida individual e social. É a luz divina do Espírito Santo que ilumina todo o homem de boa vontade nas ásperas veredas da existência e o conduz com segurança ao porto da verdadeira felicidade. Infelizes daqueles que repelem esta luz salutar! Como cegos, que não querem ver, precipitam-se loucamente de abismo em

abismo, procurando apenas a satisfação das suas paixões desregradas e cavando assim a sua própria ruína temporal e eterna.

Diz ainda Jesus que o Espírito Santo dará testemunho de si. Este testemunho já o tinha dado, de um modo bem público e bem solene, por ocasião do baptismo de Nosso Senhor nas águas do Jordão. Ali, de improviso se abriram os céus, o Espírito Santo desceu em forma de pomba e ouviram-se estas palavras pronunciadas pelo Eterno Pai: *“Este é o Meu Filho amado, no qual pus as minhas complacências”*. Deste modo Jesus foi solenemente proclamado pelo Eterno Pai e pelo Espírito Santo verdadeiro Filho de Deus, enviado ao mundo para salvar a humanidade prevaricadora. Mas no dia de Pentecostes o Espírito Santo prestará um novo testemunho, confirmando a verdade dos seus ensinamentos e dando aos apóstolos, segundo a promessa de Jesus, tudo o que lhes faltava para cumprirem a sua missão.

É no próximo Domingo, que a S. Igreja comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos reunidos no Cenáculo de Jerusalém em companhia de Maria Santíssima. À semelhança deles, e em conformidade com o desejo de Jesus, preparemo-nos convenientemente para uma tão grande solenidade. Preparemo-nos para ela com uma oração feita durante esta semana com maior fervor e recolhimento; preparemo-nos com uma devoção mais viva e mais ardente a Maria Santíssima nossa Mãe, em cujo belo mês nos encontramos; preparemo-nos, purificando melhor a nossa consciência, cumprindo mais exactamente os nossos deveres, exercitando-nos na prática de todas as virtudes cristãs.

E então poderemos esperar com confiança que Jesus fará descer também sobre nós o seu Santo Espírito, cumulando a nossa alma com os seus dons preciosíssimos e enriquecendo-nos de toda a sorte de bens para o tempo e para a eternidade.

O Divino Salvador, depois de ter dito aos Apóstolos que o Espírito Santo daria testemunho de Si, acrescenta que também eles o haviam de dar. E efectivamente os apóstolos pregaram o Evangelho por todas as partes do mundo e selaram essa pregação com o seu sangue, sacrificando a vida por amor Daquele que os tinha elevado à glória do Apostolado.

À semelhança dos Apóstolos, não nos envergonhemos de confessar a Jesus, nosso Salvador e nosso Deus. Talvez encontremos algumas vezes no caminho da nossa vida algumas pessoas de espírito sectário e intolerante, que se permitam, na mesquinhez do seu sectarismo, roubar da nossa sujeição a lei de Deus, da prática da nossa fé, do cumprimento dos nossos deveres religiosos. Cumulam-nos de improperios e de sarcasmos, apontam-nos a dedo como a insensatos, tratam-nos com desprezo e desdém. Pois bem! Nós, como verdadeiros e corajosos soldados, cheios de um santo orgulho pela profissão da nossa fé, que foi e é a fé das almas mais belas, mais nobres e mais puras e que só os ímpios e os dissolutos se atrevem a menoscar, nós não devemos acobardar-nos, mas à imitação do soldado valoroso, que avança sereno e impávido entre as balas e a metralhadora, devemos caminhar sempre pela estrada da virtude e praticar o bem sem embargo das injúrias mais soezes e dos ultrajes mais ignóbeis.

Não nos deixemos dominar pelo respeito humano que é um sentimento próprio das almas mesquinhas, e que a tantos afasta da senda do bem. Demos a Deus o testemunho, que lhe é devido, da nossa fé e do nosso amor. O mundo, com as suas ilusões e as suas misérias, passará como fumo. Ri-se ele agora de nós? Deixá-lo! Um dia virá em que morderá os lábios de despeito e de vergonha. Nesse dia, no dia do juízo universal, os maus à esquerda do Supremo Juiz verão os justos à direita e dirão com a maior consternação: *“Nós insensatos, julgamos a sua vida uma loucura e o seu fim sem nenhuma honra; mas eis que agora são contados no número dos filhos de Deus e lhes cabe em partilha a esplêndida herança dos Santos”*.

Finalmente o Divino Redentor para animar os Apóstolos a nada temerem no cumprimento da sua missão, acrescentou: *“Acontecerá que até sereis condenados à morte por aqueles que se obstinam em não querer conhecer-Me, mas então recordai-vos de que Eu vo-lo predisse: Eu que sou o vosso Criador, o vosso Redentor, o vosso Deus; Eu que não deixarei de ajudar-vos em todos os perigos; Eu que salvarei e poderei recompensar-vos por tudo o que fizerdes pela minha fé e pelo meu amor”*.

Nestas palavras Jesus recomenda-nos a confiança em Deus. Deus é infinitamente bom, fiel às suas promessas, cheio de misericórdia e de generosidade. Ditoso o homem que confia no Senhor, exclama o profeta Jeremias! Crescerá como o arbusto plantado na

margem de um rio, cujas raízes são banhadas pela água corrente; não temerá as intempéries das estações; ostentará os seus ramos sempre verdejantes; não definhará no tempo de seca e não (...) ²⁰

SOBRE A DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

(Sermão nº. 12) ²¹

(...) até ao Céu, a profundidade que desce até aos abismos da miséria da terra e dos homens, a largura que abraça a imensidade do universo, o comprimento que se faz sentir no tempo e na eternidade.

Oh, se nos fosse dado, como à Beata Margarida Maria, ver e admirar com os nossos olhos deslumbrados esse Coração, que tanto amou os homens!

Como será belo ver no céu, o Coração de Jesus, divino sol de justiça, rei e centro de todos os corações!

Mas desde já como é belo ver o Coração de Jesus nos raios luminosos e quentes que Ele deixa cair sobre a nossa pobre terra; nesses focos benéficos que acendem entre nós e que se chamam a Cruz e a Eucaristia! Porque foi o Coração de Jesus, foi a sua imensa caridade para connosco que O impeliu a suportar todos os tormentos, todas as humilhações, todas as ignomínias da Paixão; foi o amor de Jesus Cristo que O levou a

²⁰ Documento incompleto.

²¹ Documento incompleto no seu início

ocultar-se sob os véus eucarísticos para ficar connosco até ao fim dos séculos e proporcionar assim às nossas almas, pela sagrada comunhão, um alimento precioso de vida e de virtudes sobrenaturais.

Com razão, pois, o grande arcebispo de Londres, o Cardeal Manning escreveu que *“a ciência do Sagrado Coração é o mais perfeito dos dogmas, e o amor do Sagrado Coração a mais perfeita das devoções”*.

Carácter da devoção ao Sagrado Coração de Jesus

a) 1.º Carácter: o amor.

O mandamento do amor de Deus, inscrito já na lei mosaica foi formulado e promulgado com uma clareza e uma força inteiramente novas no Evangelho. O Divino Mestre, cujas palavras são espírito e vida, apresenta o amor de Deus como a primeira disposição e a mais essencial que Ele exige dos seus discípulos. Deus amou-nos: eis a doutrina católica. Nós devemos amá-Lo: eis a moral. Ora é precisamente perante esta grande lei que nos conduz a devoção ao Sagrado Coração. Esta devoção. Este culto tem por carácter principal o amor.

Jesus Cristo amou-nos; amou-nos até ao fim. Tudo proclama o seu amor: o próprio facto da sua Encarnação, o seu presépio, a sua infância, a sua vida oculta, a sua pregação, os seus milagres, a sua Paixão, a sua morte, a graça, os sacramentos, sobretudo a Eucaristia com a missa, a presença real e a comunhão. Ora todas estas manifestações misericordiosas de amor, com o próprio amor divino que as inspirou, são-nos recordadas pelo símbolo vivo e tocante do Coração de Jesus. Quem não amará Aquele que tanto nos amou? Em compensação do seu amor para connosco, Jesus pede o nosso amor: *“Eu vim trazer o fogo à terra, diz o Divino Salvador e que outra coisa quero senão que ele se acenda?”*.

Mas se queremos amar verdadeiramente o Coração de Jesus, se queremos que a devoção ao Sagrado Coração nos auxilie a renovar-nos na virtude e na força da lei vital, não fiquemos nas vagas e vaporosas regiões da sentimentalidade e das doces devoções, mas amemos em acção e em verdade, *“com o suor da nossa fronte e com a fadiga do*

nosso braço” para repetir uma frase de S. Vicente de Paulo: “Amemos o Salvador como Ele nos amou”.

b) 2.º Carácter: a reparação.

O primeiro carácter, pois, da devoção ao Sagrado Coração de Jesus é o amor. Mas este amor que a devoção ao Coração de Jesus exige e que ela deve reavivar em nós, dirige-se por si mesmo e por uma necessidade imperiosa à reparação. Verdadeiro amor de amizade por Jesus Cristo, está sujeito à lei formulada por Santo Tomás: *“No amor de amizade, diz ele, cada um dos amigos considera como seus os bens e os males daquele que a quem ama. E eis a razão porque o carácter próprio da amizade é querer as mesmas coisas e partilhar alegrias e tristezas”*. Mas porque é preciso reparar? Porque é preciso dar à nossa devoção para com o Sagrado Coração este carácter de reparação? É preciso reparar por causa das ofensas dirigidas contra o Divino Salvador, é preciso reparar porque o Divino Salvador o pediu.

Há em primeiro lugar as humilhações, os maus tratos, sofrimentos de todas as espécies cujo conjunto constitui a Paixão. Jesus Cristo morreu por causa dos nossos pecados, por causa dos pecados de todos os homens. Tenhamos, pois, horror ao pecado que fez sofrer Jesus Cristo, que é directamente contra a sua glória e os seus interesses, que impede, retarda e contraria a vinda do seu reinado. Nas revelações feitas à Beata Margarida Maria, Nosso Senhor pede reparações, sofrimentos, indemnizações, compensações de amor, se assim me posso exprimir, pelos ultrajes que recebe na Santíssima Eucaristia, o Sacramento por excelência do Seu amor.

Mas o pensamento e as intenções do Salvador são que as almas dedicadas ao seu Divino Coração se apliquem a reparar por todos os outros pecados. Por um amor dedicado, ardente e generoso, que inspire toda a nossa vida e dirija todos as nossas acções, os nossos deveres religiosos como os mais vulgares detalhes de nossos trabalhos quotidianos, continuemos em face do nosso Deus ultrajado por inumeráveis pecados, em face de Jesus Cristo perseguido e maltratado na sua Igreja e nos seus membros o papel da admirável Verónica, daquela santa mulher do povo de Jerusalém, que, no curso da Via dolorosa, se apresentou com um pano na mão, para limpar o rosto de Jesus todo coberto de escarros, de pó, de suor e de sangue.

Amemos e sofram! Tal é o programa da devoção ao Coração de Jesus. Tal é o programa das almas reparadoras. Amar e sofrer, isto é, tomar corajosamente contra nós mesmos e contra o pecado, onde quer que ele esteja, o partido de Deus e de sua justiça. Amar e sofrer! Belo ideal, único capaz de elevar acima das vulgaridades da terra e do sensualismo que deprime as almas; belo ideal, única capaz de purificar e de consolar! Amar e sofrer! Com a adorável vítima do Calvário; como todas as almas santas que quiseram seguir as suas pisadas; com a Virgem Maria, mãe de dor, que com toda a dedicação do seu coração maternal chorava sobre o Calvário os sofrimentos de Jesus e se associava de uma maneira tão íntima à obra da Redenção do género humano.

A festa do Sagrado Coração, a Comunhão da primeira sexta-feira de cada mês, a Hora Santa, o Acto de desagravo, a Comunhão reparadora, a Guarda de Honra, tais são as práticas, tais são as obras excelentes recomendadas à atenção e ao zelo dos amigos do Sagrado Coração; meios eficazes, instrumentos úteis a empregar para reparar as ofensas feitas a Nosso Senhor. Mas é mister que estes actos, estas obras sejam feitas com verdadeiro espírito cristão. É mister que vivamos uma vida verdadeiramente cristã. Um grande número de cristãos não têm este respeito senão ideais pouco precisos e muitas vezes inexactos. Muitos naturalmente bons e justos, seguem sem grandes esforços as suas inclinações instintivas julgando assim viver como cristãos. É certo que dessa forma cumprem uma condição essencial da vida cristã, porque um cristão, como alguém disse, deve ser um homem superlativamente honrado. Para ser cristão, é preciso ser em primeiro lugar bom, recto e justo.

As virtudes sobrenaturais exigem como base as virtudes naturais. Mas as virtudes naturais, só por si, não fazem nada mais do que um pagão honrado; não bastam para formar um cristão. Outros, considerando as coisas superficialmente, não vêem na religião senão um conjunto de práticas externas e cultuais, e fazem consistir toda a sua vida cristã nalgumas fórmulas de orações, na frequência da Igreja, na abstinência em certos dias e na comunhão pascal. O que eles fazem é bom, mas detêm-se, digamos assim, na casca das coisas, e não atingem a sua realidade íntima. Esquecem que Deus vê e contempla o coração. E talvez que, examinando bem o fundo da sua consciência, esses cristãos superficiais tivessem razão para aplicar um pouco a si próprios a exprobração

dirigida outrora por Jesus aos escribas e aos fariseus: *“Vós fazeis longas orações... Vós pagais os dízimos, mas desprezais os preceitos mais importantes, a justiça, a misericórdia e a fé... É preciso fazer isto e não omitir aquilo”*.

Importa acrescentar às práticas exteriores da religião as disposições, o pensamento, a intenção, o espírito, o coração que as animam, dirigem e vivificam. Assim entendida, a vida cristã verdadeira e completa é a observância exterior e interior da lei natural e da lei cristã, em conformidade e semelhança com Jesus Cristo, com o auxílio da graça que Ele nos mereceu e nos deu. É esta a doutrina promulgada pelo Salvador e pregada em diversas circunstâncias pelo apóstolo S. Paulo; é esta a doutrina consignada e praticada pelos santos. Ela resume-se na semelhança do nosso coração com o Coração de Jesus.

S. João Baptista dizia do Salvador, que Ele tinha a missão de mostrar aos judeus: *“É preciso que Ele cresça e que eu diminua”*. É também esta a preocupação que devemos ter perante Aquele que é a verdadeira vida e a origem da vida sobrenatural em nossos corações. Tal é o trabalho que é preciso fazer, se quisermos ser verdadeiramente e completamente cristãos. É preciso que eu diminua; que as minhas paixões sejam reprimidas, a minha negligência corrigida, o meu orgulho combatido. É preciso que eu diminua e que Jesus Cristo cresça, que Ele se desenvolva em mim, que Ele reine no meu coração e que eu O ame. É preciso que diminua: que o Coração de Jesus Cristo seja o senhor do meu coração e o encha dos seus puros sentimentos, e que tudo o que há de mau em mim desapareça. Tal é a forma da vida cristã. Tal é o belo ideal, a cuja realização todos somos convidados para pormos nos nossos corações a plenitude da vida do Coração de Cristo.

Estudemos, oremos, trabalhemos para nos aproximarmos desse ideal; os esforços que fizermos nesse sentido valer-nos-ão, com a graça de Deus, ser preservados do mal que enche o mundo e gozar da paz profunda e infinitamente doce que traz a um coração recto e puro a busca sincera da virtude e do bem. Assim seja.

SOBRE SANTA TERESA DE JESUS

(Sermão nº. 13)

Com as suas homenagens mais sentidas e mais solenes, com os seus cultos mais acendrados, o orbe católico honra e exalta neste dia uma das almas mais extraordinárias

que Deus tem criado: Santa Teresa de Jesus, uma das figuras mais grandiosas da história, da Igreja e da humanidade.

Foi seu berço a humilde povoação de Ávila, na nossa vizinha Espanha, de que é uma das glórias mais puras e mais belas e que hoje se veste de galas para festejar a mística Serafina do Carmelo.

Prevenida desde a infância com as bênçãos mais preciosas do Céu, a sua existência sobre a terra é um tecido esplendoroso de acções admiráveis e de sublimes virtudes. Ainda era uma criança e já o seu grande coração estava de amor divino, impelindo-a a partir para os sertões adustos e inóspitos da África, a fim de ganhar para Deus inteligências que O não conheciam, corações que O não amavam. Com o desenrolar dos anos, esse amor cresceu de tal sorte que a abrasava sem cessar uma sede ardentíssima de sofrer pelo seu Esposo Celeste, que tanto padecera e numa cruz morrerá para nos redimir e salvar. E era então que os seus lábios virginais soltavam o grito assombroso que com mais veemência que o de Santa Maria Madalena de Pazzi “*padecer ou morrer*”, traduzia a vitória suprema do espírito sobre a carne, o triunfo definitivo da graça sobre a natureza: “*Padecer e não morrer*”!

Águia altaneira, pairando sempre nas regiões mais elevadas do firmamento, foram tão rasgados os voos da sua inteligência, foi tão peregrino o seu talento, foi tão vasto e tão profundo o seu saber que a Santa Igreja lhe conferiu postumamente o título de sua Doutora, tendo sido até hoje em todo o mundo a única mulher que mereceu essa distinção incomparável.

As obras que escreveu, versando tantos e tão importantes e variados assuntos que interessam à vida espiritual, as suas formosíssimas cartas cheias de doutrina segura e sólida, os seus livros de ascética e de mística, verdadeiros modelos no género, e de um modo especial o seu “*Caminho da perfeição*” rivalizam com os produtos das mentalidades mais brilhantes, dos génios mais portentosos que honram a humanidade e constituem um tesouro inesgotável de luzes, ensinamentos e inspirações próprias para exaltar as almas as almas eleitas de Deus ao país do amor, aos paramos da perfeição, às culminâncias da santidade.

Assumindo, por missão celeste, o difícil encargo de reformar a Ordem Carmelita e altamente empenhada em propagar tão benemérita Instituição, multiplicando os viveiros dessas religiosas que, constantemente de mãos postas e olhos erguidos para o Céu, são outros tantos pára-raios que descarregam a tensão da justiça divina irritada pelas culpas individuais e pelas iniquidades colectivas, ela percorre cidades e províncias inteiras num labor indefesso, tendo unicamente em vista a maior glória de Deus e a santificação do próximo.

E no meio desses trabalhos, dessas lutas, dessa actividade fecundíssima, o seu amor para com Deus, torna-se mais terno e afectuoso, a sua vida interior é cada vez mais intensa, e a sua alma une-se mais intimamente, pela oração e pela contemplação, com Aquele que é o objecto supremo de todas as palpitações do seu coração, de todas as aspirações da sua existência.

Ela salvou mais almas no silêncio e na solidão da sua cela, orando e sofrendo, do que muitos missionários com os seus trabalhos apostólicos em terras de infiéis.

Que belo exemplo para tantas almas, almas generosas, sim, mas martirizadas pelo chamado tormento do ideal que, no meio das suas múltiplas ocupações, se julgam incapazes de conservar a união com Deus e progredir na vida espiritual.

Imitai a gloriosa Santa Teresa! Estudai a sua vida, segui os seus exemplos, praticai as virtudes que ela praticou, amai a Deus como ela O amou, e um dia as vossas almas, cheias de graça e de méritos, como a sua alma privilegiada, voarão jubilosas para o seio bendito de Deus, a gozar na pátria celeste, a glória inefável e eterna dos santos. Assim seja.

SOBRE O PURGATÓRIO

(Sermão nº. 14)

É um santo e salutar pensamento orar pelos mortos, para que sejam livres de seus pecados. (2Mac 12,46)

Jamais a palavra santa deverá calar tanto e tão fundo na alma do crente como neste dia consagrado à memória dos que nos precederam no sono da paz com o sinal da fé.

Os ornamentos de luto que revestem as paredes de nossos templos, a pálida luz das tochas que se ajuntam às sombras da morte, as tristes vozes que retumbam sobre as sagradas abóbadas, o vulto sombrio e imponente do catafalco, os lúgubres sons do campanário que vão despertar ao longe o mundano e arrancá-lo a seus prazeres: que majestoso conjunto apto a dispor os espíritos e preparar os corações para ouvir a voz do Senhor! A pintura das cenas (...) ²² todos os sentimentos de piedade para com os mortos. Porque é tão rápida e natural a emoção? Ah! É que a piedade para com os mortos é como uma virtude inata nos nossos corações, em que a natureza a gravou e a religião a conserva, porque é um santo e salutar pensamento orar pelos mortos, para que sejam livres de seus pecados. Nunca admirastes, senhores, o unânime acordo dos povos em honrar a memória dos finados? O religioso cuidado dos egípcios em conservar os corpos de seus pais com uma espécie de incorruptibilidade? O dos gregos e romanos em recolher as suas cinzas em urnas funerais? E essa multidão de monumentos fúnebres, de mausoléus, de túmulos, que a antiguidade erigia em toda a parte?... Quem de entre nós, lendo os nossos Livros Santos, não se comoveu profundamente ao ver o grande respeito dos patriarcas e do povo israelita pelos sepulcros de suas famílias? Tal era, e ainda maior, o respeito religioso dos primeiros cristãos pelos restos mortais de seus irmãos na fé: os seus sepulcros nas catacumbas foram os seus primeiros santuários; os corpos das virgens e dos mártires os seus primeiros altares. Com que piedade e ternura osculavam

²² Folha incompleta em virtude de estar danificada.

os seus ossos sagrados, como augustas ruínas de um templo, que fora consagrado pelo Espírito Santo! Assim a fé inclinava as suas fronteiras diante do pó do pobre ou do escravo, como diante da cinza do rico e do poderoso. Como é que a veneração pelos mortos se enfraqueceu de repente entre os próprios cristãos?... Porque é que o sentimento de piedade para com os que foram, aliás tão consentâneo à índole do coração humano, desaparece com as nossas lúgubres solenidades? Ó deplorável insensibilidade, ó indiferença dos vivos para com os mortos!... Uns descuidam-se de honrá-los, outros dão-lhes honras estéreis!

Urge reanimar a sensibilidade de uns e esclarecer a piedade dos outros; implorar para com os mortos o sentimento de comiseração e os socorros da caridade...

Venho, pois, senhores, falar-vos hoje desse inferno transitório, desse estado de prova e expiação, que a justiça de Deus, de harmonia com a sua clemência, pôs entre o céu e o inferno.

Venho interessar a vossa piedade pelos justos padecentes, que tão esquecidos são, infelizmente, nesse lugar de dores, onde permanecerão até completamente se purificarem das culpas veniais e satisfazerem as penas temporais devidas por seus pecados.

Se as vossas crenças, a santidade do lugar e a solenidade de hoje constituem um penhor seguro da vossa atenção, por outro lado a minha inexperiência e a falta de dotes oratórios, faltas que sou o primeiro a reconhecer, dão-me jus a esperar da vossa generosidade excepcional benevolência, excepcional princípio.

Ainda que os hereges empreguem todos os sofismas para combater o dogma do purgatório, e que o homem sensual viva esquecido da morte, do céu, do inferno e do lugar da expiação, a existência destes lugares é real e verdadeira.

Porque é que o homem criminoso, cuja vida é um encadeamento de iniquidades nega a existência do inferno? Porque, concedendo-a, tem necessariamente de conceder também, que a sua alma não irá para outro lugar depois da morte. Conceder a existência do inferno, e viver na inobservância da lei de Deus, entregue à sensualidade e a outros prazeres mundanos, envolve uma monstruosa contradição. Não convém ao inimigo que haja inferno, e por isso combate e nega a sua existência. Idêntico motivo impele aqueles

que se opõem ao purgatório, dizendo que a existência de um e outro lugar repugna à justiça e misericórdia de Deus. Ah, em quantos delírios cai o homem que se guia por sua extraviada razão! Na existência desses lugares, pelo contrário, senhores, só há a descobrir os mais brilhantes rasgos da justiça e misericórdia, atributos essenciais da Divindade.

A crença num lugar de expiação e o pio costume muito mais de venerar as cinzas e a memória dos defuntos são muito mais antigos que o Evangelho; a história de todos os povos enche de elogios os que veneraram a memória dos mortos; e o Antigo Testamento fala repetidas vezes daqueles varões piedosos que rogaram a Deus pelas almas dos finados, mostrando-nos nisto a existência do purgatório.

Abramos, senhores, o livro de Tobias, e veremos aquele venerando ancião praticando obras de piedade agradáveis ao Senhor. Ele olhava as necessidades alheias como próprias e repartia abundantes esmolas pelos pobres; mas onde a sua piedade sobressaía mais era no zelo com que procurava dar por si mesmo honrosa sepultura aos mortos, oferecendo em sufrágio de suas almas o fruto das boas obras que realizava.

Ouvi as expressões que lhe dirigia o anjo Rafael, depois que na figura de um formoso moço o cumulava de benefícios, bem como à sua família. *“Quando tu oravas com lágrimas, e enterravas os mortos, e deixavas o teu jantar, e os ocultavas em tua casa, e os enterravas de noite, apresentei as tuas orações ao Senhor; e porque tu eras aceite ao Senhor Deus, por isso foi necessário que a tentação te provasse”*. (Tb 12,12-13)

Certo dia, julgando próximo o seu derradeiro momento, este sublime protótipo de piedade, entre outros conselhos que deu a seu filho Tobias, não se esqueceu de lhe recomendar que pusesse o seu pão e o seu vinho sobre a sepultura do justo. (Tb 4,18)

Abramos o sagrado livro dos Macabeus, e aí veremos Judas Macabeu, formoso pelas grandes vitórias que alcançara contra os inimigos de Deus, e mais formoso ainda por sua piedade, enviar doze mil dracmas de prata a Jerusalém para serem oferecidas em sacrificio pelos pecados dos que sucumbiram nos campos de batalha. Prova luminosíssima de que Judas Macabeu cria no purgatório, porque doutra sorte que préstimo teriam aqueles sufrágios, visto que as almas que estão no inferno não precisam deles, porque não há ali redenção?

Não são menos terminantes as provas que se acham consignadas nas páginas do Novo Testamento em favor da existência do purgatório, e que, por motivo de brevidade, me abstenho de enumerar.

Na Igreja Católica houve sempre a mesma crença, sempre se usou nela da piedosa prática de oferecer sacrifícios e sufrágios pelas almas dos defuntos; e é tão conforme à sã razão e dogma do purgatório que em todos os ritos, em todas as liturgias se encontra uma identidade de sentimentos neste ponto; e o árabe, o grego cismático e mil outras seitas reconhecem a necessidade de um lugar de expiação onde se purifiquem as almas que saem deste mundo com algumas imperfeições.

Tertuliano no segundo século da Igreja, exortava piedosamente uma viuva a rogar a Deus pelo eterno descanso de seu marido: Santo Agostinho, o imortal bispo de Hipona, exortava igualmente os fiéis a praticar obras de piedade em sufrágio pelos defuntos, e no livro admirável de suas confissões refere que sua mãe, mais tarde Santa Mónica, pedia sem cessar aos sacerdotes que se não esquecessem de a comemorar em suas orações e particularmente no sacrifício da missa depois que ela falecesse.

O Concílio de Calcedónia elogia a piedade de uma ilustre família, que tinha deixado parte dos seus bens para serem oferecidos em sacrifício pelos seus pecados. E que significa este elogio senão um manifesto reconhecimento do purgatório? Os outros Concílios gerais, e muito especialmente os de Latrão, Florença e Trento, explicam este dogma, e o último anatematiza todo aquele que ousar dizer que pela graça da justificação de tal sorte se perdoa o pecado, que não resta ao penitente pena alguma temporal nem neste mundo nem no outro.

Eis, pois, senhores, a Sagrada Escritura, a tradição, os Padres e os Concílios concordes na existência do purgatório. Que terá que opor a incredulidade? Há, porém, homens, para os quais nenhuma autoridade tem a doutrina da fé; posto que se denominem católicos, nem crêem na Sagrada Escritura, nem se importam com o ensino dos Padres e dos Concílios. Como nos haveremos com estes infelizes, deixando-os rolar de precipício em precipício? Cerraremos os nossos lábios e não procuraremos atraí-los ao conhecimento da verdade? A caridade de Cristo, como diz o Apóstolo, nos constrange (2 Cor. 5,14); e devemos valer-nos de todos os meios possíveis para subtrair

os extraviados ao império do erro. Apresentemos, pois, alguns argumentos de razão, a que deverão atender, se não quiserem ser como os entes que estanciam abaixo de nós.

A existência de Deus é uma verdade que os homens de nenhum tempo, nem de nenhuma seita se têm atrevido a negar. Ainda que mescladas com grandes imperfeições e desfiguradas por um sem número de erros, as nossas crenças e os nossos dogmas foram conhecidos até dos povos do gentilismo.

Ora, concedida a existência de Deus, autor de tudo o que existe, cumpre conceder-Lhe a justiça, porque não se pode conceber um Deus sem este atributo essencial de sua divindade. No mundo existe a virtude e existe o vício; há pessoas justas que, cumprindo conscienciosamente os seus deveres, são caritativas e misericordiosas, úteis na sociedade e amparo do pobre e desvalido. Porém existem também pessoas que, não tendo outra regra de proceder senão as suas paixões, são o flagelo da sociedade que corrompem com os seus depravados costumes e semeiam o luto e a desolação no seio das famílias, por meio do adultério, do roubo, do assassinato ou de outros crimes semelhantes. Que diferença de criaturas! Desde o princípio do mundo viu-se esta mistura de bons e maus; Abel e Caim, Jacob e Esaú são uma prova desta verdade; e sendo Deus a mesma justiça, deixará sem prêmio a virtude e sem castigo o crime? É absurdo pensá-lo, e esta só reflexão tem trazido muitos homens ao conhecimento da existência do céu para prêmio dos bons e do inferno para castigo dos maus. Admitidos, pois, estes dois extremos, necessariamente a própria luz da razão nos faz admitir a existência do purgatório, sob pena de negar em Deus o atributo da misericórdia, que Lhe é tão essencial e para nós da maior consolação. Há pessoas, que podemos chamar boas e que contudo saem deste mundo com alguns defeitos; opõe-se à santidade de Deus que coisa alguma poluta entre na sua morada; aonde, pois, se destinarão essas almas? Acaso ao inferno? Impossível, pois que o Justo Juiz não havia de dar o mesmo castigo ao que cometeu culpas leves e ao que teve uma vida criminosa. Logo entre o céu e o inferno existe um lugar médio, onde se purificam as almas dos escolhidos. Ainda insistirei mais; pode haver um homem que depois de ter passado os seus melhores dias entregue aos vícios e à desordem de sua consciência, vendo próximo o momento da morte, se arrependa de seus crimes e implore a misericórdia do Senhor derramando abundantes

lágrimas. Deus que não despreza o coração contrito e humilhado, aceita aquela dor e arrependimento, usa de misericórdia para com o infeliz pecador e concede-lhe a posse da sua glória. Mas não terá ele de justificar-se antes de entrar na felicidade eterna? Apesar de tantos crimes, voará do leito da morte à mansão do gozo como o justo que viveu na obediência da lei e na prática das virtudes? De modo nenhum; posto que se livrou do inferno pela misericórdia de Deus, cumpre admitir para ele a existência do purgatório, que é, como nos ensina a Igreja, um lugar de tormentos, onde as almas dos escolhidos expiam os seus pecados antes de irem gozar da bem-aventurança eterna.

Mas onde é esse lugar? Qual é a natureza ou qualidade das penas do purgatório? Respeitemos o silêncio da Igreja; não misturemos com os seus dogmas as nossas fracas conjecturas, e sobretudo não exageremos uma verdade já de si assustadora. Todavia para a tornar mais clara comparemos as penas do purgatório com as penas desta vida, ainda que Santo Agostinho nos afirma que os males da vida presente nada têm de comparável com os males do purgatório. Este santo Bispo ouviu um dia certos mancebos que em seu delírio exclamavam: *“Pouco importa o purgatório, contanto que não se vá para o inferno”*. *“Desgraçados, lhes disse ele, calai-vos e sabei que, ainda que reunísseis todos os males que afligem a humanidade, todas as humilhações que os penitentes da primitiva Igreja sofreram, todas as macerações e austeridades que os solitários da Tebaida praticaram em seus corpos, todos os suplícios que os algozes fizeram sofrer aos maiores acelerados, todos os tormentos que os tiranos inventaram para saciar a sua raiva e o seu furor, sobre os membros dos mártires, finalmente todas as torturas que o espírito humano pode imaginar para vencer a paciência dos justos, nada disto é comparável com os tormentos do purgatório”*.

Lembraí-vos, senhores, desses tempos da primitiva Igreja com que os pecadores eram submetidos às provas da penitência pública: contemplar esses penitentes humilhados e arrependidos, separados dos fiéis, excluídos da assistência aos santos mistérios, prostrados às portas do templo, cobertos de cinza e cilício, banhados em lágrimas e condenados a todos os rigores de uma penitência de vários anos. É uma fraca imagem das provas do purgatório.

Oh, se as almas que lá gemem, pudessem trocar os seus horríveis padecimentos por tais penitências, julgar-se-iam em um paraíso antecipado.

Lede os suplícios dos mártires nos cárceres, nos anfiteatros, nos cadafalsos. O chumbo derretido em suas veias abertas; as unhas de ferro em suas carnes pisadas; o azeite a ferver sobre as suas chagas vivas; todos os seus membros ensanguentados pelos açoites; traspassados pelas pontas agudas das rodas; lacerados e mutilados pelo gume das espadas; rasgados pelas garras dos leões e leopardos, dos tigres e das hienas, ou inflamados pela mordedura venenosa das serpentes; lançados finalmente sobre as grelhas em brasa ou no meio das fogueiras, todos esses tormentos, cuja só narração nos faz estremecer, comparados com os das almas do purgatório, seriam ainda, diz S. Cirilo, como um alívio a seus males (S. Cirilo de Jerusalém). Oh, quão horrível é, pois, cair nas mãos de Deus vivo! (Heb 10,31)

Não julgueis, senhores, que eu exagero as penas do purgatório; se o homem não pode formar delas uma ideia, diz Santo Agostinho, como poderia exagerá-las? Os tormentos do purgatório igualam os do próprio inferno, acrescenta S. Cirilo, com a única diferença que os do inferno são eternos e os do purgatório por tempo limitado.

Mas quanto tempo hão-de durar essas provas? Durarão meses? Anos inteiros? Muitos séculos? E até ao dia do último juízo? Oh, quem poderia pensar nisto sem estremecer? Meu Deus! Basta-me saber que um só dia no purgatório é para essas almas padecentes como mil anos de dor na terra para os míseros mortais.

Com efeito, sem nos determos com algumas verdadeiras aparições dos santos, que a Igreja respeita, e que do fundo da sepultura revelaram por vezes à terra os castigos da justiça divina, ouçamos Santo António expondo em uma espécie de parábola a tradição dos primeiros tempos, assim como outrora o Salvador do mundo expunha aos judeus nesta simples linguagem os segredos dalém campa.

“Um enfermo sofria as mais acerbadas dores, e pedia a Deus que o livrasse delas. Apareceu-lhe um anjo sobre o seu leito e disse-lhe: o espírito de Deus manda-me ter contigo para te dar a escolher ou um ano ainda de sofrimentos na terra ou um só dia no purgatório. O enfermo não hesitou: um só dia no purgatório, respondeu ele; eu verei ao menos um termo às minhas dores. Expirou imediatamente, e a sua alma foi introduzida

no purgatório. Então o anjo compassivo veio oferecer-se-lhe para o consolar. Ao vê-lo, o desgraçado dá um grande grito e exclama: Anjo sedutor, enganaste-me; disseste-me que só estaria um dia no purgatório e há vinte anos que nele sofro os mais horríveis tormentos. Alma desditosa, lhe replicou o anjo, estás em erro; o rigor dos teus tormentos faz-te exagerar a sua duração e considerar como um século o que não é mais que um instante. Desengana-te; apenas têm decorrido alguns minutos depois da tua morte, e o teu cadáver está ainda quente sobre o teu leito fúnebre”.

A estas palavras mais aterradoras que o raio essa desgraçada alma sai como de um terrível sonho.

Contudo a esperança, que não a abandonou, reanima-se; o amor renasce mais vivo e impetuoso... Eu ouço-a exclamar com o profeta: *“Eu me tornei a levantar depois de ter estado assentada nas trevas, o Senhor é a minha luz”*; ora com a mística esposa das Cantares: *“Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém que se encontrardes o meu amado, lhe façais saber, que eu estou enferma de amor”*. Depois, voltando-se para Deus, o seu amor frustrado muda-se em dor: *“Se sois meu sumo bem, porque vos mostrais contrario aos meus rogos? Se o desejo de vos possuir causa o meu tormento, porque é necessário que eu vos procure?... Meu Deus, abreviai o meu exílio ou contende a actividade de minha alma... Tornastes-vos cruel para comigo só?”*.

Que luta, senhores, que violento combate! Essa alma livre de sua prisão mortal e desse corpo de barro, que entorpece o espírito, eleva-se para Deus como para o seu centro, extasiada com as suas inefáveis perfeições: um poder invisível porém suspende a rapidez de seu voo... A bondade de Deus e as suas graças sobre excelsas atraem-na com violência irresistível; arremessa-se de novo pela necessidade imensa e urgente que tem de Deus, mas a sua justiça e santidade a isso se opõem e a repelem... Deus ama-a, mas não pode admiti-la enquanto a sua virtude não for provada sete vezes, como o ouro no cadinho.

Cioso da pureza dessa alma, Deus sujeita-a às dolorosas expiações que hão-de restituir-lhe toda a beleza... Procurar um Deus que ama mais do que a si mesma e não poder possuí-Lo! Chegar-se a Ele e ser repelida! Estar certa de que a ama, e não poder gozar da sua presença e de seus favores! Ó Céu, vós sois mais despiadoso, mais

descaroável que o próprio inferno...(S. Gregório e Tes 4,12). Mas “*não vos entristeçais, dir-vos-ei com S. Paulo, não vos entristeçais como aqueles que não têm esperança*”. Vós podeis sem dúvida orvalhar com as vossas lágrimas a sepultura de vossos parentes e amigos; mas não vos limiteis a lágrimas estéreis e ineficazes. Que fruto hão-de tirar os mortos de um sentimento puramente natural, que pode satisfazer por um instante os vossos corações sem aliviar as suas almas? Que lhes importa uma dor vã e inútil? Urge, portanto, juntar aos deveres prescritos pela natureza os que a religião consagrou. E quais são esses deveres, cujo cumprimento a religião espera da vossa piedade? São, vós o sabeis, as orações pelos mortos e as obras de santificação. Não ignorais, certamente, que as almas do purgatório nada podem fazer em seu benefício; o tempo dos méritos passou; caíram nessa profunda noite em que a ninguém é dado praticar o bem. Sós em uma região estranha, não podem de lá sair enquanto não pagarem o último ceitil (Mt 6,26). É a vós, senhores, é a vós que está reservado satisfazer as suas dívidas, resgatar essas pobres almas. Ah, se tivésseis a crueldade de as deixar nesse inferno transitório, faltaríeis a todos os vossos deveres e frustraríeis todos os desígnios de Deus, porque esse Deus, que é sempre Pai e que tem toda a ternura de pai, pôs a sua sorte nas vossas mãos; faz depender de vossas orações o seu livramento, como para estreitar os laços, que vos unem a eles. seu amor, admirável em seus meios, levou-o a suprir assim os socorros que lhes recusa com o socorro tão fácil de vossas orações. Espertai, pois, aviventai a vossa piedade para com os mortos. Ah! adornem outros, embora, o seu féretro de goivos e perpetuas, de açucenas e rosas; espalhem abundantes flores sobre as suas sepulturas, ou cubram-nas de inscrições; quanto as vós espargireis sobre as suas cinzas com as vossas lágrimas o incenso e perfume de vossas orações; intercedereis para com Deus pelas suas culpas, triste efeito da fragilidade humana, e vireis associar-vos às orações comuns de vossos irmãos, a fim de que o seu fervor dê mais força à fraqueza das vossas... Praza a Deus, senhores, que as almas, livres de seus tormentos, pelos nossos sufrágios e virtudes, nos recebam nos eternos tabernáculos. Amen.

8º DIA - DEVOÇÃO À VIRGEM

18 de Junho²³

Novena de S. Luiz

Virgo potens,

Virgo clemens.

Cristãos: Depois do Redentor da humanidade, por entre os muitos astros que rutilam no firmamento do Cristianismo, uma estrela formosíssima, de brilho incomparável, se impõe, de um modo inteiramente especial, à nossa veneração e respeito: é Maria. Adornada com as graças mais singulares, a Santíssima Virgem foi o templo vivo da Divindade e o instrumento da obra mais estupenda que se acha

²³ Não se faz referência ao ano. Como se trata de uma conferência, aparece aqui, depois dos sermões, em apêndice, dado que este documento surgiu muito depois de transcritos e imprimidos os antecedentes. O mesmo se aplica ao documento seguinte – “Duelo Judiciário”.

executada na terra. Anjo de paz e de consolação, ela é invocada onde quer que impera a adversidade, e o seu coração bendito constitui um manancial inesgotável de bálsamo para todas as feridas, de lenitivo para todos os sofrimentos. Por isso ela tem existido sempre no coração dos povos como um pensamento (...) ²⁴ e de glória. As gerações que a precederam aguardavam-na como penhor das mais sublimes esperanças, e as que a seguiram têm-na louvado como fonte perene de graças.

Quando os nossos primeiros pais pecaram no Éden, Deus em sua misericórdia prometeu-lhes que uma nova Eva viria regenerar a humanidade decaída e reintegrá-la nos seus privilégios. Desde então creu-se que uma mulher repararia o mal que a primeira tinha feito. Esta crença consoladora, propaga nos diferentes países que os filhos de Adão sucessivamente habitaram, conservou-se sempre entre os povos com os dogmas da religião primitiva. É Maria que eles mostravam a seus filhos como a estrela do porvir, como o astro mensageiro desses dias gloriosos reservados ao mundo; é em Maria que saudavam na hora do passamento, essa esperança longínqua, penhor das promessas que lhes haviam sido feitas. É sempre a Virgem pisando a cabeça da serpente infernal, sob inúmeros símbolos: umas vezes é a sarça ardente que aparece a Moisés, do meio da qual lhe fala o Senhor, ou o velo de Gedeão que se cobre de celeste orvalho; outras vezes é a vara de Aarão que floresce à porta do tabernáculo, a haste de Jessé, donde brota como uma flor, o Messias. Aqui é uma terra prometida donde manam o leite e o mel; ali é um tabernáculo, onde o Senhor estabeleceu a sua morada; e assim como os heróis do Antigo Testamento figuravam o Salvador, assim também as heroínas de Israel anunciavam a Santíssima Virgem; (pois a fidelidade de Sara, as vitórias de Débora, a formosura de Ester, a intrepidez da mãe dos Macabeus nos representam as suas virtudes, a sua alegria, as suas dores, as suas graças e a sua gloria divina). Salomão compraz-se em pintá-la com as cores mais suaves; vê-a erguer-se entre os filhos de Judá como a açucena entre os espinhos. Os profetas falam a mesma linguagem. Os seus vaticínios são hinos à glória da Virgem e celebram à porfia os seus privilégios.

A crença na Virgem Mãe não foi, todavia, privativa do povo judaico. Percorrei todas as regiões do globo, compulsai os anuais religiosos de todos os povos, remontai à

²⁴ Original danificado, mas depreende-se que a palavra que falta será “amor”.

mais alta antiguidade, e encontrareis sempre a Virgem prometida e o seu divino infante (no Japão, na China, no Paraguai, entre as tribos do norte da Europa e os povos das Gálias, entre os da Ásia e da América). Aqui é uma Virgem que concebe um Deus que encarna para salvar o mundo; ali é uma Virgem fecunda pelo simples contacto de uma flor; além é uma Virgem que os raios do sol fecundam e que, permanecendo sempre Virgem, dá á luz um príncipe e legislador, um filho famoso pelas suas maravilhas, pelos seus prodígios.

Estabelecido o cristianismo e levada a luz do Evangelho até aos confins do mundo, o culto da Virgem surge e desenvolve-se em toda a parte. Os primeiros séculos deram-nos o exemplo, erigindo-lhe um oratório no próprio lugar santificado pelas suas dores. (Uma tradição judaica diz-nos que os cristãos iam orar ao seu túmulo e que mais de cem perderam a vida na perseguição que a sinagoga promoveu, na perseguição contra os que lá se dirigiam).

A breve trecho a Grécia viu também florescer essa devoção tão doce e tão conforme ao génio dos seus povos. As virgens gregas iam cobertas com os seus longos véus, ornar de grinaldas a imagem veneranda de Maria. Nos princípios do terceiro século e por ordem do Papa Calisto I, construiu-se um altar em sua honra no bairro mais populoso de Roma. Outros altares lhe foram em seguida dedicados nos Apeninos e nos Alpes.

Todos os povos da Ásia, da África, da Europa, abraçaram com fervor o culto da Virgem. Os reis consagraram-lhe os seus estados; as rainhas colocavam-lhe aos pés os seus mantos bordados de ouro, e os guerreiros os trofeus de suas vitórias. Toda a Idade Media não é mais do que um hino de amor à Mãe do Redentor. Nas cortes e nos campos de batalha, nos palácios e nas cabanas se inseria o nome da Virgem em todos os cânticos. Se algum lugar havia sido santificado pela sua misericórdia, inúmeras peregrinações ali acorriam de todas as portas. Reis e vassallos, nobres e plebeus, ricos e pobres, todos iam implorar o seu valimento ou satisfazer a dívida da sua gratidão. E nos nossos dias, apesar das paixões e dos sistemas que agitam a sociedade, o culto de Maria conserva ainda a sua pureza e o seu fervor. Nos palácios dos ricos, como nas moradas dos pobres, tributa-se-lhe ainda hoje veneração e amor. É a sua imagem que adorna as

virgens cristãs, é a sua bandeira que as guia nas festas. Em que casa se não achará a sua imagem? Quem não gosta de a possuir, de a trazer sobre o coração? Até o ímpio a venera, e o mais indiferente dos cristãos a implora e invoca!

Como explicar isto? É que esses traços característicos da devoção à Rainha do Céu, esses respeitos tão repassados de fundo amor que por toda a parte lhe tributam, essas homenagens que todos os povos lhe rendem, tudo isso deriva de duas grandes e consoladoras verdades: Maria pode socorrer-nos, Maria quer socorrer-nos.

Cristãos: Eis os títulos que no interesse de todos justificam e recomendam a devoção para com a Santíssima Virgem e cujo desenvolvimento constitui o objecto da minha singela e despretensiosa pratica.

Meu Deus Sacramentado, a Vossa luz e graça para que dos meus lábios saia a palavra que inspire, comova e fecunde o coração de quantos me escutam.

E vós, Senhora, vós que sois a esperança dos aflitos, vede que entre estes estou eu agora por não possuir os recursos necessários para bem desempenhar a minha missão. Virgem poderosa e clemente, por intercessão de Luiz de Gonzaga, esclarecei-me e guiai-me, e a glória será toda vossa.

Cristãos: Se as vossas crenças e a santidade do lugar constituem um penhor seguro da vossa atenção, por outro lado à minha inexperiência e à deficiência de dotes oratórios, deficiência que sou o primeiro a reconhecer, dão-me jus a esperar da vossa generosidade benevolência excepcional.

Princípio: O poder de Maria deve certamente aferir-se pela eminência da sua dignidade. Ora Maria é Mãe de Deus.

Com efeito, é dogma de fé cristã que o Filho de Deus, ou a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, para remir e salvar o homem, houve por bem fazer-se homem como ele, assumindo carne e alma humanas (isto é, a humanidade perfeita) ao que se chama o mistério da Encarnação.

Esta humanidade de que se dignou revestir-se o Filho de Deus, não a quis Ele criar de novo, como criara no princípio do mundo a Adão, mas tomou-a de uma mulher, posto que de singular pureza e por modo maravilhoso, de sorte que se pudesse dizer

com verdade não só que assumia carne, mas carne nossa; não só que se fazia homem, mas nosso irmão pelo sangue; não só, enfim, que nascia de mulher, mas que era real e verdadeiramente descendente, como nós, do primeiro homem e da primeira mulher.

Não há expressão com que seja possível descrever e realçar a dignidade com que a natureza humana foi honrada por esta forma; mas qual seja a dignidade da mulher de cujo sangue o Filho de Deus assumiu a natureza humana não há inteligência por mais alta que o possa compreender, nem imaginação por mais poderosa e viva que seja capaz de o figurar.

Apreciai, considerai quanto pesam e significam estas palavras: Uma mulher trouxe em seu seio, feito seu filho, o próprio Deus; uma mulher deu a carne e o sangue para formar um corpo ao Filho de Deus; uma mulher teve a honra sem par de ouvir chamar-lhe mãe a voz do próprio Deus! Esta mulher é Maria, de quem o Evangelho, para lhe tecer um elogio completo, diz com admirável candura e singeleza: *Maria de qua natus est Jesus* Maria, de quem nasceu Jesus. Que posso eu dizer, bem-aventurada Virgem, exclama Santo Agostinho, se tudo quanto poderia dizer é inferior aos louvores que merece vossa dignidade?... Quereis saber qual é o mérito, a excelência, a sublime dignidade da Mãe? Diz Santo Eucherio, concebei, se é possível, o mérito e excelência do Filho. Só dizer que a bem-aventurada Virgem é Mãe de Deus, ajunta Santo Anselmo, basta para elevar acima de todas as grandezas que podem imaginar-se depois de Deus.

Enfim, só o artífice é superior à sua obra, conclui S. Pedro Damiano: tudo quanto poderdes imaginar de grande, de excelente, de sublime, é inferior à Santíssima Virgem. Depois disto será forçosamente pálido quanto venha a acrescentar-se. Maria teve a plenitude das graças celestiais! Nada de extraordinário, porque a criou o Padre Eterno para que fosse mãe de seu próprio Filho. Foi concebida sem a mácula do pecado original! Mui razoável fora supô-lo, se a fé o não mandara crer, porque nem um só instante sequer podia ser menos pura a que só nasceu para ser Mãe de Deus. A sua vida foi modelo de todas as virtudes, cúmulo de toda a perfeição, lua cheia de todos os resplendores da ordem sobrenatural! E como pô-lo em dúvida, se é impossível supor-se causa diferente de quem trouxe no seio e alimentou aos peitos e embalou nos braços o Unigénito do Altíssimo?

Mas ainda não é tudo. Maria não só é Mãe de Deus, senão que é Mãe de Deus mais do que as outras mães o são de seus filhos. As mães da terra partilham com o pai natural a maternidade. Só Maria, cuja activa conceição foi obra exclusiva do Espírito Santo, não a reparte com pai humano. Por consequência é mais seu filho que todos os demais filhos o são das outras mães. Se alguma mulher há, pois, a quem possa chamar-se mãe e mãe a maior entre todas, é Maria, Mãe de Deus. Maria, porém, foi Mãe de Deus sem que deixasse de ser Virgem, Virgem exornada com a plenitude da graça Virgem impecável por singular privilégio do Senhor. Muitos dos anjos, apesar de serem puros espíritos, sem estímulo de nenhuma paixão, pecaram no Céu: nossos protoparentes, criados como eles em graça, pecaram no Éden. Só Maria, descendente de Adão prevaricador, criada no meio dos perigos do mundo, só Ela não pecou jamais, nem pôde pecar, prevenida, como foi, com dons singularíssimos, nunca conferidos a nenhuma outra criatura. *Tota pulchra es, amica mea!* Toda sois formosa, ó minha amada! Ihe disse o Senhor, e foi tal o encanto de sua formosura, que o próprio Deus, que nos anjos descobriu e notou faltas, não viu nela macula alguma. “*Só Deus, diz Ricardo de S. Lourenço, só Deus, que criou Maria, símbolo e síntese de todas as maravilhas do universo, conhece toda a sua pureza e formosura incomparáveis*”.

As poéticas qualidades que exornam a mística Esposa dos Cantares são aplicadas pela Igreja a Maria. Tão terno e doce era o seu olhar, que prendia e enlevava as almas; tal o seu aspecto que infundia castos efeitos; os áureos cabelos caíam-lhe graciosamente pelos ombros; na fronte se lhe espelhava a serenidade e a paz no plácido semblante. O íris de cores mais vivas não pode cotejar-se com seus lindos olhos e a purpurina rosa invejariam o rosicler de suas faces e os lábios avantajam-se-iam ao coral mais fino. Da boca, como de abundante fonte, manava doçura, qual favo de mel, e o hálito, que difundia, embalsamava o ambiente, como aromático jasmim. A argêntea lua serve-lhe de escabelo, diadema de astros refulgentíssimos cinge-lhe a fronte e o sol veste-a com seus raios puríssimos. Que beleza há, pois, que não fique ofuscada pela formosura de Maria? O tempo, com mão destruidora, vai roubando e extinguindo, uma a uma, as graças mais formosas e louças, e a que hoje parece uma portentosa beleza, amanhã emurchece e seca, como flor mimosa cortada por mão descarável; mas em Maria nunca

murcharam os encantos e primores; mimosíssima saiu das mãos do Criador, e o tempo só lhe aumentou novos encantos... e a morte, ao dar-lhe, receosa, o golpe final, encontrou-a ainda mais bela! Glorificado seja o Senhor em tão precioso espelho de formosura!... Não havendo (depois de Deus) outra criatura mais perfeita que Maria, nem dignidade maior que a sua, deve corresponder-lhe um poder incomparável. Demais, sendo como é, verdadeira Mãe de Deus, que pode recusar-lhe seu Divino Filho, ordenando-nos Ele com santa autoridade que obedeçamos submissamente a nossos pais? Logo não há dúvida que o poder do Filho é o poder da Mãe e que, sendo aquele infinito, impossível se torna reconhecer limites ao poder de Maria.

De que nos serviria, porém, que a Virgem Santíssima fosse, para que assim o digamos, onnipotente, se Ela não intercedesse por nós diante de seu Divino Filho? Se não pudéssemos obter o seu valioso auxílio? Por ventura a majestade dos poderosos, em lugar de atrair, não desvia de seu tracto os pobres e humildes? Efectivamente assim acontece com os grandes da terra; hoje distinguem-nos com a sua amizade e amanhã no-la retiram e, o que é pior, trocam em gélida indiferença, para não dizer em ódio, as demonstrações de affecto que antes nos prodigalizavam. Não sucede o mesmo com Maria, cujo Coração amantíssimo se desvela por quantos a invocam. A seus olhos nivelam-se todos os estados e condições; para Ela não há sábios e ignorantes, ricos e pobres, nobres e plebeus e atende muitas vezes com mais carinho o infeliz que dorme no duro chão do que o milionário que se recosta em fofo leito de penas. Primeiro deixará o sol de aquecer e o orvalho de refrescar do que Maria de escutar os gemidos da indigência que se acolhe ao seu amparo e protecção. Santo Anselmo assevera que não raro as nossas preces são atendidas com maior prontidão clamando pela Virgem do que invocando o dulcíssimo nome de Jesus, não porque Maria seja mais poderosa do que Jesus, pois todo o seu poder deriva de seu Filho, mas porque Jesus, provocado talvez por nossas culpas, reveste-se de severidade de Juiz, ao passo que Maria, que é toda doçura e esperança nossa, como compassiva e terna mãe, cobre-nos com seu manto e alcança-nos de Deus misericórdia e perdão.

Escutai Santo Epifânio e ele vos dirá que Maria é toda olhos para esquadrihar nossas misérias. Quem alguma vez recorreu ao seu amparo que não obtivesse remédio

ou consolação para os seus males? Tem a Virgem Santíssima. coração tão terno que não pode ouvir queixumes sem que minore e alivie o sofrimento que os produz, nem ver derramar lagrimas que as não enxugue e estanque, nem sequer sentir necessidades a que logo não proveja.

Uma prova bem frisante da ternura do seu coração nos deu Ela nas bodas de Caná, quando, ao saber que faltaria o vinho no meio do jantar, para poupar aos esposos a vergonha que esse incidente lhes causaria, se dirigiu espontaneamente a Jesus, conseguindo Dele a realização do seu primeiro milagre, o grande milagre da conversão da água em vinho.

Razão de sobejo tinha, pois, S. Bernardo em afirmar que as misericórdias da Virgem Imaculada enchem o mundo inteiro; de sorte que, como não conhece limites o seu amor para obter-nos graças, assim não tem margens o mar de sua misericórdia para alcançar-nos o perdão de nossos pecados.

E donde procedem, inquirir-se-á, donde procedem em Maria Santíssima tais extremos de caridade para conosco?

Várias são as fontes de seu carinhoso amor.

A *primeira* é a sua excelsa grandeza. Foi sempre próprio de corações magnânicos, porque o bem é de sua natureza difusivo, derramar os seus tesouros em corações pobres e miseráveis.

A *segunda* é a sua excelsa gratidão. Maria não olvidará jamais que por nossa causa foi proclamada bem-dita entre todas as mulheres; que, se não houvéssemos contraído a culpa de Adão, o Verbo Divino não teria vestido o pobre cendal da nossa carne e a filha de Joaquim não teria sido exaltada à incomparável altura da maternidade divina. Como, pois, não há-de ela ser generosa para conosco, pobres pecadores, considerando que para remédio e cura de nossos males a exornou o Altíssimo com toda a sorte de privilegios e prerrogativas?

Outra fonte de amor que Maria nos consagra é o zelo da glória de Deus, em virtude do qual ninguém como ela deve regozijar-se com o triunfo do Salvador sobre os inimigos capitais das nossas almas. Sendo assim, como negará o seu auxílio e favor aos que a invocam nos rudes combates deste mundo?

Finalmente, Ela é nossa mãe e mãe tão carinhosa e desvelada que, se comparássemos o seu amor com os de todas as mães juntas, seria este qual ténue faísca centelha em face do abrasado vulcão que por nós arde no Coração de Maria; e não se julgue que isto seja exageração: porque, quando o Salvador, suspenso na cruz, no-la deu por mãe na pessoa do discípulo amado, dizendo: “*Eis o Teu Filho*” assim como S. João, representando-nos a todos em dia tão lutuoso, a tomou por sua mãe querida, assim Ela, aceitando-nos por filhos, a nós consagrou todo o amor que votava ao seu Jesus.

E como supor que assim não fosse, como pensar que Maria não nos amasse, que visse até sem comoção perecer aqueles homens por quem tão generosamente fez sobre o Calvário sacrifício de seu Filho? Acaso poder-se-á crer sem crime que Maria se esquece hoje daqueles novos filhos que o Redentor morrendo lhe recomendou na pessoa de seu discípulo?

Como, Virgem Santa?! O desejo da salvação dos homens, qual sede ardente, abrasou o vosso Filho, e vós não teríeis para nós, connosco, mais que indiferença? Ele se abateu para nos salvar, e vós só serieis exaltada para nos abandonar à morte eterna? Ele nos amou até descer do seio da sua gloria aos horrores da morte, e vós perderíeis, ao entrar na glória, a lembrança daqueles mesmos que amáveis antes de morrer? Ele não subiu ao Céu senão para nos elevar a Si, e vós, depois de terdes subido àquele lugar de delícias, negaríeis estender-nos a vossa mão propícia? Ele, mesmo sentado à dextra de Seu Eterno Pai, não cessa de oferecer por nós o sacrifício que uma vez ofereceu sobre o Calvário e vós, satisfeito de o haverdes oferecido então, esquecer-vos-íeis agora de nos aplicar os seus frutos? Ele é aquele bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, e vós serieis uma mãe desumana que deixa perecer seus filhos depois de lhes ter dado o ser?

Oh! não, não sejamos blasfemos! Tanto foi Eva para nós uma madrasta, como Maria é e será sempre nossa boa Mãe. A primeira, ah! Não pode ser chamada senão mãe de morte, porque seus filhos morrem antes de nascer; Maria, pelo contrário, é propriamente mãe da vida e dos vivos, porque gerou e deu à luz Jesus Cristo com todos os seus membros e com Ele nos deu um segundo nascimento, um segundo ser, uma nova vida. Não, Ela não pode deixar de comover-se à vista de nossas misérias, não pode cerrar o seu coração à clemência, os seus ouvidos aos nossos clamores. Basta saber que

é nossa mãe, para julgarmos que desde o alto do Céu não lança sobre nós senão vistas de ternura e misericórdia.

E o que não ousaremos esperar de amor tão inefável, unido com um poder sem limites? Maria, como diz S. Pedro Damiano, Maria é rainha absoluta na monarquia de que é Rei seu Filho, e depositária de todos os seus tesouros, de toda a sua riqueza, de toda a sua autoridade. Tal e tanta é a grandeza e majestade de Maria, que a natureza a admira, os anjos a reverenciam e os homens a comemoram, o Céu se desvanece com as suas glórias e nela a terra reconhece um íris de bonança quando rebrame e braveja a tempestade.

Recorrei, pois, à Santíssima Virgem Maria com toda a confiança. Eu vo-lo rogo com S. Bernardo. Vós todos que vogais sobre o mar tempestuoso deste mundo e que quereis escapar ao naufrágio, não percais, oh! não percais nunca de vista esta estrela misteriosa: *Respice stellam!*

Se o vendaval da tentação se desencadeia sobre vós, se sentis a vossa coragem prestes a soçobrar de encontro ao rochedo das tribulações, invocai, invocai Maria: *Voca Mariam!*

Se o espírito do orgulho tenta seduzir-vos, se o verme da inveja busca roer o vosso coração, se o visco da avareza se esforça por aderir à vossa alma, invocai, invocai Maria. *Voca Mariam!*

Se o engodo da voluptuosidade desassossega a vossa virtude, se o veneno do ódio se insinua nos vossos pensamentos e afeições, se os transportes da ira vos roubam a quietação da vossa consciência, invocai, invocai Maria: *Voca Mariam!*

Se a consideração das vossas infidelidades e o temor dos juízos de Deus vos imergem na melancolia e na desesperação, invocai, invocai Maria: *Voca Mariam!*

Numa palavra, em todas as vossas dúvidas, em todos os vossos combates, em todas as vossas mágoas, em todas as vossas aflições, em todas as vossas necessidades e em todos os vossos perigos, atirai-vos, atirai-vos com confiança a seus braços maternos: *Accedite, filii, cum fiducia ad matrem!* Ela é nossa Mãe. E qual é o filho que não se aproxima de sua mãe, cheio da mais doce confiança? Ó Virgem, infelizes dos que

sofrem sem conforto e a Vós não recorrem, porque não conhecem toda a ternura do vosso coração maternal!

Seguindo-A, nunca vos transviareis. Pensando nela nunca errareis. Se Ela vos segura pela mão, não caireis. Se Ela vos protege, nada tereis que recear. Se Ela vos conduz, nunca vos fatigareis. E se Ela vos é propícia, entrareis infalivelmente no porto da salvação, que é a ventura que do fundo da alma vos desejo.

DUELO JUDICIARIO

Sumário da conferência

Definição do duelo judiciário. Sua origem e natureza. Legislação de Grécia e Roma e dos antigos povos do Oriente. Códigos civis das nações medievais. Oposição dos soberanos cristãos contra o duelo judiciário. O duelo judiciário e a Igreja. Juízos de Deus. Carácter supersticioso dos juízos de Deus e do duelo judiciário.

O duelo convencional público.

Definições e noções prévias. História do duelo convencional privado. As ligas e os duelistas. Juízo sobre o duelo. Doutrina da Igreja católica. Testemunhos dos filósofos. Dupla malícia do duelo. O duelo e o direito de legítima defesa. O duelo e o direito coactivo da sociedade. O duelo e a reparação da honra lesada. O duelo preconceito social. O duelo no exército. O duelo nas universidades alemãs. As *Studentenmensen*. A *Freie Studentenachft*.

O duelo e as leis repressivas do duelo.

Concílio de Trento. Constituições “*Illius virus*” de Clemente VIII e “*Detestabilem*” de Bento XIV. Bula *Apostolicae Sedis*, de Pio IX. Código Civil. Código militar. Legislação militar italiana. Os tribunais de honra na legislação da Republica Portuguesa.

1ª Parte: Do Duelo Judiciário

Tese

O duelo judiciário pode definir-se um combate singular ordenado ou permitido pelas autoridades públicas segundo as leis estabelecidas e como meio de chegar a reconhecer o bom direito numa causa em litígio.

Em todos os tempos, mas sobretudo nas épocas de barbárie, os homens recorreram ao emprego de meios violentos para defender os seus direitos. Muitas vezes até, entre os povos mais atrasados, a força bruta substituiu a lei e a justiça, confundindo-se a força com o direito. mas o que é certo é que nas civilizações antigas ou nas sociedades que, na falta de uma civilização adiantada, oferecem nas suas instituições pelo menos um esboço de organização judiciaria, nada se encontra que se assemelhe ao duelo judiciário tal como o definimos. Na Palestina, na Grécia, em Roma, na Gália e na Germania, entre os antigos povos do Oriente, entre os Celtas e finalmente no meio dos povos selvagens da África, da Ásia e da Oceânia, nada manda o duelo, pelo menos o duelo judiciário.

Só nas nações de raça germânica, depois da sua conversão ao cristianismo, é que aparece, de um modo certo e indubitável, o duelo judiciário. É empregado como meio de provar ou de contestar uma acusação, em lugar ou antes na falta dos outros meios. O duelo é absolutamente excluído das leis dos Godos, sobre as quais a Igreja exerceu mais directamente a sua acção. Os Eslavos do século X parecem ter conhecido o duelo judiciário. As leis anglo-saxónicas nem sequer fazem menção dele. Entre os Lombardos o uso do duelo judiciário era frequente. As leis de Rotário e Grimaldo sancionam-no, Luitprando tolera-o. Sob os imperadores e reis carolíngios essas leis continuaram em vigor, com algumas modificações de character accidental. Os duelos judiciários abundam sobretudo do século X ao século XII. Devido à sua profunda ignorância das leis, os juizes, incapazes não raro de discernir quem tinha razão, permitiam ou mesmo

ordenavam o duelo para todas as causas, quer civis quer criminais. A procedura canónica reprovava o duelo, mas os bispos, como senhores temporais, eram muitas vezes obrigados a permiti-lo. O duelo era, em geral, proibido aos servos. O vencido, nas causas criminais, sofria a pena devida ao crime de que era acusado ou acusador; nas causas criminais perdia a causa e além disso pagava uma multa à justiça. Diversos reis e imperadores, como S. Luís de França, (?)²⁵ da Dinamarca e Frederico II da Alemanha, tentaram debalde opor-se ao duelo judiciário. Apesar dos seus esforços, apesar das proibições da Igreja, ele persistiu ainda por muito tempo.

Estudemos atentamente a evolução histórica do costume do duelo judiciário entre os povos germânicos, onde ele teve a sua origem. Estes povos eram extremamente ciosos da sua independência, como já Tácito notava. O poder dos reis e dos outros chefes era limitado. Os negócios mais importantes eram discutidos e resolvidos nas assembleias dos homens livres. E se neles se administrava a justiça, esta quase que não se ocupava senão dos delitos graves contra a nação ou a segurança pública: traição, deserção, cobardia diante do inimigo, conduta publicamente escandalosa. Os outros delitos, como o roubo e o homicídio, regulavam-se fora das assembleias, por meio de transacções, pelo pagamento duma multa, cuja aceitação dependia da família da vítima. Por outro lado o direito de guerra era reconhecido a todos os homens livres e é sem dúvida neste sentido que se deve entender o que diz Valério Patérculo, *“que eles tinham o costume de terminar as suas contendas por meio das armas”*. Estabelecidos os bárbaros em territórios mais restritos, para logo se impor uma administração mais estável e mais regular, a legislação romana oferecia-lhes sob o ponto de vista da ordem e segurança pública vantagens incontestáveis. Mas a sua adopção só pouco a pouco se pode fazer, como é claro. Os códigos primitivos dos povos germânicos esforçam-se por definir os crimes e delitos contra as pessoas e a propriedade, determinar a composição para satisfazer o ofendido ou a sua família e depois fixar as formalidades da procedera a seguir e das provas a fazer nas acções judiciais. Essas provas reduzem-se ordinariamente à produção de um número maior ou menor de testemunhas, segundo a gravidade do delito imputado, os quais garantam, sob juramento, a inocência do

²⁵ Palavra ilegível.

acusado, se se trata duma causa criminal, e a verdade das suas asserções nas causas civis. Se não há testemunhas ou há, mas em número insuficiente, se as suas afirmações se contradizem ou o seu depoimento é recusado como suspeito de falsidade, o juiz reduzido às últimas extremidades, para sair da sua situação embaraçosa, não tem outro recurso senão o duelo. Via-se neste facto uma pura aplicação do direito de guerra, em razão da ineficácia dos outros meios? Andava anexa nalguma medida a ideia duma intervenção divina por meio de um milagre na falta doutras provas? Nesta segunda hipótese seria então o duelo uma prova do juízo de Deus e não era considerado como legítimo senão quando a autoridade judicial e não o capricho das partes mandava recorrer a ele.

Até aqui nós não vemos nenhuma prova da intervenção da Igreja na introdução do duelo judiciário. Não se encontram vestígios dele nas leis que mais experimentaram a sua influência salutar, como as dos Godos e dos Anglo-Saxões.

No decorrer das idades os Sumos Pontífices condenaram o duelo frequentes vezes e de um modo peremptório.

Nicolau I chama-lhe *tentação de Deus*, um costume contrário à lei divina e aos Santos Padres. Estevão VI, Alexandre II e Inocêncio II profligam os juízos de Deus (em geral) e o próprio duelo judiciário. Alexandre III, reprovando o duelo, chama-lhe juízo execrando, proibido pelos Santos Cânones. Celestino II qualifica-o de verdadeiro homicídio. Finalmente Honório III apelida-o de processo detestável, tão contrário à equidade como ao direito escrito.

Em face de quanto fica dito, temos o direito de concluir como (?)²⁶ no seu livro *Le duel judiciaire et l'Eglise*: “Desde a origem, e em todo o decurso da idade média, a Igreja nunca aprovou a instituição do duelo judiciário e protestou muitas vezes contra ela pelo órgão dos seus doutores e dos seus bispos mais distintos pelos seus talentos e pelas suas virtudes, dos seus concílios e dos seus Sumos Pontífices. Jamais a legitimidade do duelo foi proclamada ou formalmente admitida por algum Papa, por algum Concílio, nem mesmo por algum bispo falando como pastor das almas”.

²⁶ Nome ilegível.

O argumento de razão natural e teológica, aquele que nos é sugerido pelo senso comum e pela consciência esclarecida pela fé, é exposto magistralmente por Leão XIII na sua Carta Apostólica aos bispos da Alemanha, de 12 de Setembro de 1891. *“As duas leis divinas (natural e positiva) proibem formalmente que alguém, fora duma causa pública, mate ou fira o seu semelhante, a não ser para defender a sua vida e forçado pela necessidade. Ora aqueles que desafiam para um combate singular ou, se ele lhes é proposto, o aceitam, têm por fim e esforçam-se, sem serem impelidos a isso por alguma necessidade, por arrancar a vida ao seu adversário ou pelo menos feri-lo. As duas leis divinas proibem expor temerariamente a vida afrontando um perigo grave e manifesto, sem que nenhum motivo de dever ou de caridade heróico os leve a isso; ora esta temeridade cega, que despreza a vida, está absolutamente na natureza do duelo”*.

Na acção moral do duelista há duas coisas a considerar, o *fim* e o *meio*: o *fim*, isto é, o que ele pretende obter ou conservar; o *meio*, que é o próprio duelo. Meio perigoso, sem dúvida? Ele expõe a sua vida e a do seu adversário. É verdade que expor a vida própria ou alheia a um perigo grave de morte ou de ferimento nem sempre é uma causa culpável e proibida, mas é uma causa perigosa, e para justificar esse perigo é necessária uma razão suficiente, uma razão proporcionada à própria gravidade do perigo. Se o duelo fosse em caso de legítima defesa, esse perigo estaria justificado. Mas há uma diferença profunda entre o caso de legítima defesa e o duelo. No primeiro caso trata-se de defender contra uma agressão injusta e súbita, bens de que se está de posse. O único meio eficaz de o conseguir é o recurso à violência defensiva. E a razão decisiva que a justifica neste caso é a demora (?)²⁷ da vindicta pública, que já chegaria tarde para impedir o atentado. Mas evidentemente já não sucede o mesmo quando o adversário ataca a minha honra. A honra não se perde, como a vida, num instante.

No duelo a luta não se verifica na própria agressão; é em consequência de uma convenção, às vezes precedida de longas conferências, regulada pela intervenção das testemunhas, que os adversários se encontrarão no campo da honra. Por outro lado, o duelista não se bate para se preservar de uma ofensa, mas para a reparar. Não é pois uma maneira de defender, de proteger a honra própria. Trata-se aqui de recuperar a honra;

²⁷ Palavra ilegível.

não é a vítima de uma agressão injusta resistindo pela força àquele que quer expoli-la; é a vítima de uma exploração já consumada que vem com as armas na mão, reclamar os seus bens aquele que se apoderou deles e que já os possui pacificamente. Subverter-se-ia a ordem social, se cada um pudesse fazer justiça por suas próprias mãos, e nada seria mais diferente do caso de legítima defesa.

Objecções (em favor do duelo no exército)

O duelo no exército é uma escola de coragem e de intrepidez. Dá ao militar o hábito de se servir das suas armas e ensina-o a contar com elas para a salvaguarda da sua vida e da sua dignidade pessoal, excita e aumenta a sua bravura, habitua-o à ousadia como ao desprezo do perigo, assegura-lhe o respeito dos seus camaradas. Suprima-se a perspectiva de encontros à mão armada e os quartéis tornam-se imediatamente teatros de boxe e de pugilatos perpétuos.

R. Diferença entre o duelo e a guerra. Respeito humano e fuga.

Os Romanos gostavam de ver os combates corpo a corpo, os assaltos de ousadia e de vigor.

R. Não tinham o duelo, Duque de Guise, Frederico o Grande, Napoleão. O duelo autoriza um grande número de cobardias. Marinha francesa, oficiais ingleses, japoneses, turcos.

O duelo é um exercício de bravura, uma lição de honra, de respeito da própria pessoa e da boa camaradagem.

Os Papas mostraram às vezes para com os clérigos uma fácil e pronta indulgência. Alexandre II e Alexandre III concederam dispensas ou absolvições depois dos duelos. 1202.

Juízo sobre o duelo

1º. *Argumento:*

O argumento de autoridade. Papas, Concílio de Trento, Papa Pio IX e a *Const. Ap. Sedis*, explicação da censura, João J. Rousseau, Schopenhauer e Emilio Laisset.

2º. Argumento:

a) Leão XIII. Exposição do argumento: Na acção moral do duelista há duas cousas a considerar: o fim e o meio. O meio é o duelo. É um meio perigoso. Há grave perigo de ferimento ou de morte própria ou do adversário. Para expor a própria vida e a do próximo a semelhante perigo deve haver uma razão suficiente. O duelo não é um caso de legítima defesa. Não se trata de defender contra uma agressão injusta e súbita, bens que se possuem e em que o meio eficaz de defesa é a luta à mão armada, porque a protecção social já chegaria tarde. No duelo não se trata da preservação de uma ofensa, mas da sua reparação, não se trata de defender, mas de recuperar a honra, não se trata da defesa contra uma agressão injusta, mas da vindicta de uma espoliação já consumada;

b) O recurso ao duelo como meio de exercer vingança não justifica o duelo. O direito de vingança não pertence aos simples particulares. Os próprios defensores do duelo condenam o instinto de vingança. Nem tão pouco a função do ofensor justifica o duelo. O direito de punir, como o de vingar, pertence à sociedade e não aos cidadãos.

Leão XIII. O duelo coloca o ofensor, às vezes mais forte, mais ousado e mais brutal, no mesmo pé de igualdade em que o ofendido. É reduzir o juiz ou o executor da justiça a lutar com armas iguais contra aquele que lhe incumbe punir.

c) A reparação da honra lesada não justifica o duelo. Há outros meios, e mais eficazes, de reparar a honra. Há o recurso aos tribunais e a árbitros. Havendo outros meios eficazes não há o direito de expor um bem tão precioso como é a vida própria nem de procurar a morte ou a mutilação do próximo.

